

Turismo, Cultura e Natureza em Minas Gerais

SAGARANA

revistasagarana.com.br



25 anos de uma longa travessia



**CONSELHO REGIONAL DOS TÉCNICOS
INDUSTRIAS DE MINAS GERAIS
(CRT-MG)**



**Presidente Nilson Rocha:
a atuação do técnico industrial é
relevante em todas as áreas**

“

Considero que não há área em que a atuação do técnico industrial não seja relevante”, afirma Nilson Rocha, presidente do Conselho Regional dos Técnicos Industriais de Minas Gerais (CRT-MG).”

Às vésperas de completar sete anos de existência, em 9 de janeiro de 2026, a entidade tem muito a comemorar. Um dos fundadores da autarquia, Rocha conta que o CRT-MG começou do zero e enfrentou com coragem e determinação o desafio de representar todos os técnicos industriais de Minas Gerais, zelando para que os profissionais sob a sua égide sejam valorizados e exerçam as suas atividades de maneira ética, contribuindo para o crescimento de Minas Gerais e do Brasil.

Normatização e fiscalização de profissionais

O CRT-MG está integrado a um sistema maior, o Conselho Federal dos Técnicos Industriais (CRT) com sede em Brasília, que atualmente conta com 11 conselhos regionais. “Devido a questões relacionadas ao número de profissionais e à arrecadação, nem todos os estados da Federação possuem um conselho regional próprio”, explica Nilson Rocha. Com sede em Belo Horizonte e subsede em Ipatinga, no Vale do Aço, o CRT-MG tem atuação em todo o estado.

A categoria foi criada pela Lei nº 5.524, de 1968, mas sua regulamentação só veio em 1985, por meio do Decreto nº 90.922. No entanto, somente em 2018, através da Lei 13.639, a classe deixou de ser representada pelo sistema Confea\Crea.

Passou a ter conselho próprio, para normatização e fiscalização de profissionais. Com muita dedicação e foco na eficiência, a instituição tem como atividade-fim a fiscalização. “Quando identificamos irregularidades em empresas ou municípios, enviamos fiscais para verificar a situação”, explica Rocha. Dentre as principais ocorrências, destacam-se a ausência de registro profissional, que caracteriza exercício ilegal da profissão, e a atuação de pessoas sem a devida qualificação em tarefas específicas. “Estamos sempre à disposição para atender às necessidades e reivindicações da categoria”, acrescenta ele.



A sala dos funcionários responsáveis pela fiscalização.

Proteger a sociedade

Ao garantir a qualificação e o conhecimento técnico dos profissionais, o CRT-MG também protege a sociedade da ação de pessoal não qualificado. Quando chegam denúncias de irregularidades ou problemas relacionados ao trabalho de um profissional, os fatos são investigados. “Essas ações são embasadas em nosso código de ética e conduta, que deve ser seguido por todos. Em caso de descumprimento, o profissional pode ser alvo de processo ético e está sujeito a sanções, inclusive a perda da habilitação”, diz Rocha.

Para evitar que situações assim ocorram, o CRT-MG estimula os técnicos industriais a buscarem a melhor formação possível. “Temos enviado vários profissionais para fazer cursos de especialização e capacitação”, afirma. “Isso é importante porque o

técnico adquire uma bagagem de informação que vai além do que o diploma dele permite que ele tenha conhecimento”.

A entidade também investe na busca de novos talentos, promovendo ações que despertem o interesse pela carreira, como a participação em feiras e eventos voltados para a educação técnica e a promoção de palestras e visitas a escolas para que os jovens tenham mais opções na hora de escolher uma profissão. Além disso, mantém contato com órgãos estaduais de educação e desenvolvimento econômico para viabilizar o acesso a cursos técnicos gratuitos. No plano político, dialoga com a Frente Parlamentar de Defesa da Assembleia Legislativa de Minas Gerais com o objetivo de aprimorar as políticas públicas para o setor.



A sala dos profissionais responsáveis pelas licitações.

Esclarecer o público

Outra frente importante de trabalho do CRT-MG é estabelecer contato e levar informações ao público externo. “Como somos um conselho relativamente novo, há entidades e poderes constituídos que ainda não nos conhecem” diz o presidente Rocha. “Fazemos um trabalho intenso, de formiguinha, enviando nossos conselheiros, fiscais e funcionários a determinadas cidades para nos apresentarmos”. Há situações, por exemplo, em que a administração de um município lança um edital no qual não consta a figura do técnico: “Eu mesmo já estive, pessoalmente, em várias prefeituras, conversei com vários prefeitos e a aceitação é sempre boa. Não temos dificuldade em dialogar com os nossos políticos. Além de fiscalizar o exercício profissional, também assumimos a função de esclarecimento para o público externo”.

O bom relacionamento com todos os envolvidos, de uma maneira ou outra, na prestação de serviços administrativos é fundamental, já que o CRT-MG muitas vezes trabalha ao lado de instituições como a Defesa Civil, Corpo de Bombeiros e órgãos de preservação do patrimônio histórico e cultural. Segundo Nilson Rocha, os técnicos industriais em meio ambiente, urbanismo, mineração, agrimensura e outras áreas relacionadas desempenham um papel crucial na conscientização sobre o efeito dos eventos climáticos extremos. É o que ocorre, por exemplo, em cidades históricas como Ouro Preto, especialmente em situações que demandam atenção especial, como na ocorrência de chuvas fortes ou queda de granizo.



Sala do Atendimento. Por meio da plataforma Técnico que Faz, a autarquia conecta os técnicos industriais registrados.



Sala da Dívida Ativa. Rapidez e eficiência em todos os setores do CRT-MG.

Rapidez e eficiência

O CRT-MG está sempre em busca de ferramentas de comunicação e gestão para prestar um atendimento cada vez mais rápido e eficiente. “Atendemos grande parte dos nossos profissionais virtualmente, por meio de um sistema unificado que se comunica em todo o Brasil, o que permite que um técnico registrado em Minas Gerais possa exercer sua profissão em outros estados”, explica Rocha. A plataforma de inteligência artificial BLIP e o assistente virtual Tecmig otimizam o tempo de resposta para as dúvidas e demandas que chegam pelos principais aplicativos de mensagens. Para ampliar o escopo do atendimento presencial além dos limites físicos da sede e da subsede da

autarquia, foi desenvolvido o projeto CRT-MG na Estrada, espécie de escritório itinerante instalado em uma van que percorre as estradas mineiras para levar informações e suporte técnico ao interior.

Por meio da plataforma Técnico que Faz, a autarquia conecta os técnicos industriais registrados a empresas, prefeituras e pessoas físicas em busca de serviços qualificados. Com 190 modalidades técnicas em oferta e acesso a licitações públicas, a ferramenta impulsiona o mercado formal e estimula o empreendedorismo.

Respeito e confiança para a classe

Comprometida com o desenvolvimento de um mercado de trabalho mais justo e igualitário, o Grupo de Trabalho Mulheres em Construção, criado em 2023, encoraja as técnicas industriais a ocuparem espaços de liderança em encontros e palestras. Promove, ainda, ações voltadas para jovens estudantes para que elas conheçam as possibilidades de trabalho da categoria.

O segundo mandato da diretoria encabeçada Nilson Rocha se encerra em junho de 2026. Técnico industrial em metalurgia, nascido em Caeté, ele está envolvido na luta pela valorização da profissão há décadas. Foi presidente de uma associação de técnicos em Itabira, cidade da qual é cidadão honorário, e um dos fundadores do Sindicato dos Técnicos Industriais de Minas Gerais. “Junto com um grupo de abnegados técnicos industriais, ajudei a fundar o CRT-MG”, lembra.

Em dois mandatos com quatro anos de duração, sob a sua liderança a classe conquistou o respeito de empresas e órgãos públicos e a confiança dos profissionais registrados. “Queremos deixar o conselho numa situação tranquila, em seus devidos trilhos, bem azeitado, para que a próxima gestão não tenha os mesmos problemas que tivemos ao começar do zero”, afirma ele. “Se bem que nem diria do zero, diria do negativo, porque não tínhamos nada, nem sequer uma caneta para trabalhar. Tivemos que nos virar para deixar o conselho no ponto que está hoje”.

A sensação que fica é de dever cumprido. Instalado numa casa na região da Pampulha, o CRT-MG proporciona um ambiente de trabalho agradável para seus colaboradores, cuja boa convivência e o respeito mútuo são evidentes para o visitante. Uma equipe dedicada a construir um futuro melhor para os técnicos industriais.



O presidente Nilson Rocha lidera uma equipe dedicada a construir um futuro melhor para os técnicos industriais.

ÍNDICE



Cavernas do Peruacu, Patrimônio da Humanidade

O Parque Nacional Cavernas do Peruacu — localizado no Norte de Minas Gerais, entre os municípios de Januária, Itacarambi e São João das Missões —, conserva um dos mais valiosos patrimônios arqueológicos e geológicos do Brasil. Em julho de 2025, o Peruacu foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Mundial Natural da Humanidade.

Delfinópolis, Rota do Queijo e Ecoturismo

O município de Delfinópolis, conhecido como “paraíso do ecoturismo”, agora faz parte da Rota do Queijo Canastra que, junto às lindas paisagens da Serra da Canastra, tem nas queijarias premiadas, e também nas fazendas produtoras de cafés especiais, atrativos irresistíveis para os turistas, principalmente porque o Queijo Minas Artesanal tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, uma chancela da Unesco.



Círculo Liberdade, 15 anos

Com mais de 50 equipamentos culturais, o Círculo Liberdade completou 15 anos em março de 2025 oferecendo atrativos multifacetados da riqueza histórica e cultural de Belo Horizonte e de Minas Gerais.



Experiências turísticas na Rota da Cordilheira do Espinhaço

A Rota da Cordilheira do Espinhaço revela experiências turísticas inigualáveis e exuberantes atrativos turísticos. Os atrativos se espalham desde a Vila de Biribiri até a passagem pela magnífica Diamantina e seguindo cordilheira abaixo rumo ao Serro.



Os 50 anos do Grupo Corpo

Referência mundial nesta sublime arte da dança, o Grupo Corpo parte do local em que nasceu, Belo Horizonte, para conquistar o mundo nos seus 50 anos de existência.

25 anos e os desafios na produção de novos conteúdos

Esta é uma edição muito especial da Revista Sagarana — Turismo, Cultura e Natureza em Minas Gerais: inicia-se a saga das comemorações do ano 25 desta publicação atemporal (e universal, por sempre cantar a aldeia onde está), especializada, segmentada e de distribuição dirigida. Além deste número do ano de 2025, símbolo dos 25 anos de estrada — tudo começou no já longínquo ano de 1997, com o primeiro número, então uma revista experimental —, esta Sagarana também festeja a existência de um imenso conteúdo dedicado a Minas Gerais, uma rica matéria-prima transformada em grandes reportagens, artigos, ensaios, entrevistas e, é claro, em inúmeras fotografias.

As duas décadas e meia vividas para desbravar as trilhas dessas muitas “Minas de tantos Geraes” possibilitaram a construção de um acervo que se fez rico, sobretudo pela alta qualidade. É muito gratificante olhar a passagem do tempo e vivenciar que tudo o que foi construído até agora tem um amplo respaldo dos leitores, de todos os profissionais que nestas páginas imprimiram as suas marcas — sempre no mais alto nível de dedicação e profissionalismo.

Em 25 anos ocorreram muitas transformações, que felizmente nunca se perderam. Dentre tantos movimentos acontecidos, é interessante citar, como exemplo de uma grande mudança, a época em que vivemos a transição do mundo analógico para o universo digital. O impacto foi imenso, período de grandes aprendizados, que apresentou enormes desafios — e todos foram vencidos, pois o padrão de qualidade continuou ascendente.

Agora vive-se um tempo de convivência entre a revista impressa e o praticamente infinito universo da web. Por isso, outros gigantescos desafios estão presentes no cotidiano, exigências absolutas da contemporaneidade.

A nova ordem agora para o mundo que gira em torno desta Sagarana é a produção de mais conteúdo, em uma extensão ainda mais ampla. Graças ao impressionante nível de audiência alcançado pelo portal www.revistasagarana.com.br e ao retorno ainda mais impressionante proporcionado pelas redes sociais @revistasagarana.

Sendo assim, muito além da satisfação em produzir essa edição impressa, o trabalho de criar e produzir conteúdo (sempre com o mais alto padrão de qualidade, nunca é demais insistir) se volta prioritariamente para o portal www.revistasagarana.com.br. Por isso mesmo, está no ar a versão digital deste número especial comemorativo dos 25 anos.

Todavia, a ambição que nos move a sempre criar mais e melhor, além de continuar investindo na fé e no talento, fez surgir a produção de novos conteúdos em forma de grandes reportagens (devidamente ilustradas por lindas fotografias, inéditas e exclusivas), que já estão sendo gradativamente publicados no portal www.revistasagarana.com.br. Muito mais virá por aí ao longo de 2026. Ou seja, o movimento dentro desse universo digital, entre o portal e as redes sociais, seguirá acelerado.

Após 25 anos, esta é a nossa saga: seguir em frente, aceitando os desafios, fazendo e acontecendo.

Turismo, Cultura e Natureza em Minas Gerais

SAGARANA

Editor

Cesar Félix

Editor de Arte

José Afonso Cezar

Colaboradores**Reportagem**

Cacaio Six

Rita de Podestá

Sílvia Helena

Fotografia

José Luís Pederneiras

Luís Eduardo Dias

Maria Vaz

Cyro Almeida

Marcos Amend

Cesar Félix

Produção e edição

Veredas Editora, Fotografia e Jornalismo Especializado

Belo Horizonte – MG

www.revistasagarana.com.br

@revistasagarana

revistasagarana@veredaseditora.com.br

Guardiões do patrimônio cultural

O promotor de justiça Marcelo de Azevedo Maffra — que nesse ano de 2025 completará cinco anos à frente da Coordenadoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais — fala sobre os ótimos resultados alcançados pelo trabalho da CPPC, hoje uma referência nacional; explica o uso de tecnologias avançadas por meio do aplicativo Sondar e afirma que a responsabilidade de proteção do patrimônio cultural não é só do poder público, mas é também da sociedade. “A comunidade é a melhor guardiã do seu patrimônio”.

Por Cesar Félix

— Como o senhor sintetiza hoje o trabalho realizado pela Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais (CPPC)?

— O nosso trabalho na defesa do patrimônio cultural, da forma como existe hoje, reunindo todas as promotorias, começou em agosto de 2003 com a criação de um grupo integrado de promotores das cidades históricas. Ali foi plantada uma semente que evoluiu até a estrutura que conhecemos atualmente. Em 2005, foi criada a Coordenadoria de Defesa do Patrimônio Cultural, que passou a atuar nos 853 municípios de Minas Gerais. A nossa demanda, portanto, é gigantesca: são 300 comarcas e 300 promotores que têm entre as suas atribuições a defesa do patrimônio cultural. Eu sou o único promotor de justiça que atua exclusivamente na defesa do patrimônio cultural, uma vez que todos os outros colegas abarcam outras atribuições. A minha principal função é atuar nos casos de maior relevância, de maior complexidade e com maior impacto social. Em 2005, o trabalho da Coordenadoria de Defesa do Patrimônio Cultural do MPMG começou diretamente relacionado aos constantes roubos e furtos que aconteciam nas igrejas barrocas e museus, que estavam perdendo seus acervos para quadrilhas especializadas que vinham principalmente de São Paulo e do Rio de Janeiro em busca dos tesouros de Minas Gerais. Essa onda crescente de subtrações foi o grande catalizador do início da integração da atuação de todos os promotores do estado. Depois disso, ampliamos o trabalho para todas as outras temáticas do patrimônio cultural, especialmente patrimônio edificado, arquitetônico, imaterial, arqueológico, espeleológico, paisagístico e tantas outras.

— Então o estado de Minas Gerais pode ser considerado como uma referência na defesa do patrimônio cultural?

— No século XVIII o ciclo do ouro e dos diamantes estimulou a intensa produção artística e fez com que Minas Gerais se tornasse uma grande referência do barroco brasileiro. Ao logo dos 300 anos da nossa história, recebemos influência dos povos originários, africanos e portugueses, além dos paulistas, cariocas e baianos, que contribuíram para a formação da nossa grande diversidade cultural. Somos o centro geográfico do país e diversos eventos históricos importantes aconteceram no nosso território, como a Inconfidência Mineira. Por tudo isso, Minas Gerais reúne mais da metade do patrimônio cultural do Brasil, o que é motivo de bastante orgulho, mas também nos traz uma grande responsabilidade. Nesse contexto, o Ministério Público do Estado de Minas Gerais se tornou uma referência nacional na defesa do patrimônio cultural brasileiro, especialmente após a criação da Coordenadoria de Patrimônio Cultural, quando assumimos a vanguarda nacional na temática. Temos compartilhado nossas experiências com outros Ministérios Públicos, mostrando para os colegas um pouco do nosso trabalho e replicando esse modelo exitoso. Temos investido em tecnologias de ponta para auxiliar no processo de vigilância dos bens culturais, de resgate dos patrimônios desaparecidos. Por meio da tecnologia, nós conseguimos receber uma denúncia em tempo real, iniciar uma investigação e, em tempo recorde, realizar uma autuação que visa viabilizar a proteção dos bens culturais em curíssimo prazo e com grande efetividade nos resultados. Também temos apostado no trabalho integrado com as demais instituições e, principalmente, com a sociedade. A responsabilidade de proteção do patrimônio cultural não é só do poder público, mas é também da sociedade. É o que a gente chama de responsabilidade solidária. A comunidade é a melhor guardiã do seu patrimônio.



— *De que maneira a Coordenadoria utiliza essa tecnologia disponível?*

— Dentro da temática dos bens culturais móveis e desaparecidos nós criamos uma importante ferramenta que é o Sondar, um aplicativo que foi pensado para auxiliar na busca dos bens culturais desaparecidos. Nós juntamos as bases de dados do Ministério Público com as do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), do IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) e do Arquivo Público Mineiro. Chegamos em 2.500 bens culturais cadastrados dentro da nossa plataforma. Essas informações são públicas e podem ser acessadas por qualquer pessoa com acesso à internet. Com isso, municiamos a sociedade com as informações necessárias para constituirmos uma rede integrada de vigilância. Os cidadãos se tornaram verdadeiros fiscais, que vigiam e informam rapidamente os órgãos competentes, que passaram a atuar de forma mais

efetiva. O Sondar tem obtido resultados bastante significativos justamente porque trouxemos a sociedade para participar da vigilância permanente dos bens culturais.

— *A Coordenadoria busca sempre manter contato com as comunidades?*

— O diálogo com a comunidade é hoje o grande pilar de sustentação do nosso trabalho, que não existiria sem a efetiva participação social. São as pessoas que elegem os seus patrimônios, são as comunidades que dão significado aos objetos e é a sociedade que transmite seus principais valores para as futuras gerações. A palavra “patrimônio” vem de herança, justamente porque tem a função de transmitir valores de uma geração para a outra. Nesse processo, o poder público é um mero garantir, que atua para fazer valer a vontade da sociedade. Por isso, a participação social é uma palavra-chave para todos que trabalham na defesa do patrimônio

O Ministério Público do Estado de Minas Gerais se tornou uma referência nacional na defesa do patrimônio cultural brasileiro, especialmente após a criação da Coordenadoria do Patrimônio Cultural, quando assumimos a vanguarda nacional na temática.

cultural. Não basta fazer o tombamento de uma edificação, é importantíssimo que a comunidade identifique naquele prédio histórico algum valor significativo, uma referência essencial para a sua história, para sua identidade. A partir dessa relação de identificação, estabelece-se a noção de pertencimento, que traduz a sensação de que fazemos parte daquela comunidade.

— *Ou seja, o aspecto imaterial também é visto como uma prioridade?*

— O patrimônio, além de ser uma testemunha da história, é um signo representativo da nossa identidade. Identidade é o que nos diferencia dos outros povos, das outras sociedades. Todo bem cultural tem corpo e alma; porém, a alma, esse aspecto imaterial, intangível, é o que há de mais significativo no patrimônio. Cada bem cultural possui seu especial atributo, que faz com que aquele bem seja único, infungível. O atributo pode ser estético, artístico, histórico ou religioso. Esse aspecto imaterial faz com que o objeto seja insubstituível, sendo necessária sua conservação e proteção de forma preventiva. É impossível reconstruir esses aspectos imateriais do bem cultural. Pode-se reconstruir o corpo físico, fazer uma réplica, mas a essência se perde para sempre. Por isso é tão importante a atuação preventiva, antes da ocorrência de danos.

— *A Coordenadora de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico consegue sensibilizar a sociedade sobre a importância do trabalho conduzido pelo Ministério Público?*

— Uma das maiores bandeiras que o Ministério Público levanta — além da integração de todos os órgãos e equipamentos públicos que trabalham com a temática — é o envolvimento da sociedade na defesa do patrimônio cultural. Porém, isso só acontece a partir da educação patrimonial. As pessoas formam as suas opiniões e se interessam pelo patrimônio cultural a partir das informações qualificadas produzidas e divulgadas por veículos importantes das mídias como a Revista Sagarana. A nossa Constituição Federal não impõe apenas o dever de proteger e conservar o nosso patrimônio, ela impõe a obrigação de promover e de difundir as manifestações culturais. Essa difusão é que cria o sentimento de pertencimento na comunidade tão importante para esse trabalho de educação patrimonial.

— *Quais são trabalhos da CPPC que o senhor considera que alcançaram êxito e reconhecimento por parte da sociedade?*

— Temos diversas linhas de atuação que considero muito exitosas. O trabalho de resgate de bens culturais desaparecidos se tornou uma referência a partir do lançamento do Sondar. Não só em termos quantitativos, mas pela elevada significância social dos bens recuperados. São objetos que estavam sendo

procurados há muito tempo e que agora estão retornando para os locais de onde nunca deveriam ter saído. Além disso, por meio de um trabalho integrado e multidisciplinar, instituímos o Programa Minas para Sempre, que já conseguiu destinar mais de R\$ 40 milhões para 27 projetos de restauração de imóveis históricos de Minas Gerais. É um programa que contemplou a restauração do Palácio da Liberdade e de diversos outros bens culturais que representam a diversidade do nosso povo. Hoje, por meio da plataforma Semente, conseguimos fazer uma distribuição equânime dos recursos financeiros e trazer resultados significativos para a sociedade.

— *São muitos os desafios ainda a enfrentar na condução da Coordenadoria?*

— A Coordenadoria procura cada vez mais ampliar o alcance das suas ações incluindo temáticas que até então eram poucos exploradas pelos órgãos de proteção. Tratar do patrimônio imaterial, trabalhar com o abstrato, é sempre um grande desafio para o Direito. Nós temos que atuar para que as práticas das comunidades tradicionais se perpetuem, para que os conhecimentos, modos de fazer e viver sejam transmitidos para as presentes e futuras gerações. A pauta do poder público e da sociedade é a mesma: trabalhar para que as futuras gerações possam usufruir e compartilhar desse rico patrimônio que nós temos em Minas Gerais.

— *Em um estado que viveu as tragédias de Mariana e de Brumadinho, como é a relação da Coordenadoria sobretudo com as grandes companhias mineradoras?*

— A nossa base de trabalho é a sustentabilidade cultural. A sustentabilidade pensada para o ambiente natural é mais conhecida, mas ela também existe na temática do patrimônio. É possível um desenvolvimento sustentável em todos os aspectos, inclusive naquele que implique na preservação desses signos identitários do povo de Minas Gerais. Quando se pensa em mineração, não podemos esquecer que são atividades consideradas de indiscutível relevância social, já que, enquanto sociedade predominantemente urbana, dependemos dos minerais. Mas a extração mineral tem que ser desenvolvida da forma menos impactante possível, com a utilização das melhores tecnologias e com todo o cuidado que o meio ambiente cultural merece. Justamente por fazer parte da história do nosso estado, existem muitos vestígios arqueológicos dentro da área de influência de empreendimentos minerários. É importante conhecer, estudar, pesquisar, delimitar e conservar os sítios arqueológicos para que não sofram impactos irreversíveis. O mesmo se diga em relação ao patrimônio espeleológico e paleontológico. A atividade minerária, por envolver muitas vibrações e detonações, é potencialmente lesiva a esses ambientes sensíveis.

É claro que, de uma forma geral, as empresas estão cada vez mais preparadas para lidar com a proteção do patrimônio cultural, inclusive para atender as exigências internacionais de certificação. Em relação às barragens, foi feito um grande trabalho do MPMG para cobrar a descaracterização das estruturas com risco emergencial. Além de defender a vida das pessoas, aquele trabalho também foi fundamental para tutelar o patrimônio cultural ameaçado por eventuais rupturas.

— *Como o senhor avalia a potencialidade turística de Minas Gerais?*

— O turismo em Minas Gerais é muito movimentado também por nossa riqueza cultural. As cidades históricas mineiras atraem turistas de todo o Brasil e de vários países do mundo, pois elas são verdadeiros museus a céu aberto. São locais onde a população vive e respira a atmosfera da história, e as pessoas que vem de fora se deslumbram com o nível de conservação e preservação que nós conseguimos aqui em Minas Gerais. Nós temos quatro patrimônios da humanidade; o núcleo histórico de Ouro Preto recebe visitantes interessados não apenas em sua arquitetura colonial, mas também na diversidade cultural, inclusive rodeada por paisagens naturais maravilhosas. Da mesma forma Diamantina, Congonhas e o conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte. Do colonial ao modernista, do português ao africano, nossa cultura é riquíssima. O patrimônio tem que ser útil para a sociedade, não pode ser engessado ou separado do seu contexto original. O patrimônio é vivo e dinâmico. É importante que o turismo seja utilizado para movimentar recursos financeiros, que traga benefícios para o patrimônio e que seja feito de uma forma sustentável porque o turismo precisa observar regras nas quais o patrimônio não pode ter superado o seu limite de visitação.

— *Qual foi a jornada do senhor na carreira como promotor público até chegar na Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais?*

— Eu entrei no Ministério Público em 2005 e a primeira comarca foi Grão Mogol, uma verdadeira joia, rodeada pela Serra do Espinhaço e dona de um núcleo histórico tombado, extremamente bem preservado e com uma das igrejas mais bonitas do Brasil, a Matriz de Santo Antônio. Eu sempre fui um estudioso do direito ambiental e Grão Mogol me despertou esse olhar multidisciplinar do direito, para melhor entender a história e a identidade cultural. O trabalho do promotor



de justiça hoje revela mais um desafio para o profissional: ele precisa ter conhecimentos muito além do direito. Tive a oportunidade de ser coordenador regional do meio ambiente no Alto Paranaíba durante seis anos e, antes de chegar a BH, a minha última comarca no interior foi Pitangui, a sétima vila do ouro. Eu já cheguei em BH com uma grande saudade de tudo que eu havia vivido nos 15 anos morando no interior. No final de 2024, vou completar quatro anos à frente da Coordenadoria de Patrimônio Cultural. É uma experiência muito gratificante ver nossos tesouros serem devolvidos e festejados pelas comunidades. Hoje eu faço parte do Instituto Geográfico de Minas Gerais e o meu doutorado é em história. Essas atividades me despertam outros interesses. Na nossa equipe temos arquiteta, historiadora, arqueóloga e especialista em conservação e restauração de artes sacras. É uma área extremamente multidisciplinar, complexa, mas que traz grandes benefícios para a sociedade.

O trabalho de resgate de bens culturais desaparecidos se tornou uma referência a partir do lançamento do aplicativo Sondar. Não só em termos quantitativos, mas pela elevada significância social dos bens recuperados.

CAVERNAS DO PERUAÇU

Trecho da Gruta do Janelão.

Legado de 11 mil anos, patrimônio da humanidade

O Parque Nacional Cavernas do Peruaçu — localizado no Norte de Minas Gerais, entre os municípios de Januária, Itacarambi e São João das Missões —, conserva um dos mais valiosos patrimônios arqueológicos e geológicos do Brasil. Uma área protegida de 56.448 hectares abriga um fabuloso acervo natural formado por mais de 140 cavernas e 80 sítios arqueológicos com pinturas rupestres. Em julho de 2025, o Peruaçu foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Mundial Natural da Humanidade.

Reportagem Cacaio Six

Fotos Luiz Eduardo Dias/Maria Vaz/Cezar Félix

Apaisagem sertaneja é marcada pela contradição. No meio da terra seca, veredas de águas reluzentes. Em meio a um sol escaldante, árvores frondosas. No meio da imensidão marrom, um homem disposto a ajudar indica que “a cidade mais próxima não está longe daqui”. Ainda que inóspito, o sertão está cheio de vida. Vida que brota de onde menos se espera. Por isso, o espanto de tantos ao reconhecer, no sertão, paisagens tão belas como as que se encontram no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. O local guarda um dos mais valiosos patrimônios arqueológicos e geológicos da região: são mais de 140 cavernas e 80 sítios arqueológicos com pinturas rupestres, em uma área de 56.000 hectares.

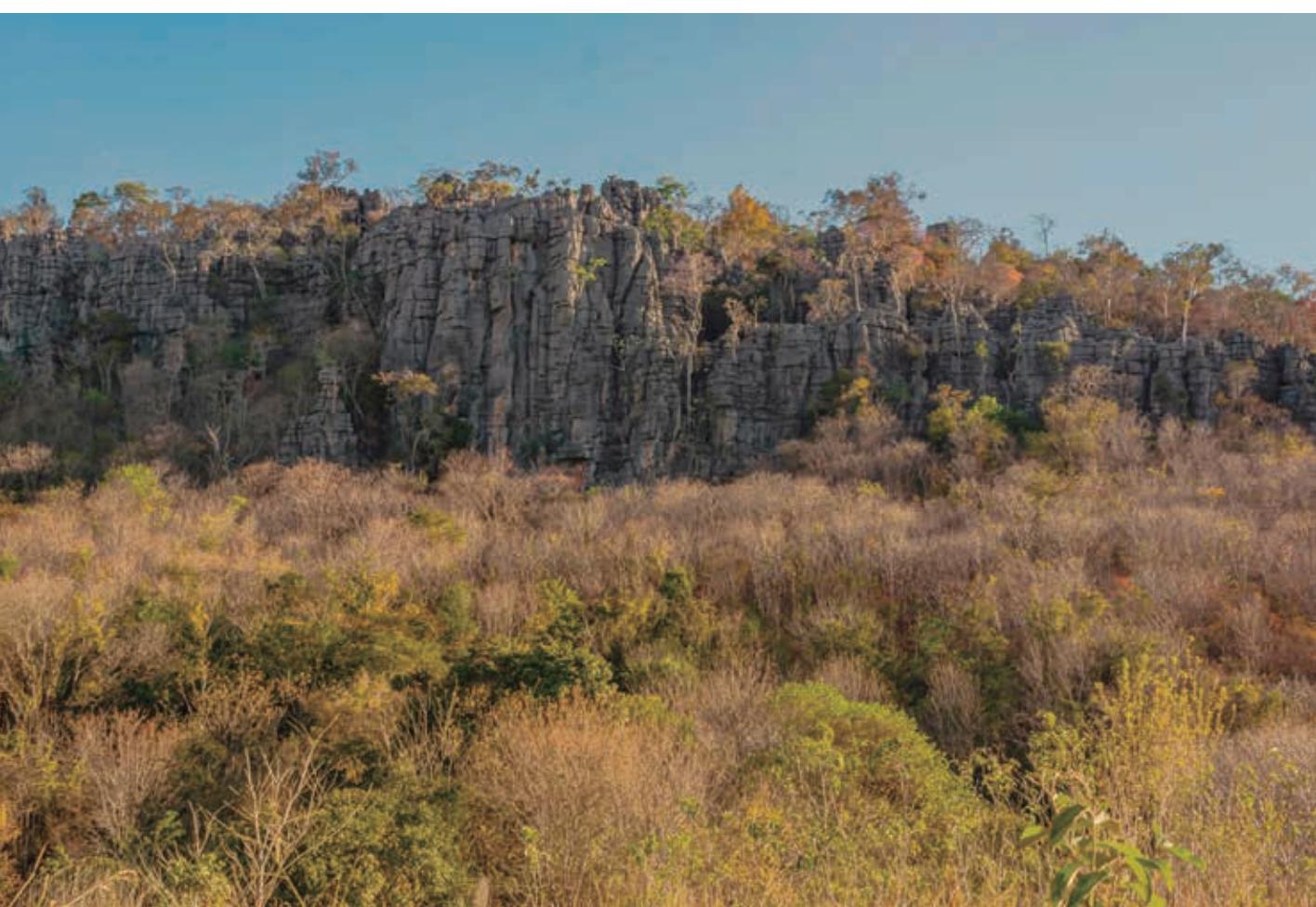
O Parque está localizado no Norte de Minas Gerais, entre os municípios de Januária e Itacarambi. Criado no ano de 1999, o Parque faz parte do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, projeto que propõe a unificação de áreas de conservação ambiental existentes nas regiões Norte e Noroeste do estado por meio de corredores ecológicos. Ainda que os espaços estejam dispostos de forma isolada, o mosaico constrói um desenho geométrico que garante a conexão entre as partes. O Mosaico Sertão

Veredas-Peruaçu abrange um território de 11 municípios, 12 unidades de conservação e uma área indígena, composta por 32 aldeias do povo Xakriabá, isso sem contar as comunidades quilombolas e outros povos tradicionais que vivem na região.

Formação da terra

Apesar de a região apresentar características típicas do bioma Cerrado, ela já começa a se misturar com a fauna e a flora da Caatinga — caracterizando-a como uma região ecotonal —, o que garante à região uma vegetação única. Dentro do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, é comum encontrar árvores de médio porte típicas do Cerrado junto a arbustos pequenos, de aspecto seco, comumente encontrados na Caatinga. Entre as espécies mais presentes no local, estão a aroeira-do-sertão e o pau-preto. Ainda que a riqueza vegetal da região chame a atenção do visitante, são as características geológicas que a transformam em local de interesse turístico e científico. Afinal, a quantidade de cavernas, grutas, veredas e lagoas dentro do território é algo realmente fora do comum.

Cezar Félix



A região apresenta características típicas do bioma Cerrado, mas se mistura com a fauna e a flora da Caatinga.

Buscar uma explicação para o fenômeno é voltar a um Brasil ainda submerso nas águas do mar, há milhões de anos. Com a elevação do nível da terra, a água secou, formando grandes maciços de calcário. Nesse processo, diversos cursos d'água não encontraram saída para o mar e se transformaram em lagoas. Outros insistiram na busca por uma saída e acabaram por esculpir extensões calcárias e transformar as rochas em cavidades naturais. Esse foi o processo enfrentado pelo Rio Peruáçu, curso d'água que percorre parte do Parque Nacional Cavernas do Peruáçu e dá nome à região. O conjunto de processos erosivos foi responsável pela formação de um lindo complexo de veredas e lagoas, cavernas e grutas de diferentes tamanhos e formas.

Patrimônio Mundial Natural da Humanidade

A reunião destas tão preciosas riquezas que caracterizam o lugar levou a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a reconhecer o Parque Nacional Cavernas do Peruáçu como Patrimônio Mundial Natural da Humanidade. A decisão foi anunciada em Paris, França, durante a 47ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, realizada no dia 13 de julho de 2025. Esta é a primeira conquista de Minas Gerais nesse tipo de reconhecimento.

Tudo começou por meio de um trabalho coletivo, um esforço coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente, com o apoio do Instituto Chico Mendes (ICMBio) e também do povo Xakriabá.

O trabalho de uma equipe multidisciplinar foi baseado nas premissas fundamentadas pela ciência e nas exigências da sustentabilidade. Especialistas documentaram os valores naturais e culturais da região e elaboraram um plano de manejo integrado para o uso sustentável voltado para a conservação. Além disso, houve o reconhecimento dos direitos territoriais dos indígenas, incluindo a valorização dos saberes tradicionais deles, aspectos considerados essenciais para a preservação desses tesouros naturais e culturais.

O título consagra uma área de imenso valor natural e cultural e reforça significativamente a necessidade de proteção desta área. Há também o aumento do reconhecimento do Peruáçu não só no Brasil como no exterior. A expectativa é fortalecer o turismo sustentável e consequentemente o desenvolvimento regional.



São mais de 140 cavernas e 80 sítios arqueológicos com pinturas rupestres.

Impacto positivo

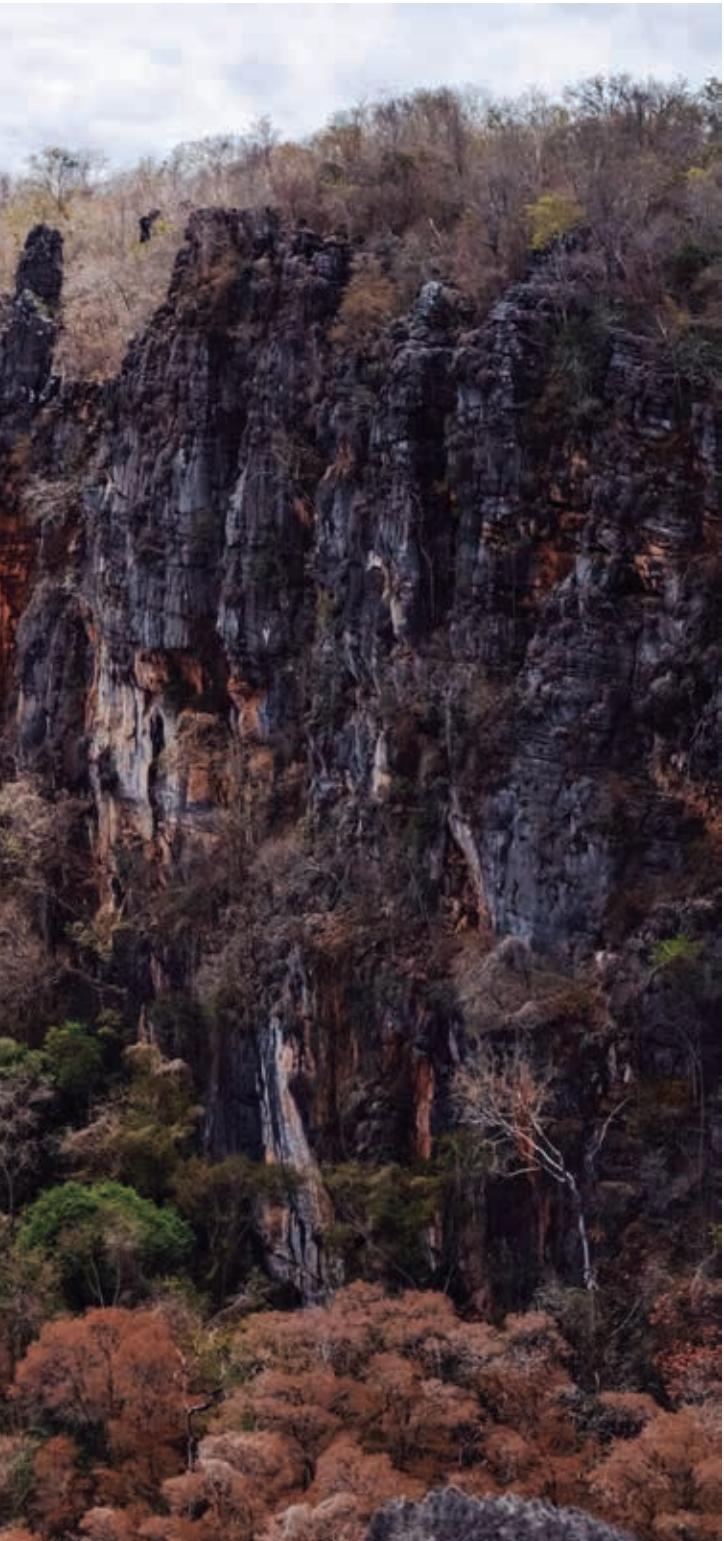
Alguns membros da comunidade local, que trabalham diretamente com o turismo estão felizes com o título e se mostram esperançosos com as possibilidades que podem surgir em benefício de todo o entorno do Parque Nacional do Peruáçu.

Nascida e criada em Januária, a guia turística Lidiane Rodrigues Pereira, de 40 anos, condutora formada na primeira turma credenciada há 10 anos, diz que espera que só "venham coisas boas para a comunidade". Segundo Lidiane, já acontece um impacto positivo para condutores, artesãos, pousadas e restaurantes. "Nos últimos meses, sentimos um fluxo maior de pessoas vindo para cá", garante ela. O condutor Eduardo

A beleza da vegetação com características únicas no Mirante das Cinco Torres na trilha do Arco do André.



Maria Vaz.



Martins, 39 anos, é otimista e considera que o título vai “acrescentar melhorias na vida dos moradores, pois trará mais desenvolvimento para toda região.” Murilo Mendes, 38 anos, do Instituto Eco Brasil — instituição que tem um acordo de cooperação público-privada firmada com o parque — aposta “na grande divulgação, geradora de muita visibilidade na mídia, fatores decisivos para atrair de novos turistas”.

Diego Gonçalves Dias, 37 anos, afirma: “a repercussão do título superou todas as minhas expectativas. Há muita procura por parte dos turistas. Eu recebo no meu celular de oito a dez mensagens diárias”. Diego quer um aumento no limite de vagas para os visitantes “porque às vezes a gente não consegue atender. Já tive caso de turista não conseguir entrar no Janelão e retornar. É preciso aumentar a capacidade do parque, principalmente nas férias”, reivindica ele. “Estou trabalhando de terça a domingo, sem parar”, garante.

O aumento da capacidade do parque em receber turistas não é simples, pois envolveria a necessidade de novos estudos que possam direcionar o aumento de sua capacidade de suporte sem comprometer sua sustentabilidade e a perda de informações científicas. Com base nesses estudos, seria possível elaborar um novo plano de manejo.

O brigadista Valdemir Ferreira, 47 anos, é direto: “o título vai melhorar o que já é um tesouro. Vai ser bom para o parque e para a comunidade. Os moradores estão muito otimistas e com grandes esperanças. Virão melhorias diretas e indiretas”.

Turismo de Base Comunitária

Para Dayanne Ferreira dos Santos Cerqueira do ICMBio — ela é chefe do Núcleo de Gestão Integrada Peruáçu, da Área de Proteção Ambiental do Peruáçu e do Parque Nacional do Peruáçu — “o título veio para coroar toda a região, que tem uma importância muito grande, envolvendo os aspectos espeleológicos, geológicos e também cultural. O maior desafio é fazer o entorno se preparar para receber um número maior de visitantes”. Ela argumenta que “isso envolve da cancela para dentro e da cancela para fora. Do lado de dentro da cancela, nós temos uma gerência, mas sempre temos que articular com os poderes dos municípios e do estado de modo que a



Turistas devidamente acompanhados por guias em uma trilha na Gruta do Janelão.

região se prepare para a ampliação da atividade turística, e principalmente para o aumento do número de visitantes. É preciso conciliar o uso para o turismo com a conservação das cavernas, que é o mais importante”.

Dayanne acrescenta que o parque é autorregulado porque ele conta com “uma capacidade regulamentada pelo manejo”. Cada atrativo tem alimentação diária de entrada e o monitoramento sobre como cada visita é realizada, “não só na quantidade de pessoas, mas também na qualidade da visita. Entendemos que estamos no caminho certo no principal desafio de conciliar a visitação das cavernas com a conservação delas”.

A profissional do ICMBio explica que o parque é muito conhecido no meio dos espeleólogos e arqueólogos, inclusive de relevância internacional. “Fora desse nicho, nos apresentamos para a sociedade há cerca de seis ou sete anos. A partir daí, surgiu um fato interessante porque nós temos um perfil muito variado de visitantes, desde famílias com crianças até pesquisadores com doutorado”.

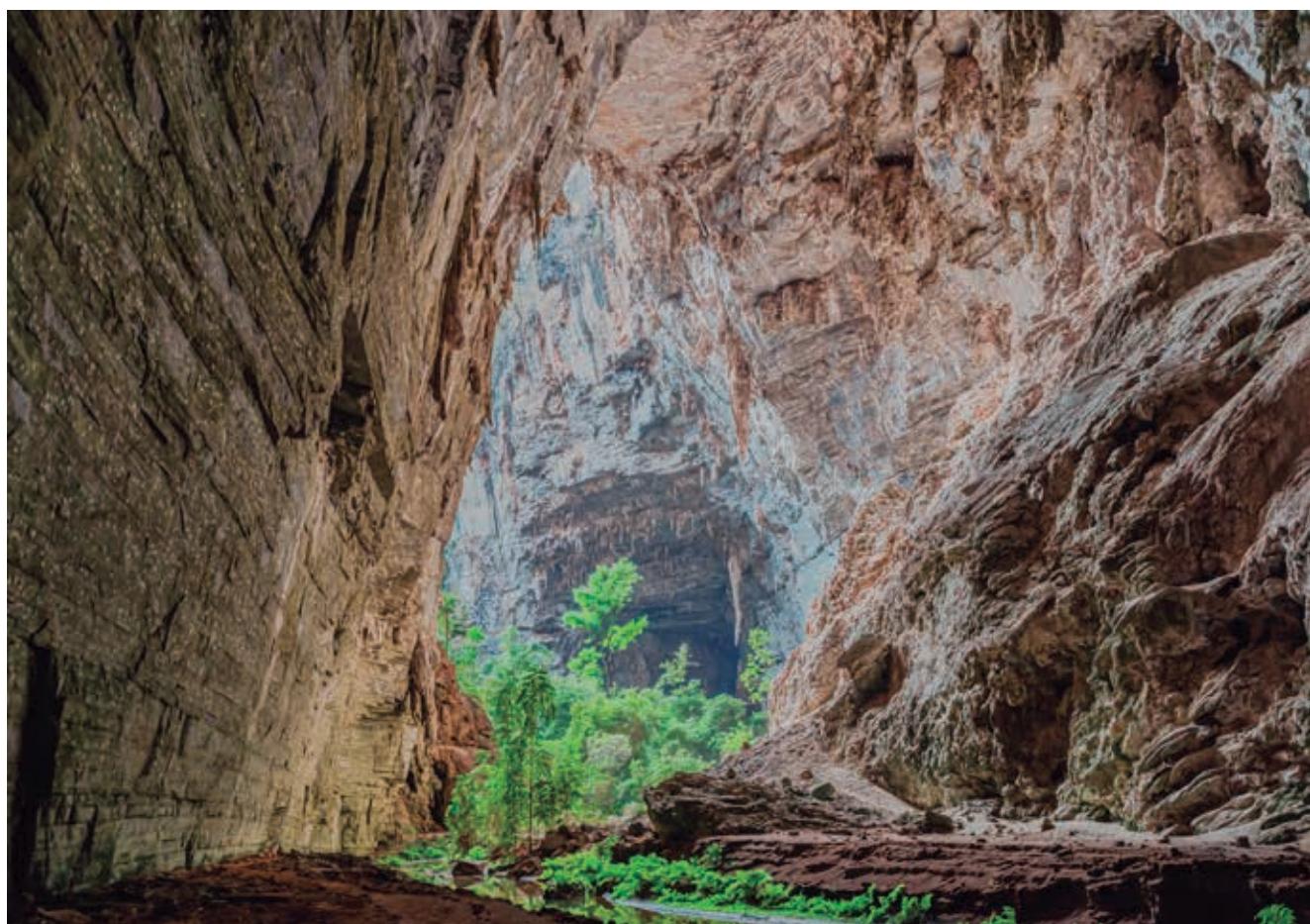
Essa realidade estrutural, na visão da chefe do Parque Nacional do Peruaçu, reforça o argumento em favor do turismo de base comunitária como a modalidade mais adequada para que a região possa garantir o uso sustentável da atividade turística. “A gente trabalha com um olhar mais atento, uma vez que essa rede de turismo tem um potencial de abrangência regional e colabora para o desenvolvimento de todo o norte do estado”, diz ela. Dayanne acredita que o turismo de base comunitária é decisivo para o desenvolvimento de pousadas e de outros negócios relacionados ao turismo, “inclusive porque a renda fica aqui no norte de Minas”.

Na defesa do turismo de base comunitária, a gestora destaca outro importante aspecto: “nós temos aqui vários quilombos e territórios indígenas, portanto existem regramentos. Há ainda outras comunidades, desde “veredeiros”, “geraizeiros”, extrativistas e ribeirinhos. Esta rica diversidade cultural gera uma grande complexidade; nada é padronizado, uma coisa que funciona em uma comunidade pode não funcionar na outra”.



Com 28 metros de comprimento, a “perna da bailarina” é considerada a maior estalactite do mundo.

Cesar Félix.



Paisagem da Gruta do Janelão com a imensa estalactite “Perna de Bailarina” ao fundo.

Beleza natural

Luiz Eduardo Dias.



As trilhas são sinalizadas e com boa infraestrutura.

Cesar Félix

Visitar o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu é se surpreender. Impressionam as famosas veredas, áreas de vegetação rasteira das quais brotam águas cristalinas. São verdadeiros oásis no sertão. Os enormes buritis, espécies de palmeiras que alcançam até 20 metros de altura, tornam o cenário ainda mais singular. A maior das veredas é a do Peruaçu, com 37 quilômetros de extensão. As da Lagoa Azul e da Passagem também merecem destaque. Outros caminhos levam a uma das seis lagoas existentes no local. São elas: Carrasco, do Jacaré, do Jatobá, Junco, do Meio e dos Patos. As lagoas são rodeadas por matas



A beleza surpreende em todos os ângulos e recantos do parque.

Luiz Eduardo Dias.

ciliares — vegetação que acompanha os cursos d'água e são responsáveis pela manutenção da qualidade dos recursos hídricos e pela conservação de diversas espécies.

Mas a grande peculiaridade do Parque é mesmo seu conjunto de cavernas e grutas. Entrar em uma delas é entender a existência de um novo mundo, bem abaixo dos nossos pés. Em Minas Gerais, há mais de 5.000 cavidades naturais, o que faz dele o estado com o maior número de grutas e cavernas no Brasil. Cada cavidade é classificada de acordo com a sua relevância biológica, e o complexo geológico do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu é considerado de extrema importância.

O caminho para se apreciar tudo isso é, por vezes, estreito e sem iluminação. Mas, no fim desses corredores naturais, abrem-se imensos salões com formações rochosas de distintas cores e texturas. Algumas paredes apresentam mesmo um brilho natural, como se estivessem cobertas por uma camada de pedras preciosas. Do teto, pendem grandes stalactites, colunas de pedra formadas pelo gotejamento incessante de água e minerais. E, como num processo de recriação da matéria, do chão, surgem stalagmites, formadas pela sedimentação dos minerais que caem do teto. Cada um desses processos dura milhares ou mesmo milhões de anos para se consolidar, sem nunca perder o caráter de mudança.

O espaço mais visitado é a Gruta do Janelão, uma cavidade com 4.740 metros de extensão horizontal e 176 metros de elevação. Ao contrário das grutas tradicionais, ao longo do seu conduto, várias claraboias iluminam longos trechos, permitindo a formação de pequenas florestas verdes dentro da cavidade que dão a impressão ao visitante de se estar em um belo jardim. Lá também está a fantástica “perna da bailarina”, considerada a maior stalactite do mundo, com 28 metros. O nome da caverna se deve a uma grande abertura lateral que dá vista a um lindo paredão.



A exposição permanente Vivências 3D que está no Centro de Visitantes da sede do Parque.

Luiz Eduardo Dias.



Peças expostas na mostra Vivências 3D no Centro de Visitantes.

As rotas turísticas

A já citada **Gruta do Janelão** é o principal atrativo do Parque Nacional. São incríveis as trilhas no interior da gruta, cuja galeria principal tem altura e largura próximas de 100 metros. A vegetação, o rio Peruaçu serpenteando no interior da gruta e as pinturas rupestres formam paisagens emocionantes. O percurso é de 4.800 metros. A ida e a volta podem ser feitas em torno de cinco horas.

O nível de dificuldade é considerado de semipesado a difícil, pois as trilhas envolvem subidas e descidas constantes e trechos com degraus.

O Salão Vermelho da **Lapa Bonita** é o atrativo maior da bela gruta, repleta de interessantes ornamentos, além da tonalidade avermelhada que chama a atenção.

Os impressionantes painéis de pinturas rupestres cobrem paredes inteiras até o teto da **Lapa do Índio**. Lá fica o **Mirante do Índio**, de vista estonteante da natureza local, em que se pode ver a abertura da Gruta do Janelão.

O percurso é 1.500m (ida e volta) e o tempo estimado é de 2h20min. Nível de dificuldade fácil.

A **Lapa do Boquete** destaca-se por ser um dos sítios arqueológicos mais pesquisados e estudados do Parque do Peruaçu. Lá foram encontrados vestígios de um silo pré-histórico, usado para armazenar alimentos e **esqueletos humanos com mais de 7.000 anos**.

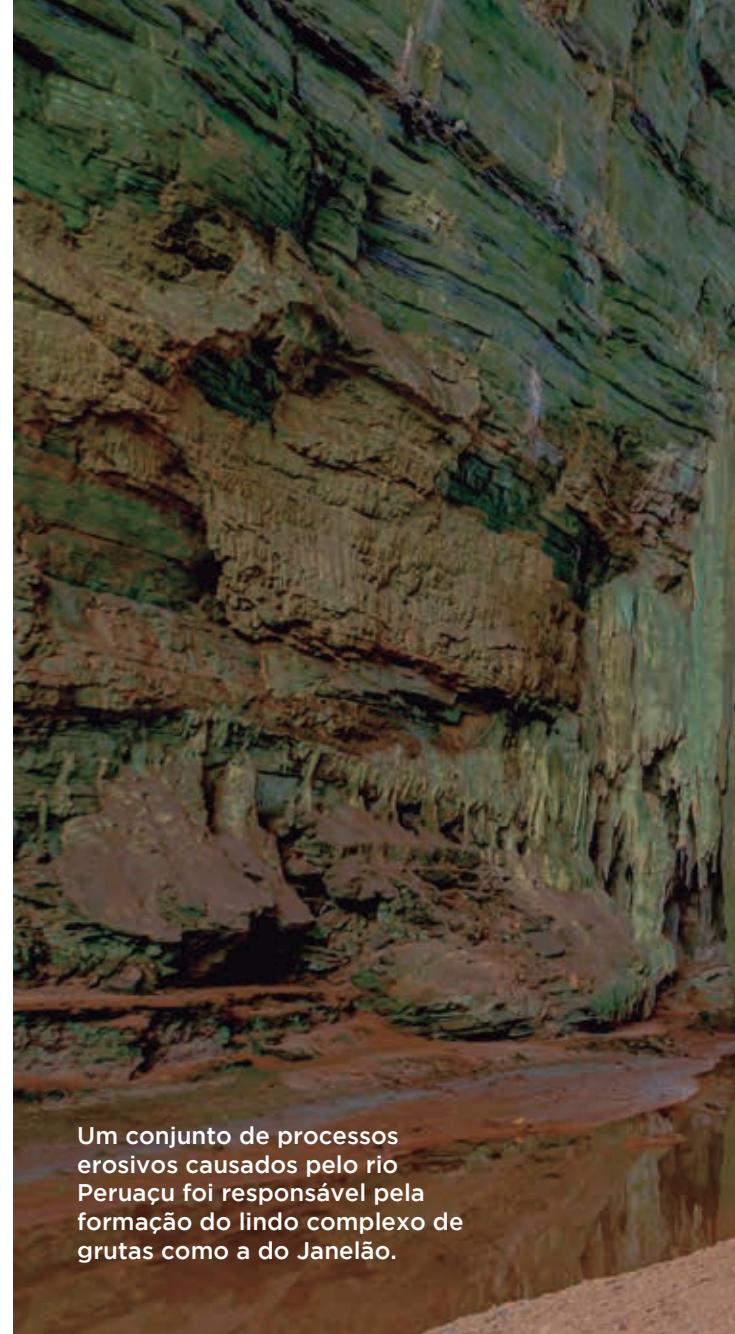
O percurso é de 1.200m (ida e volta) para o tempo estimado de 1h30 min. (ida e volta). O nível de dificuldade é fácil.

Mais de 3.000 pinturas, dispostas em mosaicos que chegam a quase **15 metros de altura, caracterizam a fantástica Lapa dos Desenhos, considerada uma das maiores concentrações de pinturas rupestres do mundo**. A trilha segue as pelas margens do rio Peruaçu junto a paisagens incríveis da mata nativa.

O percurso é de 2.600 m (ida e volta) para um tempo estimado em 2h20 min. (ida e volta). O nível de dificuldade é fácil.

As dimensões do salão de entrada da **Lapa do Rezar** já causam grande admiração: são 90 metros de largura por 40 metros de altura. Também muito impressionante é a grandiosidade do cânion do rio Peruaçu. As pinturas rupestres se mostram muito bem conservadas. Vale muito a pena usufruir do atrativo, mas para chegar lá é preciso se esforçar, pois existe um trecho com mais de 500 degraus.

O percurso é 2.400m (ida e volta) para um tempo estimado de 3h30min (ida e volta). O Nível de dificuldade é difícil.

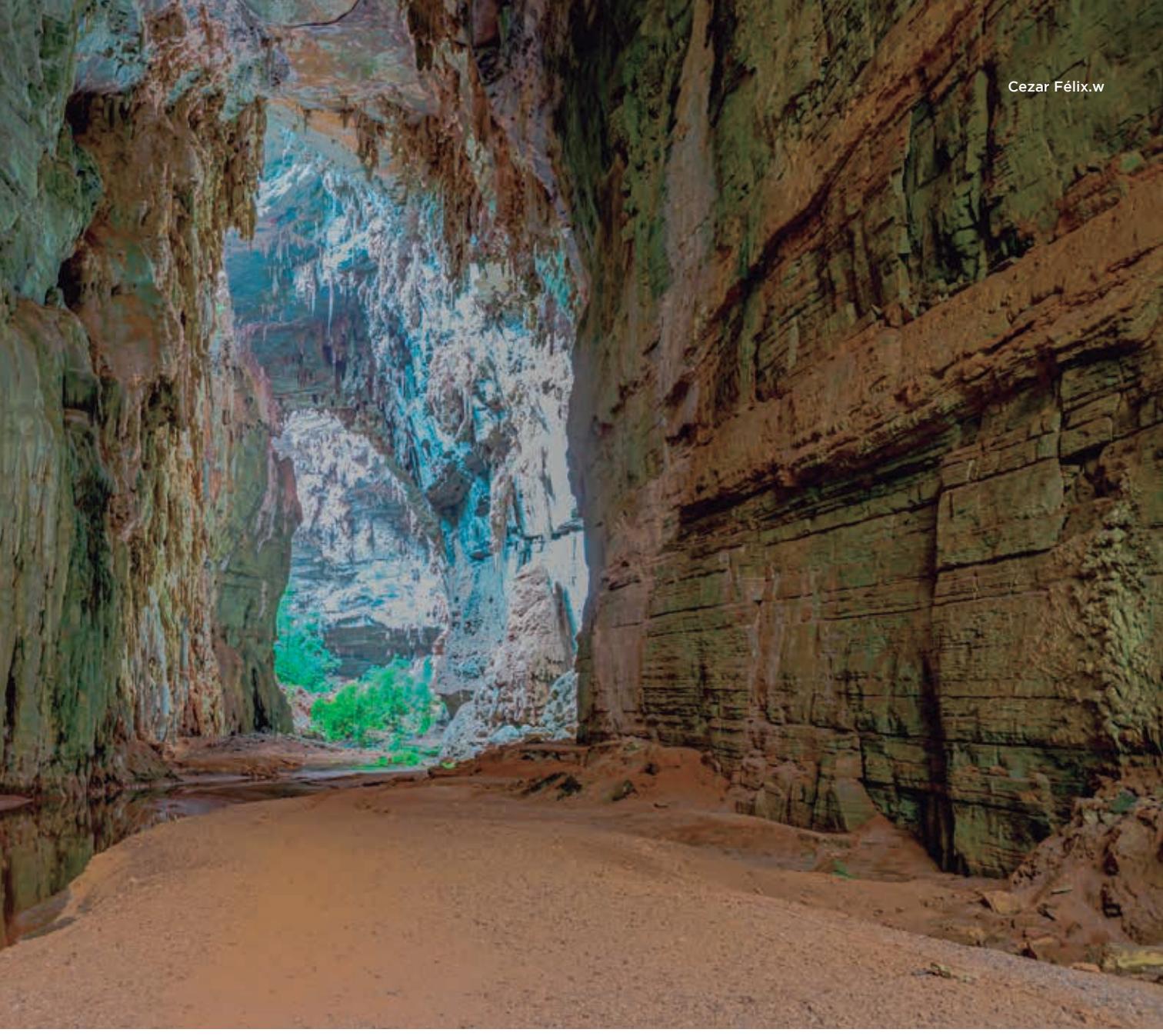


Um conjunto de processos erosivos causados pelo rio Peruaçu foi responsável pela formação do lindo complexo de grutas como a do Janelão.

A **Lapa do Caboclo** ganhou esse nome porque conta com uma grande concentração de pinturas rupestres do estilo caboclo, uma exclusividade de todo Vale do Peruaçu. Rumo à **Lapa do Carlúcio**, outros belos atrativos são os mirantes que surgem durante a trilha. Do alto deles, é possível observar as incríveis variações da vegetação do parque. O caminho continua pela mata até chegar à gruta do Carlúcio, após contornar as enormes rochas que formam a caverna.

O percurso é de 2.650m (ida e volta) para um tempo estimado de 3h50 min (ida e volta). O nível de dificuldade é médio.

Os espetaculares **Mirante das Cinco Torres** e o **Mirante do Mundo Inteiro** são atrativos do **Arco do André**. Porém, as maravilhas do lugar incluem as indescritíveis **Caverna do Arco do André, Caverna**



dos Troncos e Caverna dos Cascudos.

O rio Peruacu cruza o interior das duas últimas cavernas e desenha espelhos d'água de cor verde-esmeralda ao redor das rochas calcárias. Surge então um contraste paradisíaco em uma paisagem incomparável. Para seguir essa trilha é necessário ter um espírito aventureiro.

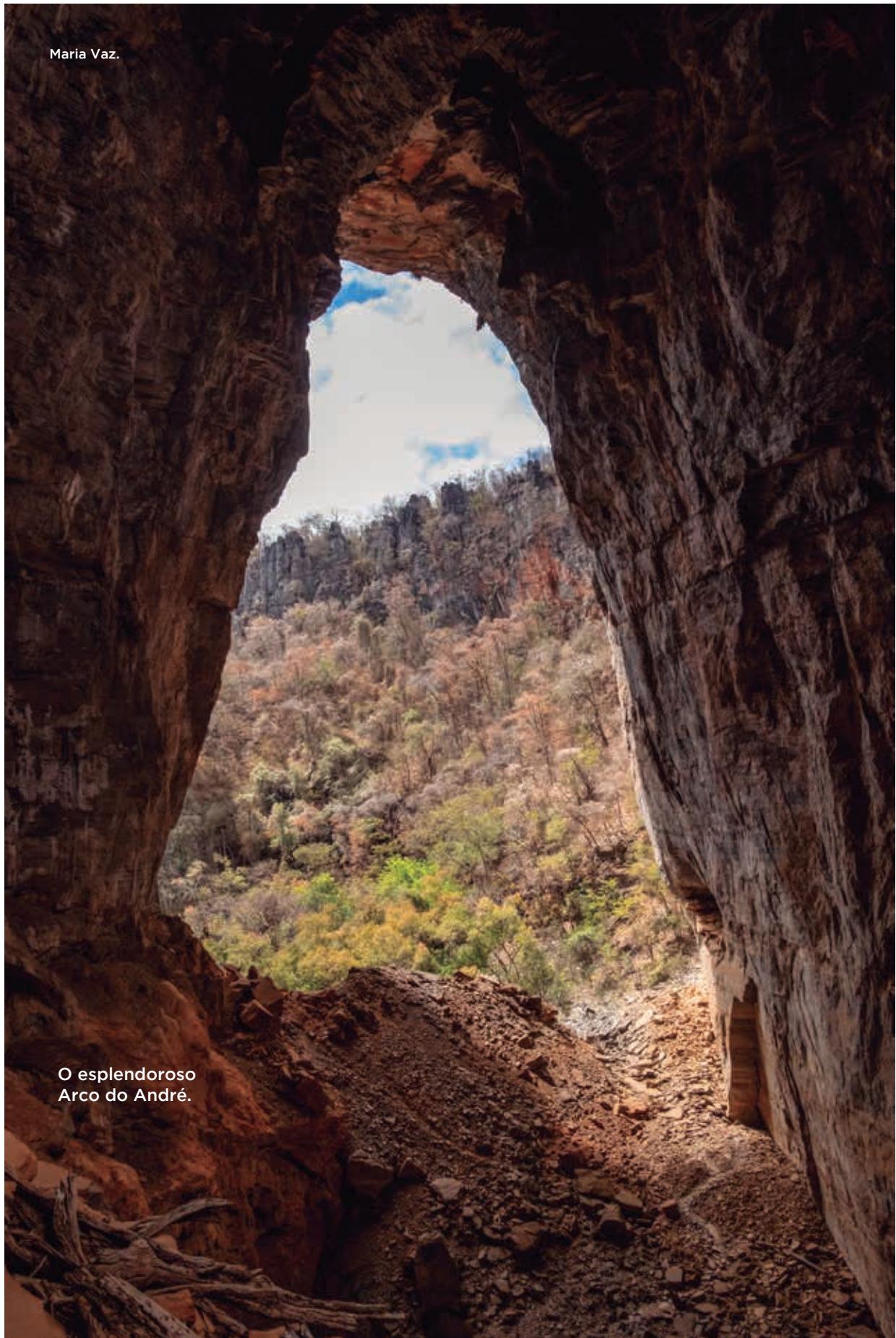
O tempo estimado do percurso é de seis horas e o nível de dificuldade é intermediário.



Lapa do Caboclo.

Maria Vaz.

O esplendoroso
Arco do André.





Pintura na Lapa do Caboclo.

Cezar Félix



Pintura na Lapa do Índio.

Maria Vaz.



Pinturas na Lapa dos Desenhos. As pinturas rupestres do Parna Peruaçu são datadas entre 7 e 9 mil anos.



Pintura na Lapa Bonita.



A partir do título de Patrimônio da Humanidade, a expectativa é fortalecer o turismo sustentável. O Turismo de Base Comunitária é a melhor alternativa de sustentabilidade para conservar as belezas do Parque.

Dicas importantes:

- As visitas precisam ser agendadas com a gestão do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu.
- Para ter acesso ao parque (que não cobra ingresso), é obrigatória a contratação de um guia credenciado. O guia fornece capacete de segurança, item de uso obrigatório.

Como chegar e onde ficar

O acesso até a entrada do Parque pode ser feito de carro a partir de uma agradável estrada vicinal, que mostra uma prévia da geologia e da vegetação da região. Partindo de Januária pela rodovia BR-135, o entroncamento com estrada vicinal fica entorno de dois quilômetros antes da comunidade rural Fabião II.

A hospedagem pode ser feita em pequenas pousadas que ficam às margens da BR-135, na comunidade Fabião II e na estrada de acesso ao Parque.



Luiz Eduardo Dias.

A impressionante paisagem das estalactites da Lapa Bonita.



Cesar Félix.

O lindo Salão Vermelho da Lapa Bonita.

Na cidade de Januária, que faz parte do Circuito Velho Chico de turismo, existe maior disponibilidade de hotéis e pousadas. A cidade fica cerca de 60 km da entrada do Parque.

O aeroporto mais próximo é o de Montes Claros, que fica a 200 km do Parque. Existem linhas regulares de ônibus que partem de Montes Claros para Januária e Itacarambi.

Em função da regulamentação de acesso ao Parque é importante agendar com antecedência a data de visita, que pode ser feito pelos telefones (38) 3263-1038/1039 ou pelo E-mail: cavernas.peruacu@icmbio.gov.br.

Desenhos da natureza na Serra da Canastra

O município conhecido como “paraíso do ecoturismo” está em uma região privilegiada pela natureza: é rico em nascentes, abriga muitas cachoeiras, é banhado pelo rio Grande e guarda em seus domínios vastas extensões do Parque Nacional da Serra da Canastra, além, é claro, de valioso acervo da biodiversidade do Cerrado. Delfinópolis agora faz parte da Rota do Queijo Canastra que, junto às lindas paisagens, tem nas queijarias premiadas, e também nas fazendas produtoras de cafés especiais, atrativos irresistíveis — principalmente porque o Queijo Minas Artesanal tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, uma chancela da Unesco.

Reportagem Cacao Six
Fotos Cesar Félix

Vale da Bateia, na
Serra da Canastra
em Delfinópolis:
vista arrebatadora.



Do alto dos chapadões a vista alcança longe, pois para muito além dos planaltos parece não ter fim a paisagem que se alonga em várias tonalidades de verde até os limites do céu azul. Talvez porque seja verão e a passagem de uma chuva rápida, mas forte — comum para esta época do ano — refrescou o tempo ao lavar o clima; tudo ao redor, muitos quilômetros quadrados em volta, está límpido — o ar, a água, a vegetação do Cerrado de instigante e ao mesmo tempo misteriosa beleza.

Esta região, chamada de Nascente das Gerais, nome de um circuito turístico, é privilegiada por ter a dádiva de ser banhada pelo rio Grande e por fazer brotar dos mais profundos lençóis d'água o grandioso — porém sofrido e maltratado, mas redentor — rio São Francisco, o “Velho Chico”.

Nascente das Gerais é, não há dúvida, um bom nome para identificar essas terras que abrigam muitas belezas e uma série de paradisíacos recantos entre as serras da Canastra e da Babilônia.



O município de Delfinópolis tem cerca de 150 cachoeiras.



Vista do Rio Grande, que banha o município

“Paraíso do ecoturismo”

Em uma área de 1.171 km² desta parcela sudoeste de Minas entre a represa de Peixotos, no rio Grande, e a Serra da Canastra, a 411 km de Belo Horizonte, estão os domínios do município de Delfinópolis, não por acaso conhecido como o “paraíso do ecoturismo”. Os vários atrativos desta pequena cidade — pouco mais de 8 000 habitantes — que no ano de 1919 ganhou o nome em homenagem ao então governador (na época presidente de Minas) Delfim Moreira, justificam a alcunha.

Numa magnífica paisagem típica do Cerrado, esculpida por serras — como a Preta, a Branca, do Cemitério, do Caminho do Céu, da Gurita, a Grande, a de Santa Maria e da Babilônia — chapadões e vales brotam uma fartura de nascentes, piscinas naturais, fontes termais e nada mais nada menos do que cerca de 150 cachoeiras dos mais variados formatos, alturas e tamanhos, porém com uma característica em comum: as águas são invariavelmente límpidas e transparentes. É bom lembrar que o Parque Nacional da Serra da Canastra tem uma grande área dentro dos limites de Delfinópolis — mais um importante atrativo turístico.

Trilhas a desbravar

Um dos acessos à cidade não deixa de ser outra atração: é preciso atravessar o rio Grande por meio de uma balsa, que funciona 24 horas, numa curtíssima viagem de quinze minutos. A outra forma de acesso é via o caminho conhecido como Estrada Ecológica — um trecho da BR-464, estrada de terra, que liga Passos, no sudoeste de Minas Gerais a Sacramento, no Triângulo Mineiro.

Uma vez dentro do município de vocação ecoturística, são várias as opções de passeios em meio à natureza que desenhou fascinantes paisagens.

Pra começar a aventura, a primeira opção pode ser desbravar as trilhas que se oferecem em diferentes graus de dificuldade, todas dentro de fazendas — a maioria das propriedades garante algum suporte para o visitante e cobram pequenas taxas pelo acesso — com nomes como Roladouros, Galheiros, Condomínio de Pedras, Caminho do Céu, Chora Mulher, Pico Dois Irmãos, Monjolinho, Chapadãozinho e Casinha Branca. Esta última é a mais conhecida por ser de dificuldade média e ter 10 km de extensão. Ao longo da caminhada



Vista parcial da praça e da Igreja do Divino Espírito Santo.

no alto da Serra Preta, além do lindo visual da Represa de Peixotos ao fundo, o turista vai poder se esbaldar com as cachoeiras do lugar chamado de Complexo do Paraíso. São deliciosas quedas d'água — como as cachoeiras do Triângulo, Borboleta, Vai Quem Pode, Coqueirinho, Lambari e Paraíso —, que formam generosos poços para banhos.

Uma trilha mais desafiante, porém repleta de indescritíveis cenários por cruzar uma região de rara beleza e rica em biodiversidade, é a travessia à pé para a Casca d'Anta, a deslumbrante cachoeira da nascente do São Francisco, cuja beleza dispensa maiores comentários. São três dias de caminhada, um desafio que vale muito a pena para quem ama a natureza.

Complexos de cachoeiras

Poucas cidades de Minas Gerais podem oferecer tantas opções de cachoeiras tão agradáveis quanto Delfinópolis. É impressionante a variedade assim como a transparência, limpeza e frescor das águas. Elas estão em meio a vales, no meio das matas, entre serras, nas chapadas e despencam de paredões. São tantas quedas d'água que esses irresistíveis atrativos foram nomeados como complexos.

Mais próximo da cidade, a 1,5 km, fica o complexo do Serro Alegre. São vários poços para banhos, e a linda cachoeira. No complexo do Claro, a seis quilômetros, destacam-se as cachoeiras da Paz, do Tom, da Cidade de Pedra e da Gruta. O lugar cobra uma taxa dos visitantes, mas oferece estacionamento, pousada, área para camping e lanchonete. As mesmas descrições valem para o complexo do Paraíso, a 7,5 km de distância. Lá, o turista tem ao seu dispor uma pousada, um restaurante e trilhas para ótimas caminhadas. É cobrada uma taxa de visitação. Mais distante, a 32 km, fica o complexo do Luquinha, um ótimo

passeio para quem gosta de dirigir pelas trilhas de terra que, aliás, são bem sinalizadas. Uma pousada no local atende quem desejar ficar um pouco mais para aproveitar o sossego e as cachoeiras. Outro complexo interessante, este a 22 km, é o de Maria Concebida ou Água Quente — por causa de um poço de águas mornas. Chega-se de carro até dois quilômetros de distância (existe uma área de estacionamento, outra para camping e banheiros) que precisam ser percorridos à pé em uma trilha bem sinalizada.

Com boa infraestrutura para receber os visitantes como pousada, restaurante, sanitários, as cachoeiras do Vale do Céu, privilegiadas pela natureza, estão a 70 km de distância. No lugar, que cobra taxa de visitação por pessoa, o turista tem ao seu dispor um auditório, um espaço para exposições e pode assistir produções de vídeo com temas ligados ao meio ambiente.

Outras cachoeiras que merecem todo destaque é a cachoeira do Ouro, a 33 km; de Santo Antônio, a 7,5 km; e do Zé Carlinhos, a 26 km. A primeira é considerada uma das mais bonitas de Delfinópolis pelo volume d'água, por estar em meio à mata fechada e pela altura da queda. Conta com estacionamento, lanchonete e é cobrada taxa de visitação.

A segunda possui um grande volume de água que cai com muita força na represa. Não é propícia a banhos, mas o visual é impactante. Já a terceira atrai pelo delicioso poço para banhos. Uma casa serve refeições, e é possível conhecer o seu alambique de cachaça artesanal, além de degustar a bebida. Um estacionamento completa a estrutura de atendimento; paga-se a taxa de visitação.

A paradisíaca Cachoeira do Zé Carlinhos.





Acervo de atrativos

Outro lugar que precisa ser conhecido é o condomínio de Pedras no alto da Serra Preta: descrito como um dos lugares mais belos da região, pois formações rochosas no meio do Cerrado foram esculpidas pelo vento durante milhões de anos. O cenário é de puro encantamento. Para fechar o acervo de atrativos desta surpreendente Delfinópolis, cidade “paraíso do ecoturismo”, vale a pena se aventurar para conhecer as corredeiras do Rio Santo Antônio, localizadas no sopé da Serra do Cemitério. Para quem gosta de praticar esportes de aventura como rafting, boia-cross e canoagem, dentre outros, as condições são muito boas.

As incríveis formações rochosas do Condomínio de Pedras, na Serra Preta



Uma das cachoeiras do Complexo do Paraíso.



Vista da represa de Peixotos.



O município reforça a vocação para o ecoturismo com o aumento no número de turistas.

É preciso, porém, muita atenção com a chuva. Se começar a chover, é fundamental se afastar das margens por motivo de segurança.

Junto à encantadora flora do Cerrado, a região de Delfinópolis, sobretudo nos limites protegidos do Parque Nacional da Serra da Canastra, oferece aos olhos do turista a possibilidade de visualizar raros animais como o tamanduá-bandeira, o lobo-guará, o veado-campeiro, o tatu-canastra, a jaguatirica e capivaras, lontras e macacos-prego. Das aves, é possível avistar — e se deslumbrar — com a ema, o urubu-rei, a curicaca, os gaviões carcará e carrapateiro, os tucanos e o raríssimo pato mergulhão.

É por estas tantas riquezas, resumidas neste acervo natural de inestimável valor, que o município de Delfinópolis pode se consagrar definitivamente como um destino turístico de alto valor agregado em todas as vertentes do ecoturismo.

Como um importante reconhecimento a essa imensa vocação para o turismo, Delfinópolis recebeu da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo o selo de certificação de cidade turística. O município ampliou as expectativas de receber mais turistas para descobrir e, é claro, desfrutar das belezas naturais do abençoadinho lugar.



Cachoeira Maria Concebida na Pousada Acqualume.

A Capela de Nossa Senhora das Graças de Itajuí, no Vale da Gurita, datada de 1951,



Referências cultural e histórica, além da devoção

Cultura, conservação das tradições e religiosidade são outros bens que elevam Delfinópolis como um polo turístico de qualidade. A Capela de Nossa Senhora das Graças de Itajuí, no Vale da Gurita, erguida em 1951, é uma importante referência cultural e histórica de toda a região da Serra da Canastra por fazer parte do impressionante ritual católico Caminhos da Folia das Almas.

As comunidades de Delfinópolis mantêm a tradição de caminhar à noite fazendo visitas às casas para rezar em memória das almas. A Folia faz parte da identidade dos moradores do município. A devoção do último grupo da região, a Folia das Almas da Canastra, reinterpreta com fé, beleza e simplicidade o antigo ritual católico de Encomenda das Almas, que chegou ao Brasil há cerca de 500 anos com São José de Anchieta e Padre Manoel da Nóbrega.

Perto da Serra da Canastra, nas comunidades tradicionais de Delfinópolis, a tradição de caminhar à noite em visita às casas para rezar em memória das almas faz parte da identidade de quem mora ali. O ritual de Encomenda das Almas até hoje permanece sendo reinterpretado na simplicidade e na devoção do último grupo da região, a Folia das Almas da Canastra.

Atualmente, a comunidade do Vale do Gurita e de toda região da Serra da Canastra, enfrenta um grave dilema: por volta do segundo semestre de 2024 surgiu a notícia de que a Diocese de Guaxupé, responsável pela capela e por todo o patrimônio localizado no entorno, pretende vender a área para empreendedores que planejam construir um grande complexo turístico. A reação contrária foi imediata, liderada por importantes membros da comunidade. Inclusive, a Associação dos Produtores Rurais do Vale do Gurita encaminhou um ofício ao Ministério Público e ao Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Delfinópolis. A prefeitura, por sua vez, providenciou um decreto de tombamento provisório da Capela do Itajuí e das construções ao seu redor.

A diocese de Guaxupé, do seu lado, garantiu que somente parte dos 7 hectares da área será vendida e que a comercialização “não prejudicará o uso da capela e a vida da comunidade local, tanto para as celebrações quanto para os eventos”. A comunidade, porém, não está convencida e exige que todo o terreno da Capela de Nossa Senhora das Graças do Itajuí seja conservado. Por enquanto, só resta aguardar os próximos acontecimentos.



ROTA DO QUEIJO CANASTRA

Os sabores do



turismo de experiência



Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO (2024), o queijo é o atrativo de um roteiro que garante as melhores vivências aos turistas nas visitas às fazendas queijeiras. A Rota do Queijo Canastra surgiu exatamente para estruturar a atividade turística relacionada à iguaria, e ainda oferece os atrativos esculpidos por uma natureza deslumbrante em torno do complexo da Serra da Canastra.

Fotos Cesar Félix

Reconhecido internacionalmente pela alta qualidade da técnica de produção (o modo de fazer) artesanal, dono de importantes medalhas na França no prestigiado concurso ‘Mondial du Fromage et des Produits Laitiers’ — o mais importante do mundo — o queijo Canastra inclui-se também como Patrimônio Cultural do Brasil desde 2008 e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO (2024).

Não é surpresa, portanto, que turistas de todos os cantos do Brasil e de diferentes países queiram conhecer as fazendas produtoras, os “queijeiros” artesanais e os modos de produção do já famoso queijo Canastra, além de degustar as deliciosas variedades dessa iguaria tipicamente mineira.

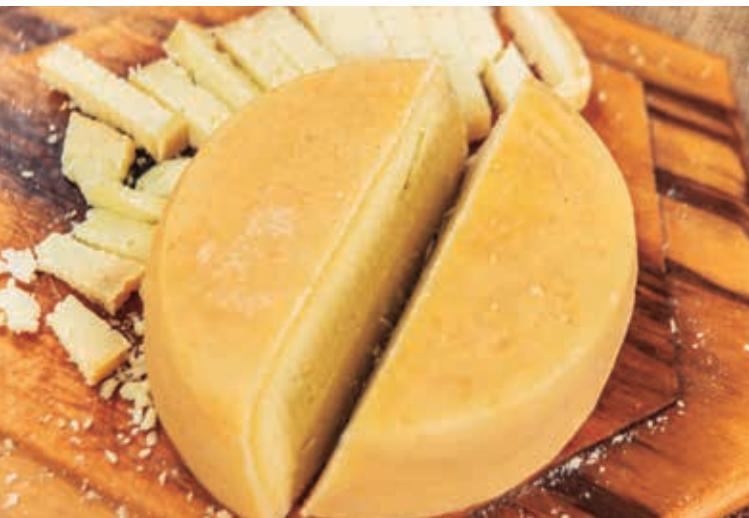
A Rota do Queijo Canastra surgiu exatamente para estruturar a atividade turística, de modo a garantir as melhores vivências aos turistas nas visitas às fazendas queijeiras e ainda oferecendo os grandes atrativos esculpidos por uma natureza deslumbrante em torno do complexo da Serra da Canastra.

Hoje, cerca de 800 famílias vivem da produção queijeira nessa vasta região do sudoeste de Minas Gerais.a

Queijo Minas Artesanal

É preciso explicar que para ser caracterizado como um Queijo Minas Artesanal (QMA) a iguaria precisa ser produzida com os seguintes ingredientes: leite cru, coalho, sal e o fermento natural, chamado de “pingo”. Esse último ingrediente é o grande trunfo dos produtores. Ele surge da seguinte forma: depois de pronto, o queijo é colocado para descansar durante um dia. Nesse período de 24 horas, escorre uma água do queijo, líquido que vem a ser o próprio pingo, o fermento natural, base principal do “terroir” do Queijo Canastra.

Em resumo, conforme explicam os produtores locais, o queijo da Serra da Canastra nasce a partir dessa descrição: as vacas vivem livres no campo e se alimentam de pastagem natural. Algumas pastam o capim natural do Cerrado, embora a maior parte do pasto seja formado pela braquiária, um capim exótico que se adaptou muito bem no bioma.



Queijo Canastra: também um valioso produto turístico.

Pingo, fermento natural

As ordenhas das vacas acontecem sempre pelas manhãs, bem cedinho. Assim é obtido o leite cru utilizado na produção. Em seguida, após o coalho, é colocado o pingo. O fermento natural, segundo os produtores, faz com que cada produtor tenha um queijo com uma identidade única — ou seja, um queijo é diferente um do outro —, pois cada produtor usa o seu próprio pingo.

Ainda conforme explicam os produtores, o toque especial dado por cada produtor vem com o tempero por meio do uso de apenas sal grosso, salpicado já com a massa na forma. “A quantidade de sal é que vai fazer a diferença”. A etapa seguinte é “grosar” o queijo, que inclui, lixar cada peça por fora de modo a realizar o acabamento.

Finalmente, a regra é clara: “para conseguir o sabor, a textura, a coloração do tradicional Queijo da Canastra, colocamos cada queijo na tábua de maturação até ele curar. Assim ele ganha a sua identidade. O segredo nessa parte é virar o queijo todos os dias para que ele cure por igual dos dois lados”.

Para ser comercializado, o queijo precisa de 14 dias de maturação. Porém, dependendo do período de maturação — 14, 30 ou 45 dias — surgem diferentes variedades do Queijo Canastra.

Queijarias e atrativos turísticos

O fato é que há em Delfinópolis e em São Roque de Minas um incrível conjunto formado pelos paradisíacos atrativos naturais



e pelas queijarias, além das produções de cafés especiais. Há ainda ótimos restaurantes, pousadas de qualidade e locais que marcam a história e a cultura do lugar, inclusive a religiosidade dos moradores.

Todavia, ao priorizar as visitas às queijarias, todas elas oferecem a experiência de degustação de até seis diferentes tipos de queijos. A nossa reportagem percorreu queijarias nos dois municípios e vivenciou experiências que justificam plenamente porque o queijo de Minas Gerais se tornou um patrimônio da humanidade.

Queijaria Reserva do Lago

Em Delfinópolis, após conhecer a magnífica cachoeira do Zé Carlinhos, a primeira queijaria visitada foi a Reserva do Lago, propriedade do agrônomo e geneticista Thiago Vilella. Ele conta que produz diariamente 25 peças e que segue rigidamente o modo de fazer o queijo Canastra, ou seja, realizando a ordenha diária nas manhãs. Vilella explica sobre a importância da alimentação das vacas da raça Girolando — excepcional na produção leiteira, pois é resultado de cruzamento entre um gado de raça holandesa e o zebuíno Gir — para a produção do leite e, consequentemente, de um queijo “menos ácido”. As vacas, 15 no total, pastam capim braquiária e, durante o período de estiagem, alimentam-se de silagem de milho.

Vilella explica que queijo artesanal lá produzido tem cor amarelada e massa levemente amanteigada, de fácil combinação com vinhos, geleias, doces ou salgadas. O sabor pode variar de suave a intenso, dependendo do tempo de maturação. A textura é firme e apresenta uma casca natural amarelada.

Queijaria Quinta de Sant'Anna

A parada seguinte foi na queijaria Quinta de Sant'Anna, dos produtores Cláudia Mendonça Camargo e Odil Tales Pereira. Lá a matéria-prima dos queijos é o leite cru de vacas da raça Jersey criadas na própria fazenda. “O solo, o pasto, o clima e a microbiota local trazem aos queijos características próprias e muito agradáveis ao paladar”, informam os produtores. A queijaria fabrica três produtos: Queijo Marandu, Canastra Cordilheira e Queijo Desidratado Canastra Crispy. O Marandu, ganhou a medalha de broze no Mondial du Fromage de Tours na França edição 2021. Trata-se de “um



A produtora Cláudia Mendonça Camargo, da Queijaria Quinta de Santa' Anna.



Os cafeicultores Ana Trindade e Valdemar Bruni servem cafés especiais reconhecidos pela qualidade e também importantes premiações.



Loja da Queijaria Roça da Cidade.



Queijos premiados da Queijaria Porto Canastra.

queijo de massa cozida no qual são adicionadas bactérias propiônicas. Estas bactérias são responsáveis pelas lindas olhaduras. Elas também dão um toque mais adocicado ao queijo". Os produtores acrescentam que o tempo de maturação mínima do queijo são de quatro meses. "Neste tempo, as olhaduras se desenvolvem, os sabores surgem e se intensificam. Apesar do tempo de maturação ele se mantém macio. Este queijo pode ser maturado por muitos meses e, com o passar do tempo, vai ficando cada vez mais adocicado".



A mestre cervejeira e chef Flávia Ferreira serve uma tábua com diferentes tipos de queijo Canastra e cervejas tipos Pilsen, Witbier, IPA e Red Lager.

Queijaria Vale da Gurita

Há cerca de 30 anos, o Queijo Vale da Gurita, de Roselania e Saulo Lopes, é produzido na Fazenda Santa Clara, localizada "no coração" da Serra da Canastra. A matéria prima é o leite das vacas das raças Caracu e Girolando, "rústicas e muito bem adaptadas à região e produzem o leite com maior teor de gordura, que caracteriza o sabor especial do Queijo Vale da Gurita", como garantem os produtores.

São 25 vacas que são ordenhadas duas vezes ao dia. Eles informam que "buscam resgatar as raízes de um autêntico Queijo Minas da Canastra, pois são observadas na fabricação do Vale da Gurita as mesmas técnicas utilizadas há séculos,

o que garante um resultado de excelência no sabor, aroma e textura". Um importante diferencial do produto é a maturação "a partir de 60 dias". Outro destaque é o gigante Canastra Real (equivale em diâmetro a um volante de carro) que fica seis meses em maturação.

Dentre as premiações do queijo destacam-se a medalha de Prata em 2017 e o Super Gold em 2019 no Concours Mondial du Fromage -Tours na França.

Queijaria Porto Canastra

Na Queijaria Porto Canastra, a proposta é interferir o mínimo possível na alimentação, somente pastagem. Na ordenha, o bezerro 'ao pé da vaca' é utilizado para estimular que o leite saia antes da ordenha manual. Há oito anos Vanessa Lopes e Luiz Henrique Fernandes, o Nico, criam as vacas mestiças, de raças rústicas, de forma semiextensiva o que, segundo Nico — nascido e criado em Delfinópolis — garante alta qualidade ao leite. Por dia, são ordenhadas 20 vacas e a produção diária fica entre seis e sete quilos de queijo. Os produtos são maturados com 14, 30 e 45 dias.

Já o Canastra Real produzido pela Porto Canastra exige 90 litros de leite (um queijo "normal" precisa de 11 litros) e 50 dias de maturação. Integrante de família tradicional do município, Nico, como "mestre queijeiro", segue à risca "o modo próprio e único de fazer dos canastreiros" de mais de 200 anos: com a utilização dos ingredientes da receita original, à base de leite cru, coalho, pingo e sal. Na fazenda, a primeira queijaria vencedora de concurso por Delfinópolis, a experiência é a degustação de queijos com cafés e vinhos.

Queijos e cervejas artesanais

Degustar queijos harmonizados com cervejas artesanais foi mais uma experiência incrível da viagem, aquela que merece ser repetida em outra oportunidade. Melhor ainda é o almoço servido no local, no Restaurante Lá da Serra. Tudo acontece no quintal em baixo de árvores frutíferas.

A mestre cervejeira e chef Flávia Ferreira serve uma tábuia com diferentes tipos de queijo Canastra e cervejas tipos Pilsen, Witbier, IPA e Red Lager. No cardápio do almoço tutu a mineira com queijo e a mineiríssima carne de porco da lata — a carne é conservada com a

gordura do porco na lata, tradição secular em Minas Gerais. Na sobremesa, doce de manga. Uma experiência inesquecível e deliciosa.

Cafés especiais

Os cafés especiais da Serra da Canastra ficaram conhecidos pela excepcional qualidade e se tornaram mais um atrativo turístico da região. Os cafés Serra Preta e Benedita Porcelli — 100% arábica, variedade Arara e com Denominação de Origem — são produzidos, respectivamente, pelos cafeicultores Ana Trindade e por Valdemar Bruni. Amigos e vizinhos, eles adotam o sistema de plantio agroflorestal, pois utilizam grandes árvores nativas e frutíferas para dar sombra aos pés de café. A altitude acima de 850 metros confere um diferencial de qualidade para a produção cafeeira.

Vale muito a pena a experiência de degustar os deliciosos cafés acompanhados de queijos. E tem mais um detalhe importante: a vista do lugar, o Sítio Candeias (de Ana Trindade), a uma altitude de cerca de 900 metros, é simplesmente deslumbrante.

São Roque de Minas

Três incríveis queijarias localizadas em São Roque de Minas servem como parâmetros da alta qualidade dos produtos e, é claro, são palcos de belas experiências turísticas. As visitas aconteceram nas queijarias Roça da Cidade, Capim Canastra e Queijaria do Ivair. Com a rota do queijo já estruturada, os produtores do município também priorizam a atividade turística e estão otimistas quanto ao incremento das visitas.



Queijos para degustação da Queijaria Capim Canastra.



A Rota do Queijo Canastra surgiu exatamente para estruturar a atividade turística e garantir as melhores experiências.



Ivair apresenta o seu premiado queijo.



Mesa de queijos para degustação na Queijaria Vale da Gurita.

Roça da Cidade

A Roça da Cidade é a queijaria mais próxima do centro de São Roque de Minas, a apenas 1 km e acesso fácil via a estrada asfaltada, cuja administração, desde 1998, é de responsabilidade do arquiteto Hugo Faria Leite, de 32 anos. Como representante da quinta geração da família na produção do queijo, Hugo é convicto ao afirmar que “hoje o nosso maior foco de trabalho é o turismo”. A fazenda, segundo ele, mantém um grande investimento em infraestrutura e em tecnologia para receber os turistas, “pois eles fazem a visitação para conhecer os nossos processos produtivos e para degustar os queijos e demais produtos”.

Hugo acrescenta que o queijo é feito dentro dos melhores padrões de controle e qualidade: “trabalhamos de uma forma muito profissional junto com a nossa equipe, com os fornecedores e também junto aos nossos clientes. Buscamos sempre aprimorar o padrão de qualidade dentro dessa produção artesanal assim como os nossos tataravós faziam. Vamos manter essa tradição dentro das atuais regras sanitárias de produção”.

Confiante no crescimento da atividade turística na região, o arquiteto garante que o movimento de turistas “cresceu substancialmente após a pandemia e a frequência aumenta a cada ano”. Para ele, o fato do queijo artesanal ter se tornado Patrimônio Cultural Imaterial foi muito importante para atrair ainda mais visitantes. “O turista fica encantado com tudo e muitos voltam acompanhados de mais visitantes”, garante o arquiteto da Roça da Cidade.

Capim Canastra

A Capim Canastra é outra que está há cinco gerações na produção queijeira. Também localizada nas proximidades de São Roque, a Estância Capim Canastra, dirigida pelo veterinário Guilherme Ferreira, foi a primeira queijaria da Serra da Canastra a conquistar um prêmio internacional, se tornando também o primeiro queijo brasileiro premiado no exterior. Isso aconteceu em 2015 na França com a conquista de uma mais do que surpreendente medalha de prata.

A partir desse reconhecimento, a propriedade tratou de aprimorar o trabalho profissionalizando a gestão como foco da qualidade em todos os níveis. Hoje, orgulhosamente, a Capim Canastra faz questão de informar que o seu queijo é reconhecido (e consumido) por grandes ‘chefs’ da gastronomia como Alex Atala, Olivier Anquier, Henrique

Fogaça e Rodrigo Oliveira. Por isso, os queijos estão presentes nos mais badalados restaurantes do circuito culinário brasileiro.

Há cinco anos trabalhando na Capim Canastra, Vanda Leite Campos conta que Guilherme começou a produção em 2010 “já legalizada”. Após a conquista do prêmio, ela diz que Guilherme visitou várias fazendas na França e trouxe para a Serra da Canastra uma outra visão sobre a produção do queijo. “Aqui a gente jogava fora o queijo com mofo”, exemplifica. Vanda acha que o trabalho desenvolvido por Guilherme foi fundamental para tornar o “queijo famoso e com a produção legalizada”. Para ela, a partir daí, o turismo começou se a desenvolver de fato na região. “Agora, com a Rota do Queijo Canastra, as visitas dos turistas são muito importantes não só para nós, mas também para todas as outras fazendas. O turismo aumentou muito e traz renda para Canastra inteira”.

Além de receber os visitantes para mostrar os processos de produção e degustar os queijos, vale lembrar que o um diferencial da Capim Canastra são os queijos tipo “caverna”, pois são maturados em cavernas artificiais feitas de pedra.

Queijo do Ivair

Em 2019, Ivair José de Oliveira. De 55 anos, voltou do Mondial du Fromage na França carregando na bagagem três medalhas de prata. Dois anos depois, a consagração com uma medalha Super Ouro. Foi o reconhecimento de um trabalho iniciado há mais de 23 anos quando ele retomou uma tradição herdada do avô e do bisavô. É mais uma família que soma cinco gerações na produção queijeira.

Mesmo colecionando prêmios internacionais, o Queijo do Ivair tem a produção limitada a cerca de 20 unidades por dia e o modo de fazer continua o mesmo como faziam os seus antepassados: com a massa prensada à mão. Um aspecto interessante que diferencia o seu produto, segundo Ivair, é que existe o queijo da manhã e o queijo da tarde. No vespertino, a concentração de gordura do leite é bem maior depois da ordenha. Por isso, há alterações na textura, no sabor e no cheiro do queijo.

O fato é que o delicioso Queijo do Ivair, apresenta uma crosta crocante levemente salgada e picante, e um miolo muito branco, que simplesmente derrete na boca. O fungo e a maturação do queijo (virado diariamente) acima de 22 dias garantem a impecável textura.

“A gente respeitou a nossa história de família, sempre trabalhando com foco na qualidade em todos os setores: alimentação e saúde do rebanho e na produção em geral”, diz ele. “Isso começou a ser reconhecido pelas premiações, mas a verdade é que a gente aprende a cada dia com o queijo”, reconhece o já famoso queijeiro.

“É muito gratificante quando você recebe o ‘feed back’ das pessoas e também quando vem as premiações. Isso nos mostra que seguimos no caminho certo e que a cada dia a gente começa com mais vontade de produzir um queijo ainda melhor. Nos dá muita força e ânimo”. Ivair destaca que a Rota do Queijo Canastra “é muito importante para nós, produtores, e é também para o turista que quer conhecer a nossa região. Ele tem toda a facilidade de encontrar com os produtores, e também de aproveitar os atrativos que temos, como os da natureza, que são lindos”.

Para o queijeiro, a atividade turística “é um processo fantástico que acontece agora e era tudo o que a gente mais precisava”. O raciocínio dele é claro: “nós somos bons produtores de queijo, mas se mostrar da melhor forma é tudo que a gente precisa. Por isso, a Rota Queijo é se tornou fundamental para todos nós da Serra da Canastra”.



Turistas em visita a uma das queijarias.

BRUMADINHO





Vivências turísticas nos quilombos

As comunidades quilombolas conservam as tradições da cultura afro-brasileira em quatro quilombos de Brumadinho. Eles se tornaram interessantes atrativos turísticos que foram estruturados no “Círculo dos Quilombolas”.

Por Cesar Félix (texto e fotos)

O município de Brumadinho, localizado na região metropolitana de Belo Horizonte e conhecido nacionalmente por abrigar o Instituto Inhotim, também guarda um valioso patrimônio cultural profundamente ligado às raízes das ancestralidades brasileiras. Trata-se das comunidades quilombolas, que conservam as tradições legadas pela cultura afro-brasileira.

A importância dos quilombos de Brumadinho é tão relevante que eles mereceram a certificação da Fundação Cultural Palmares (FCP) — instituição pública federal brasileira responsável “por promover e preservar a cultura afro-brasileira, valorizar a identidade e a memória negra, e combater o racismo”.

Dentro dos limites do município existem quatro quilombos: Quilombo de Ribeirão, Quilombo Rodrigues, Quilombo de Sapé e Quilombo Marinhos. Eles se tornaram interessantes e originais atrativos turísticos após ganharem um roteiro específico, chamado de “Círculo dos Quilombolas”.



Música, dança e ancestralidades: cultura preservada.

Resgatar as tradições

A proposta do roteiro “é resgatar as tradições e dar visibilidade a essa identidade cultural centenária por meio de uma programação repleta de cultura, música, dança e gastronomia. Os quilombos são um convite para quem deseja vivenciar uma experiência autêntica por meio da religiosidade, dos cânticos, dos artesanatos e dos sabores únicos”.

Os Quilombos de Brumadinho fazem parte das experiências turísticas do catálogo Céu de Montanhas, coletânea desenvolvida pela companhia Vale em parceria com o Instituto Rede Terra —uma Organização da Sociedade Civil, qualificada como entidade privada sem fins lucrativos. A instituição, como explica o seu sítio oficial, tem “como missão colaborar com o poder público, o setor privado e a sociedade civil no diálogo social e na governança de projetos de sustentabilidade e proteção dos direitos humanos”.

Céu de Montanhas

Lançado em 2022, o Céu de Montanhas reúne cerca de 40 vivências rurais, gastronômicas, artísticas e bem-estar disponíveis na região.

Conforme esclarece o catálogo, cada quilombo oferece diferentes oportunidades de vivências aos turistas. No Quilombo Ribeirão, a experiência é repleta “de música, alegria, samba e dança”, com destaque para “o forró e o samba de roda, que são muito presentes na vivência”. No Ribeirão, o visitante saboreia a culinária quilombola com pratos criados a partir de produtos orgânicos locais. Destaque para a deliciosa feijoada. Também estão ao dispor as belas peças para mesa, decoradas com os peixes bordados pelo estilista Ronaldo Fraga. Mais um ótimo atrativo é ouvir o grupo Cigarras do Quilombo Ribeirão. São quatro irmãs que cantam belas canções e ainda “compartilham as histórias e tradições dos seus ancestrais quilombolas”. Elas são ainda as “principais artesãs da comunidade e suas habilidades manuais dão vida a produtos que refletem a rica herança cultural do quilombo”.



Igreja de São Vicente de Paulo no Quilombo de Sapé.



A rota turística propõe resgatar as tradições e dar visibilidade à identidade cultural dos quilombos.



Os Quilombos de Brumadinho integram as experiências turísticas do catálogo Céu de Montanhas.

Vivências

No Quilombo de Rodrigues, o visitante tem a “oportunidade de vivenciar as tradições culturais e religiosas da comunidade”. O Céu de Montanhas informa que a visita é interativa, pois o turista pode “confeccionar um instrumento de percussão, comum nos festejos quilombolas, que é fabricado com cabaça e contas coloridas, chamado de xequerê”. Além de experimentar e manusear o xequerê, o visitante conhece a oficina, aprende a construir e tocar o instrumento e pode levá-lo para casa.

A outra vivência é aprender confeccionar a pulseira de Lágrima de Nossa Senhora, feita com sementes encontradas nos quintais dos quilombos da região. Depois é só colocar no pulso e ir embora com a bonita peça.



Experiência de confeccionar a pulseira de Lágrima de Nossa Senhora no Quilombo Rodrigues.

Música e dança

No entorno da histórica Igreja de São Vicente de Paula, acontece a vivência no Quilombo do Sapé. Após uma linda celebração de dança e música em frente ao templo, o turista é convidado a saborear um farto e saboroso café, preparado com ingredientes típicos do município. O principal atrativo do café é o tradicional biscoito chamado de “João Deitado”. É como exalta o Céu de Montanhas sobre a experiência: “o café vira celebração, cercada de histórias, ancestralidade e música para aquecer sua alma e seu coração”!

Patrimônio imaterial e material do município e Brumadinho, a experiência turística do Quilombo Marinhos gira em torno dos cânticos e das tradições do lugar, cujo símbolo é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

A benção em frente a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.



Apresentação com cânticos no Quilombo Marinhos.



O turista é recebido com alegria, carinho e atenção.



Apresentação musical no Quilombo de Ribeirão.

Valores seculares

A vivência turística no quilombo, conforme o Céu de Montanhas, “possibilita um mergulho na identidade e na cultura de Marinhos, que trazem uma secular tradição”. O turista é brindado com uma apresentação feita com cânticos quilombolas que ilustram uma “representatividade de poder e fé”. Após as emocionantes apresentações (com muita música, batuques e danças), os quilombolas explicam os significados das manifestações e os valores seculares da tradição histórico-cultural quilombola. Outros atrativos são os lindos produtos artesanais têxteis, como a boneca Maria do Quilombo, desenhada por Ronaldo Fraga e produzidas pelas mulheres.

Por fim, a anfitriã Nair de Fátima Santana Silva, reúne as pessoas em frente à igreja e conduz uma comovente seção de bençãos.

Turismo consolidado

Os quilombolas estão felizes com a consolidação da rota turística. Moradora da comunidade desde quando nasceu, Shayane Aparecida Braga dos Santos, de 23 anos, diz que se sente “muito honrada em seguir e preservar as nossas tradições, pois assim nós também honramos os nossos antepassados”. Ela acrescenta que mostrar a cultura quilombola para os turistas é também “uma grande conquista para toda a comunidade”.

O senhor Ciril Fátima da Silva, de 63 anos, diz que “como quilombolas nos sentimos muitos felizes em receber os turistas.” Para o morador do Sapé, o turismo “trouxe novas perspectivas e se tornou muito importante para todos nós”. Ele destaca que a comunidade dos quilombos de Brumadinho “carrega a herança da liberdade

deixada pelos antepassados” e faz questão de “manter as tradições”. Ciril cita como exemplo a preservação das manifestações do congado, do moçambique e das quadrilhas.

Maria de Fátima Santana Silva, também de 63 anos, acrescenta que “a gente conservando, nós perpetuamos os nossos antepassados e levamos o legado deles para as novas gerações quilombolas e também para os turistas, com muito afeto e amor”. Fátima acredita no constante crescimento das atividades turísticas no Circuito dos Quilombolas, principalmente porque os visitantes “ficam muito felizes e impressionados” com os atrativos e “vão embora muito satisfeitos”.



Paixão e fé.

Belos cenários de experiências inesquecíveis

Desde a Vila de Biribiri até a passagem pela magnífica Diamantina e seguindo cordilheira abaixo rumo ao Serro, a Rota do Espinhaço revela experiências turísticas inigualáveis e exuberantes atrativos turísticos.

Reportagem Cacaio Six

Fotos Cesar Félix



Pico do Itambé
(2.052 metros de
altitude) na Serra
do Espinhaço.

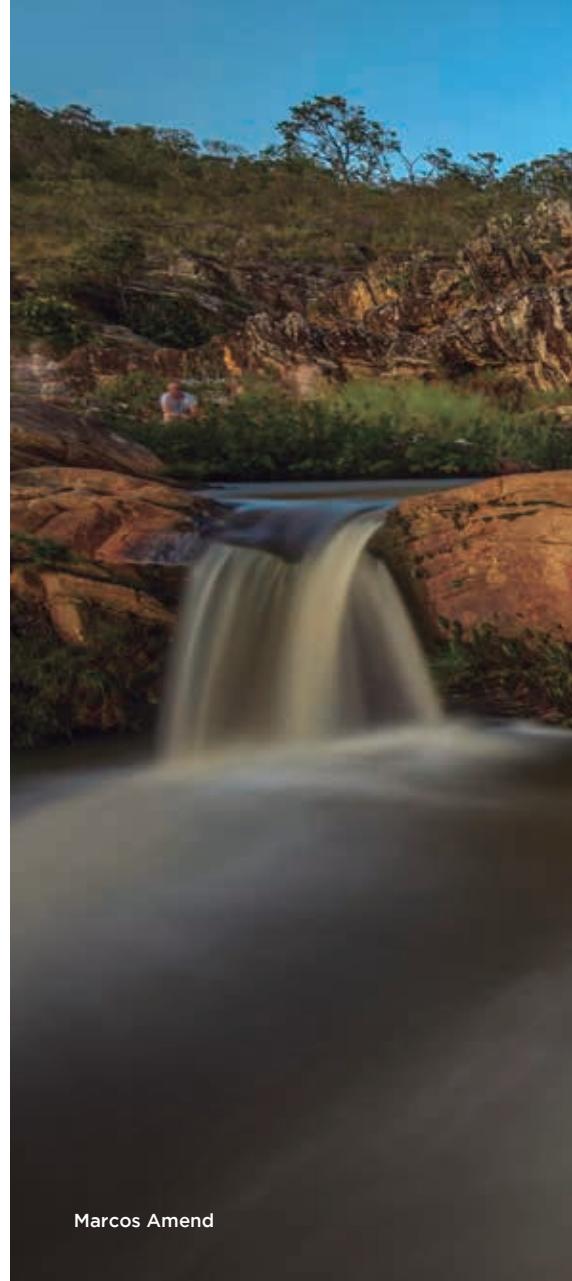


Igreja do Sagrado Coração de Jesus, na Vila de Biribiri.

É sempre uma emoção seguir pela estrada que rompe a Serra do Espinhaço — a única cordilheira brasileira — até chegar à sempre, permanentemente, encantadora Diamantina. Essa viagem (mais uma dentre tantas e outras muitas que ainda virão) teve como primeiro destino a vila de Biribiri. Saindo da estrada já nos arredores da cidade, a trilha agora é pela estrada de terra em direção ao Parque Estadual de Biribiri, um trecho de cerca de 10 km de belas paisagens, pois o cenário é desenhado pelos impressionantes contornos da cordilheira.

A Vila de Biribiri é algo que pode ser considerado sem precedentes na história do Brasil. Por isso mesmo é um dos destacados patrimônios históricos do país. Ali, a partir do ano de 1877, foi iniciada a indústria têxtil em Minas Gerais quando o vilarejo foi fundado para abrigar uma fábrica de tecidos e fiação.

O então bispo da região, João Antônio Felício dos Santos, foi o responsável pela viabilizar o surgimento da vila. Havia uma razão estratégica na escolha do local: o terreno acidentado possibilitou a construção de uma pequena usina para utilização da energia elétrica. No auge da fábrica — nos anos de 1950 a Companhia Industrial de Estamparia mantinha ali 1.200 funcionários. — Biribiri tinha armazém para abastecer a dispensa dos trabalhadores, escola para as crianças, pensionatos e até um consultório odontológico. A fábrica foi fechada em 1973 transformando o lugar em um vilarejo fantasma.



Marcos Amend

Infraestrutura turística

Hoje, a vila é um ótimo atrativo turístico pela beleza cênica das casas pintadas de azul e branco, pela ainda imponente sede da antiga fábrica e pela Igreja do Sagrado Coração de Jesus. É preciso registrar que o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de Biribiri é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA – MG) desde o ano de 1998. Erguida em 1876, a linda igrejinha é adornada por palmeiras imperiais e é uma relíquia da arquitetura religiosa brasileira, com características dos estilos rococó e eclético. Todas as edificações erguem-se sobre um extenso gramado que se abre em uma ampla praça.



Cachoeira dos Cristais, no Parque Estadual do Biribiri.

Biribiri possui uma pequena infraestrutura turística formada por dois ótimos restaurantes — ambos com mesas ao ar livre — e uma pousada com 12 quartos. Os turistas podem se hospedar em algumas das antigas casas dos operários, que recebem hóspedes por temporada. Os restaurantes são o Restaurante da Vila e o Restaurante do Raimundo Sem Braço. Ambos oferecem as melhores opções da mais típica e deliciosa gastronomia mineira — tanto nas modalidades ‘self-service’ quanto ‘à la carte’. Oferecem ainda variados petiscos, delícias que caracterizam o famoso ‘tira-gosto’ mineiro. Para acompanhar, é claro, cervejas geladas e as cachaças artesanais fabricadas nos alambiques de Minas. O visitante tem a opção degustar cafés especiais e quitutes como pão de queijo, bolos e doces na charmosa cafeteria instalada no lugar.

Parque Estadual do Biribiri

A vila está localizada dentro Parque Estadual do Biribiri, importante reserva com mais de 16 mil hectares. Duas lindas quedas d’água são incríveis atrativos: a Cachoeira do Sentinel e a Cachoeira dos Cristais. As duas revelam paisagens de sonho, com águas cristalinas e transparentes. O Instituto Estadual de Floresta (IEF) informa que o parque “possui fauna e flora diversificadas sendo que muitas de suas espécies estão entre aquelas consideradas ameaçadas de extinção, tais como: lobo-guará, sucurana, veado, sempre-vivas, orquídeas, bromélias, canelas-de-eema, dentre outras. Nos locais de afloramento rochoso, com altitude acima dos 900 metros em relação ao nível do mar, há ocorrência da fitofisionomia de campos rupestres que se destacam, por exemplo, pela ocorrência marcante



O Passadiço da Glória, um dos símbolos de Diamantina, Patrimônio Cultural da Humanidade.

de sempre-vivas e canelas-de-ema". Ou seja, diante de atrativos tão ricos, o turista renova os planos para voltar à Vila de Biribiri.

A propósito, conforme o IEF informa, "Biri, em Tupi-guarani, significa buraco. A repetição da palavra faz menção a um 'grande buraco'. Nome que era dado pelos índios à região onde havia um grande acidente geológico, no qual justamente pelo potencial hidráulico, se instalou a fábrica de tecidos de Biribiri, que levou o nome do lugar".

foi à Casa de Juscelino, onde o ex-presidente Juscelino Kubitschek viveu a infância e a adolescência. Erguida em pau a pique, conforme a técnica utilizada no século XVIII, a construção se transformou, no ano de 1985, no Museu Casa de Juscelino com a proposta de preservar a memória do ex-presidente. No acervo, além de objetos pessoais, fotografias, textos e instrumentos musicais, há uma biblioteca. Em 1994, foi construído o anexo Júlia Kubitschek, criando a segunda parte do museu.

A próxima parada foi na Igreja de São Francisco de Assis, que de imediato chama a atenção por sua torre única.

O rococó é o estilo predominante na igreja, datada do ano de 1775, pois há uma bela combinação entre ouro e madeira nos entalhes. Outros destaques são a pintura do forro da capela-mor — autoria do guarda-mor José Soares de Araújo realizada entre os anos de 1782/1783 — e a pintura no forro da sacristia, de 1795, atribuída a Silvestre de Almeida Lopes, que ilustra São Francisco de Assis em mística conversação com o Cristo Crucificado.

Diamantina, Patrimônio Cultural da Humanidade

A grandiosa importância de Diamantina na história brasileira é diretamente proporcional aos atrativos turísticos existentes nessa cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. Nesta rota pela cidade, a primeira visita

Como é aberta à visitação, vale a pena subir na torre dos sinos e apreciar a vista.

Seguindo adiante, o passeio pelo centro histórico permite contemplar a beleza (e a imponência) da Catedral Metropolitana de Diamantina, erguida entre os anos de 1932 e 1938. O templo substituiu a então Igreja de Santo Antônio do Tijuco, construída por volta de 1750 e demolida exatamente no ano de 1932. Como legado da antiga igreja, permanece os altares laterais que remetem ao estilo barroco.

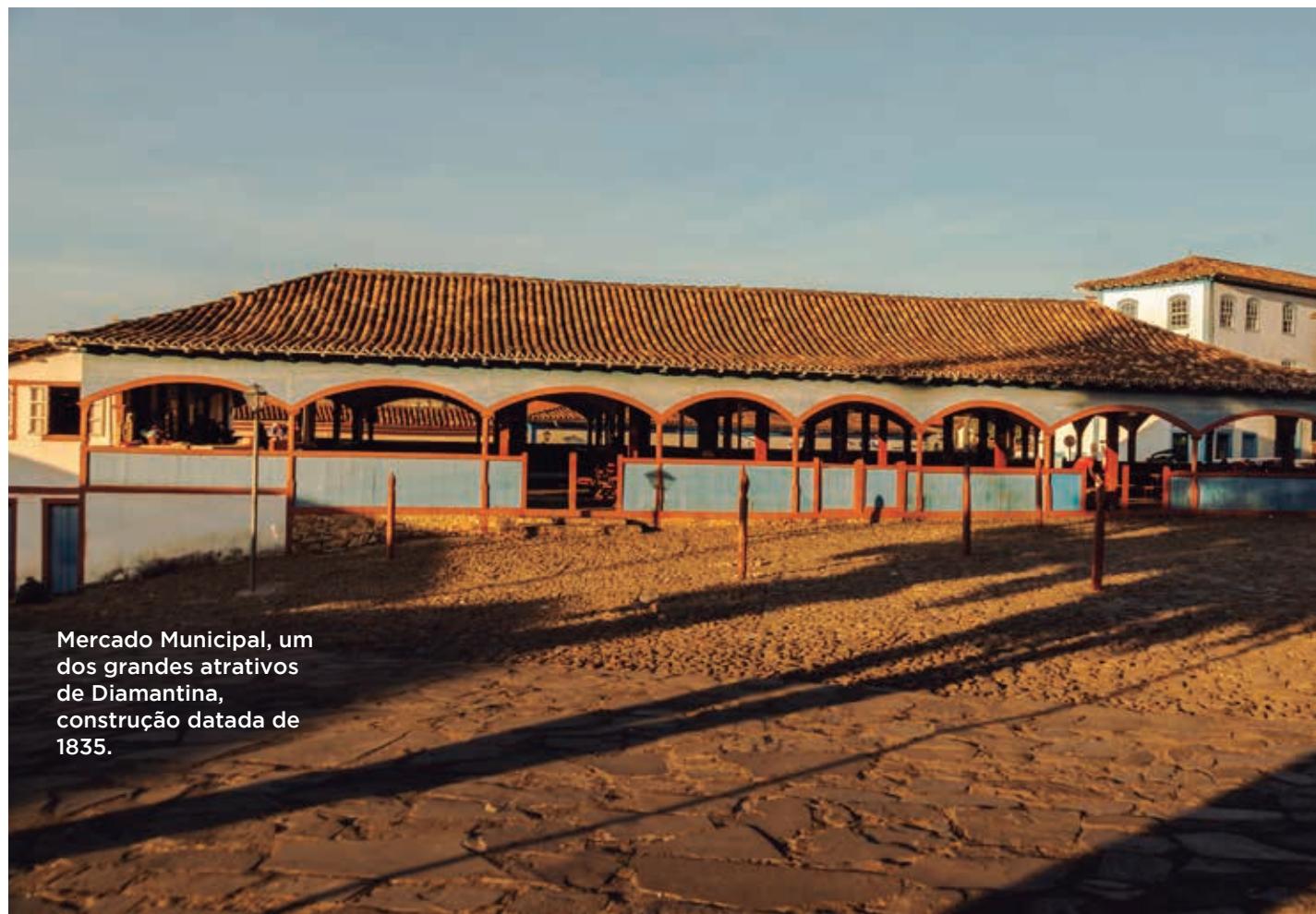
Mercado Municipal

Pouco metros à frente, surge a Praça Barão de Guaicuí onde está o atual Mercado Municipal. Datado de 1835, foi originalmente construído — pelo tenente Joaquim Cassimiro Lages — para servir de residência e como um rancho de tropeiros ou “intendência”, que era o nome dos lugares destinados ao descarregamento e à comercialização de mercadorias vindas de outros locais.

Para evitar o monopólio no comércio dessa intendência, em 1889 Diamantina iniciou — após adquirir o prédio dos herdeiros do tenente Lages — a construção do atual Mercado Municipal.

Também conhecido como Mercado Velho, a linda construção pintada em azul e branco —, cuja estrutura combina madeira, terra, alvenaria e tijolos em dois pavimentos — ocupa uma quadra inteira. Com várias fachadas, abertas para todos os ângulos da cidade, destacam-se os charmosos e incomparáveis arcos. Eles foram uma grande novidade na arquitetura da época, pois no período colonial, os arcos (conhecidos como arcos do cruzeiro) eram usados para separar o altar-mor da nave das igrejas, e como peças ornamentais, assim como as vigas de sustentação das igrejas.

Muitos afirmam que Oscar Niemeyer se inspirou nos arcos do Mercado de Diamantina para desenhar os traços do Palácio da Alvorada, em Brasília. É bom lembrar que o arquiteto e o diamantinense ex-presidente JK eram grandes amigos.



Mercado Municipal, um dos grandes atrativos de Diamantina, construção datada de 1835.



A tradicional Vesperata, o consagrado atrativo de Diamantina.

Hoje, o Mercado Municipal é movimentado a partir das sextas-feiras à noite e, nos sábados, acontece a feira da cidade. São comercializados artesanato, tapeçarias e outros produtos característicos da região. Outra opção é saborear os pratos típicos que podem ser acompanhados pela a cachaça artesanal. A programação invade a noite com muita música ao vivo.

A tradicional Vesperata

É claro que é necessário durante qualquer passeio por Diamantina adentrar o famoso Beco do Mota e ir até a Rua da Quitanda. Percorrer o legendário beco (mesmo não sendo mais aquele de outrora) é ir de encontro à história, pois o casario colonial e o calçamento de pedras continuam a embelezar o lugar que abriga bares e restaurantes.

Já a charmosa Rua da Quitanda é repleta de bares, todos com as mesas na calçada. É o ponto fervilhante da cidade, envolvido pelo belo casario colonial conservado, onde se encontram os moradores — como os estudantes universitários — e os turistas. Nos finais de semana, a movimentação é intensa.

É lá que acontece um dos grandes atrativos da cidade, a tradicional Vesperata. Uma banda, regida por maestros que ficam no meio do público, entre as várias mesas dos bares, enquanto os músicos — do 3º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais juntamente com jovens instrumentistas diamantinenses — se posicionam nas sacadas dos casarões históricos e na Rua da Quitanda. O repertório da banda inclui marchas, boleros, sambas, Música Popular Brasileira (MPB) e sonatas. A Vesperata acontece em dois sábados por mês, entre os meses de março e outubro.



A sede histórica da Fazenda Engenho da Serra, no município do Serro, produtora de queijos.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Nessa viagem, a Rota do Espinhaço incluiu mais dois atrativos em Diamantina. As igrejas de Nossa Senhora do Rosário e a Casa de Chica da Silva. Construída por iniciativa dos Irmãos do Rosário, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário é uma das mais antigas de Diamantina, cujas obras foram iniciadas nos anos de 1771/1772, sob a batuta do mestre Manuel Gonçalves. Erguida no meio de uma praça, em alvenaria de adobes recoberta por com caiação branca, e sustentada por amplo adro revestido de pedra, o templo ainda ganhou um adorno extra: na parte da frente dele, cresceu uma enorme gameleira que se mistura com o cruzeiro ali instalado.

No interior da igreja, destaque para as pinturas do arco-cruzeiro e a do forro, “que formam um conjunto extremamente harmônico, conseguido a partir da intervenção de José Soares de Araújo, autor da pintura e douramento destas áreas”, como informa o Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O IPHAN também chama atenção para a pintura da Virgem do Rosário, “rodeada de anjos e nuvens. No colorido predominam os tons cinza-azulados nas perspectivas arquitetônicas e os sépias no quadro central, retratando um ambiente de penumbra. Alguns realces de ouro dão luminosidade à composição”.

Chica da Silva

O destino seguinte foi a Casa de Chica da Silva. Um dos exemplares mais importantes da arquitetura residencial mineira do século XVIII, a casa era propriedade do contratador João Fernandes de Oliveira que, entre os anos de 1763 e 1771, viveu na residência junto à legendária Chica da Silva, escrava que fora alforriada por ele. Francisca da Silva de Oliveira nasceu entre 1731 e 1735 no Arraial do Tejucu, atual Diamantina. O sobrado — uma típica casa das camadas abastadas da cidade no século



Vista da Vinícola do Campo Alegre.

Fotos Ísis Medeiros/Divulgação



Vinhos: variedades Syrah, Tempranillo, Malbec, Pinot Noir, Tannat, Merlot e Sauvignon Blanc.

XVIII — foi onde ela viveu com João Fernandes no centro histórico de Diamantina e pode ser visitado gratuitamente.

A casa de Chica da Silva já passou por quatro restauros desde 1949 até o IPHAN inclui-la na lista das Belas Artes brasileiras. Das sacadas da casa — dona de amplos espaços — avista-se a torre da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, cuja construção foi financiada por Chica para que os escravos pudessem participar das missas. Uma grande área verde no fundo da casa abriga o jardim-pomar, construído em degraus com pedras sobrepostas.

Além de sede regional do IPHAN, a casa abriga ainda uma exposição de quadros em óleo sobre tela — autoria do artista plástico Marcial Ávila — que retratam

imagens que o imaginário popular criou sobre Chica da Silva. Também estão lá acervos representativos da região: como documentos originários do Fórum, o bibliográfico do escritor Antônio Torres, e acervos textuais e iconográficos e muitos registros valiosos da história da cidade.

No pavimento superior do sobrado está lá bem conservado um muxarabi em um dos balcões. De origem árabe, o muxarabi é um ótimo elemento para criar [paredes vazadas](#). Ele ajuda a manter a privacidade, pois quem está do lado de dentro consegue enxergar o exterior, mas aquele que está do lado de fora não pode ver nada do interior.

Vale muito a pena atravessar a rua e visitar a Igreja de Nossa Senhora do Carmo — construída entre os anos de 1760 e 1784—, que apresenta uma característica muito original: a torre da igreja fica nos fundos da construção. No interior está o belo altar folheado a ouro e o órgão de 549 tubos. A pintura ilusionista dos forros, de autoria de José Soares de Araújo e o conjunto dos retábulos, de Aleijadinho, são outras preciosidades que precisam ser observadas com atenção.

Gastronomia e o Passadiço da Glória

Usufruir da deliciosa gastronomia diamantinense é algo que não poderia faltar nessa rota. O palco foi o Relicário Gastronomia, charmoso restaurante, dono de uma decoração criativa e de muito bom gosto. No cardápio da ‘chef’ Rachel Palhares porções de queijo artesanal tipo árabe, de queijo artesanal do Serro e creme de siri e arraia no tacho de cobre. Dos petiscos, destaque para o bolinho de feijoada, o dedinho de tapioca e os pasteizinhos. Deliciosas massas como espaguete ao pesto ou ao molho branco com medalhão de filé vão agradar aos mais exigentes paladares. Há pratos como bacalhau desfiado ao creme de natas, tilápia grelhada ao molho de alcaparras com legumes salteados, salmão grelhado com molho de mostarda e curry e a carne de lata (ou seja, carne de porco caipira), ‘crispy’ de couve e lâminas de maçã picante. O Relicário Gastronomia também oferece uma notável carta de vinhos, principalmente os excelentes vinhos da região, e cervejas artesanais.



Queijo do Serro: Patrimônio Imaterial de Minas Gerais e do Brasil



Paisagem do Serro na luz da manhã.

O programa final da rota dos passeios por Diamantina foi a visita ao icônico Passadiço da Glória, que foi construído 1870 para ligar duas casas, onde funcionavam um educandário e um orfanato. O interessante é que são duas construções de séculos diferentes. A casa do lado direito rua da Glória, referência para quem sobe a rua, é do final do século XVIII — erguida provavelmente entre os anos 1775 e 1800 — enquanto a outra é do século XIX.

A obra do passadiço causou enorme polêmica na época, porém se integrou à paisagem diamantinense de tal forma que se tornou símbolo da campanha “Diamantina – Patrimônio Cultural da Humanidade”.

Hoje, além da história e do passadiço, nos acervos das casas incluem o Memorial do Colégio Nossa Senhora das Dores e a Sala de Minerais, juntos a outros acervos históricos expostos. O conjunto pertence à Universidade Federal de Minas Gerais desde o ano de 1979.

Vinícola Quinta do Campo Alegre

Muita gente não sabe, mas a região diamantina tem tradição no plantio de uvas para a produção de vinho. Desde 1870, também por iniciativa do clero, os produtores viram no vinho uma alternativa econômica para a já decadente mineração do diamante. Por incrível que possa parecer, mesmo contando com uma estação de enologia e viticultura inaugurada em

1948 — que só foi desativada três décadas depois —, o cultivo dos vinhedos entrou em franca decadência no final da década de 1960, pois já não havia nenhum apoio dos órgãos governamentais. Porém, a partir do ano de 2000, essa tradição foi retomada. Alguns empreendedores decidiram promover um resgate dessa cultura e surgiram novos vinhedos e, consequentemente, novos negócios.

Dentre os produtores, estão as vinícolas Quinta da Matriculada, a Vittelo Diamantina, a Sanfariah e a Quinta do Campo Alegre que, aliás, maturaram juntos os seus vinhos.

A nova etapa da viagem pela Rota do Espinhaço teve como destino a Quinta do Campo Alegre, localizada nas proximidades de Diamantina. Fundada em 2011 pelo jovem casal Ana Júlia e Luís Felipe, os dois iniciaram, no mesmo ano, o plantio das uvas ‘Vitis vinifera’, trabalho que seguiu em plena expansão em área e castas. Atualmente, o Campo Alegre conta com as variedades Syrah, Tempranillo, Malbec, Pinot Noir, Tannat, Merlot e Sauvignon Blanc. “Adotamos no vinhedo a técnica de ciclo invertido com prática da dupla poda, o que possibilita agregar maiores teores naturais de açúcares e compostos nas uvas, propiciando uma qualidade única aos vinhos”, como explica Luís Felipe.

Muito mais do que admirar o belo cenário dos vinhedos — são 12 mil pés das mesmas variedades citadas mais a Cabernet Franc — e ouvir as melhores explicações sobre os processos de produção, o ponto alto da visita foi a degustação dos vinhos.

Experiência da degustação

A experiência da Quinta do Campo Alegre acontece em uma construção com amplas paredes de vidros erguida a uma altitude de 1400 metros com vista para a Serra do Espinhaço. Os vinhos servidos foram o cítrico Blanc chamado La Blanca, seguido pelo (simplesmente delicioso) Vinho La Rosa — composição Pinot Noir (80%) e Chardonnay (20%) — e os tintos Dom Leon Alvarez e La Guarda, da uva Syrah. Os vinhos foram harmonizados com tábuas de frios e queijos em três diferentes tempos de maturação, produzidos pela Fazenda Braúñas, propriedade localizada na vizinha Serro.

É preciso anotar que a experiência da Quinta do Campo Alegre é de muita qualidade, algo para ficar gravado na memória do visitante, inclusive aquele mais exigente. Ana Júlia diz “o turista é o nosso principal público alvo”. Ela explica que esse público é formado tanto pelos apreciadores de vinhos quanto pelos iniciantes, “aqueles que têm curiosidade de saber sobre como acontece todo o processo, do campo à vinificação, que querem entender o que é o vinho, incluindo as partes de degustação e harmonização”. Sobre a Rota do Espinhaço, Ana Júlia diz que ela e Luís Felipe “estão muito felizes” pela vinícola do Campo ter sido incluída “nessa proposta inicial”. “A gente está aberto para expandir as visitas e a visibilidade da Quinta do Campo Alegre”, garante ela.

Queijo do Serro, patrimônio imaterial

Conhecer a aclamada produção do tradicional queijo do Serro foi a experiência seguinte. Segundo pela estrada de terra que serpenteia pelo Espinhaço com paisagens que emocionam, chega-se à Fazenda Engenho da Serra, propriedade do produtor rural e queijeiro Jorge Simões e da irmã Maria Coeli Simões. O cenário encanta: emoldurado ao fundo pela serra, o casarão colonial, erguido em pau a pique atrás de um curral, desvela a rusticidade de uma fazenda que simboliza uma tradição de 300 anos na produção do queijo do Serro no município histórico.

“A nossa atividade queijeira é trabalhosa, mas é prazerosa. A luta começa cedo, a gente reúne os animais para fazer a ordenha dentro de um processo de muita higiene, de muito cuidado, para obter um leite de primeira qualidade e produzir um queijo com muita segurança alimentar” explica Jorge. “A gente faz o que gosta, a gente tem raiz, não é somente por uma questão econômica, mas por uma questão cultural, uma questão de preservarmos um saber, que hoje é patrimônio imaterial de Minas Gerais e do Brasil”, acrescenta ele.

Cyro Almeida



Nossa Senhora do Rosário no Serro: a festa atrai peregrinos e turistas de diferentes cantos do país

De fato, o primeiro título foi conquistado em 2002 e o título de Patrimônio Imaterial do Brasil, o primeiro do tipo concedido pelo IPHAN, aconteceu no ano de 2008. Jorge e Maria Coeli foram os responsáveis pela movimentação que culminou na conquista dos títulos. Ela, inclusive, é autora do livro “Memória e Arte do Queijo do Serro: o Saber sobre a Mesa” e também do dossiê necessário para fundamentar o processo.

Queijo, grande ferramenta turística

O procedimento de produção do queijo, segundo Jorge, tem uma única receita, porém com segredos que variam de produtor para produtor. O diferencial é o lactobacilo, conhecido como “pingo” (um fermento natural), presente nas regiões de altas altitudes como é o caso da Serra do Espinhaço

— a Engenho de serra está a 800 metros de altitude. O queijeiro aproveitou para explicar que o queijo do Serro — assim como o também ótimo queijo Canastra, como ele fez questão de salientar — é feito com leite cru, sal e coalho. “Os do Serro são mais firmes e têm menos tempo de cura, por isso são menos ácidos e mais branquinhos”, esclarece.

Sobre a potencialidade turística da Rota do Espinhaço, Jorge Simões argumenta que um município histórico com mais de 300 anos, “dono de uma rica cultura como as festas folclóricas e o patrimônio histórico, além das belezas da natureza, temos hoje aqui uma grande ferramenta turística, que é o queijo artesanal”. Jorge acrescenta que não se trata apenas da forma material do queijo, “que é o alimento que é levado à mesa, mas da sua imaterialidade. O mais importante do queijo do Serro é o que está em volta dele, a história, essa tradição, a cultura do fazer que a gente vem trazendo de geração em geração e que hoje é cultura do patrimônio”.



Praça João Pinheiro e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, no Serro.

Ivituruí, Serro do Frio

A cidade do Serro foi o destino seguinte. Na região que tinha o nome de Ivituruí

(ivi = vento, turi = morro, huí = frio na língua tupi-guarani) surgia, em 1702, o arraial do Ribeirão das Minas de Santo Antônio do Bom Retiro do Serro do Frio. No auge da mineração do ouro, o arraial, em 1714, é elevado à vila com o nome de Vila do Príncipe. Logo em seguida, com a descoberta de diamantes nos distritos de Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras e, é claro, de Diamantina, a coroa portuguesa, para defender os seus interesses, cria (em 1720) a grande comarca do Serro Frio.

Dessa época de glórias, o Serro conserva como legado um importante patrimônio histórico, artístico e arquitetônico. Destacam-se, como não poderia deixar de ser em uma cidade histórica tão relevante, as igrejas de Santa Rita, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

A primeira, famosa pela original escadaria, foi erguida em data desconhecida no século XVIII. Porém, no século seguinte, o templo passou por diversas reformas que lhe deram a forma da fachada que permanece até os dias de hoje. Atualmente, a linda igrejinha passa por obras de restauração.

Já a outra é considerada como a terceira matriz do Serro. Iniciada em 1776, a construção da Matriz de Nossa Senhora da Conceição só foi concluída no século XVIII e ainda recebeu muitas reformas no século XIX, principalmente as que aconteceram entre os anos de 1872 e 1877. É uma das maiores igrejas barrocas de Minas Gerais e dona das torres mais altas entre todas as igrejas coloniais mineiras. Com elementos do barroco inspirados nas obras de Aleijadinho, a matriz foi construída cantaria com paredes em pau-a-pique e taipa de pilão. Completam o belo conjunto arquitetônico, as escadarias e uma muralha de pedra-sabão.



Capela de Nossa Senhora do Rosário, imagem icônica de Milho Verde.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo se destaca na paisagem do centro histórico e embeleza ainda mais a Praça João Pinheiro, a principal da cidade. Construída em madeira e barro — as obras ocorreram entre os anos de 1767 1781 —, o frontispício da igreja chama atenção com a presença de uma talha em madeira policromada, que representa Nossa Senhora do Carmo entregando os escapulários a São Simão Stock.

Outras edificações que merecem atenção no Serro são o Museu Regional Casa dos Otoni, o Sobrado da Prefeitura Municipal e da Câmara dos Vereadores — um sobrado do século XIX — e a Casa do Barão de Diamantina, também do século XIX. O museu, um prédio do século XVIII, conta com um interessante acervo formado por móveis de época, utensílios e peças de imaginária.

A grandiosa festa de Nossa Senhora do Rosário

Porém, o Serro ainda reserva mais um extraordinário atrativo: a união entre a cultura popular e a religiosidade na grandiosa festa de Nossa Senhora do Rosário, quando se apresentam os grupos de Congado da cidade.

Com danças e cantos; procissões, novenas e missas, a padroeira dos homens pretos é homenageada em uma das mais espetaculares expressões da tradição da cultura popular não só da região e de Minas Gerais, mas de todo Brasil. A festa atrai peregrinos e turistas de diferentes cantos do país.

Os grupos da “congada” se dividem entre os Catopês (negros), Caboclos (índios) e Marujos (portugueses). Vestidos com os trajes típicos, eles cantam — alguns cânticos ainda são em dialeto africano — e dançam ao som das orquestras de instrumentos musicais, sendo que alguns deles, como flautas, caixas de couro, xique-xiques e reco-recos, são de fabricação artesanal. Com

grande influência das culturas indígena e africana, o ritmo dos tambores em perfeita sincronia com a dança e a marcha, cria um deslumbrante teatro (de manifestação de fé) ao ar livre.

Com muito estilo, pompa e circunstância, há também o desfile do Reinado pelas ruas do Serro. O lindo cortejo é formado por Rei, Rainha, Juízes, a Caixa de Assovio, mordomos e mucamas. Os conhecidos festeiros, de suas casas, oferecem cafés, refeições e doces caseiros para todos os participantes e visitantes, o que transforma a festa em uma grande confraternização entre as pessoas.

A Festa do Rosário, que acontece todos os anos no mês de julho, é promovida pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Freguesia da Conceição da Vila do Príncipe do Serro do Frio, que dirige a festa desde a fundação da entidade, em 1728. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário — cuja construção foi concluída em 1758 — sedia o consagrado evento no Serro.

Milho Verde

Antes de seguir viagem para finalizar incrível roteiro pela Cordilheira do Espinhaço, acontece a parada para o almoço no distrito de Milho Verde. A gastronomia típica mineira sendo apresentada no fogão à lenha, como é o caso do Restaurante Angu Duro, é sempre um grande atrativo. Impossível não se deliciar com tantas iguarias da cozinha e dos doces mineiros.

Próximo da nascente do rio Jequitinhonha, Milho Verde fica no alto de uma colina de onde avista-se trechos da Serra do Espinhaço com a imponente presença do Pico do Itambé (2.052 metros de altitude). A natureza paradisíaca esculpiu lugares como as cachoeiras do Lajeado, do Piolho, do Carijó e do Canelau.

A origem do pequeno arraial remonta ao século XVIII, que foi formado pelos aventureiros em busca de ouro e diamante. Do período colonial, permanecem como importantíssimos legados do patrimônio histórico a Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres e a Capela de Nossa Senhora do Rosário. Não existem registros de data da construção da matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, porém sabe-se que Chica da Silva, que dizem ter nascido exatamente em Milho Verde, foi batizada, por volta de 1734, na então Capela de Nossa Senhora dos Prazeres.

Da pequena capela erguida ao longo do século XIX — período indicado pelas características da construção do humilde templo — pela devoção dos negros livres ou escravos pouco se sabe.

Porém, a imagem da Capela de Nossa Senhora do Rosário tornou-se mais um ícone dessa região da Serra do Espinhaço. Tanto a igreja matriz quanto a capela estão atualmente em processo de restauração — uma ótima notícia, aliás.

A Rota do Espinhaço não se encerra aqui nessa aventura. O município do Serro tem outros irresistíveis atrativos como os dos distritos de Cipivari e de São Gonçalo do Rio das Pedras, dentre vários outros. O mesmo acontece com o município vizinho de Conceição do Mato Dentro. O Parque Nacional da Serra do Cipó e a Lapinha da Serra são dois destinos absolutamente consagrados por todas as possibilidades de lazer que oferecem aos turistas.

Assim, a sua viagem, primeiro por aqui, começa agora.

Cyro Almeida



O cortejo do Congado passa em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Serro.



O Circuito Liberdade completou 15 anos em março de 2025 oferecendo atrativos multifacetados da riqueza histórica e cultural de Belo Horizonte e de Minas Gerais. O circuito atualmente conta com mais de 50 equipamentos culturais.

Por Cacaio Six/Fotos Cesar Félix

Atrativos múltiplos da capital cosmopolita



Praça da Liberdade,
símbolo maior do
Círculo Liberdade.



Praça da Estação, com prédio do Museu de Artes e Ofícios ao fundo.

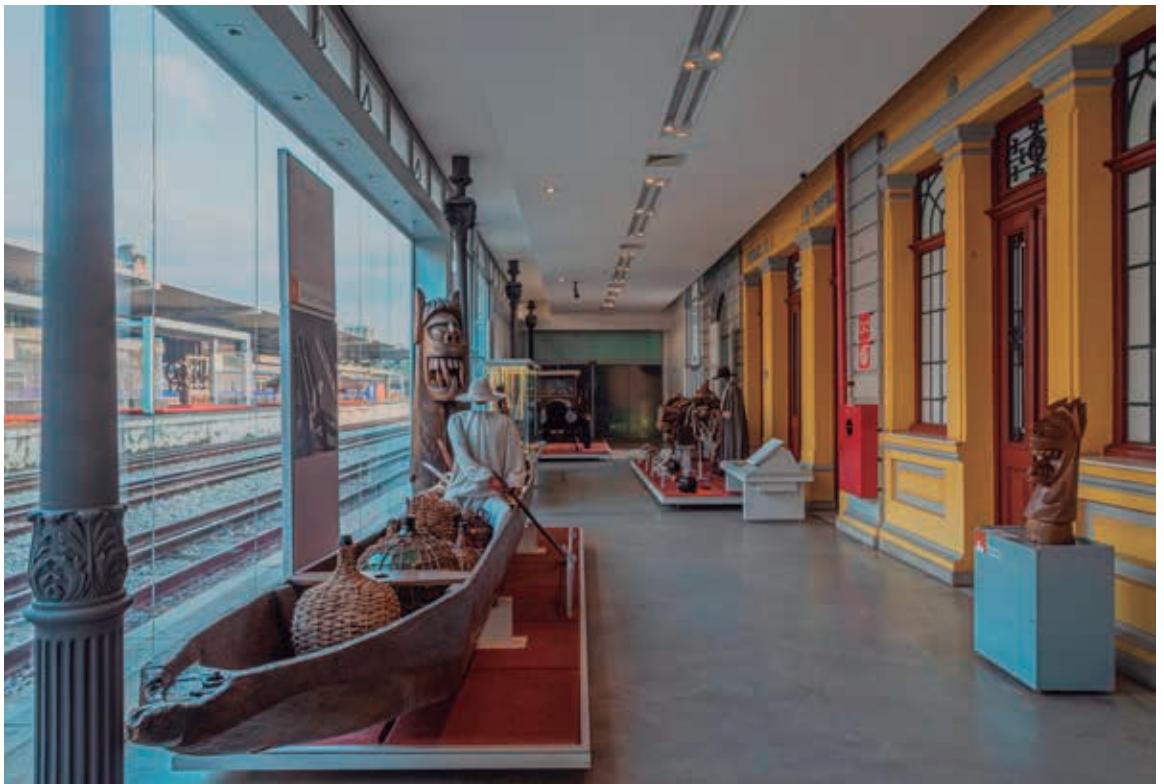
Para quem aprecia a paisagem urbana de uma grande cidade (bela, interessante e repleta de atrativos como Belo Horizonte) e quer usufruir de uma parte do rico acervo cultural oferecido por essa metrópole cosmopolita, uma irresistível opção é visitar alguns dos equipamentos que formam o Circuito Liberdade.

O passeio, por exemplo, pode começar no SESI Museu de Artes e Ofícios, localizado na Praça da Estação, continuar em uma visita ao Palácio das Artes, depois passar no Museu Mineiro e, em um não tão longo desvio de rota, apreciar a beleza da Sala Minas Gerais. Na sequência, conheça o Centro de Arte Popular Cemig e, finalmente, é preciso aproveitar tudo o que os espetaculares equipamentos da Praça da Liberdade oferecem. A praça já encanta pela beleza do conjunto arquitetônico e paisagístico. A Alameda Travessia (uma justa homenagem à canção Travessia de Milton Nascimento e Fernando Brant), o coreto, as fontes, os jardins e as construções ao redor.

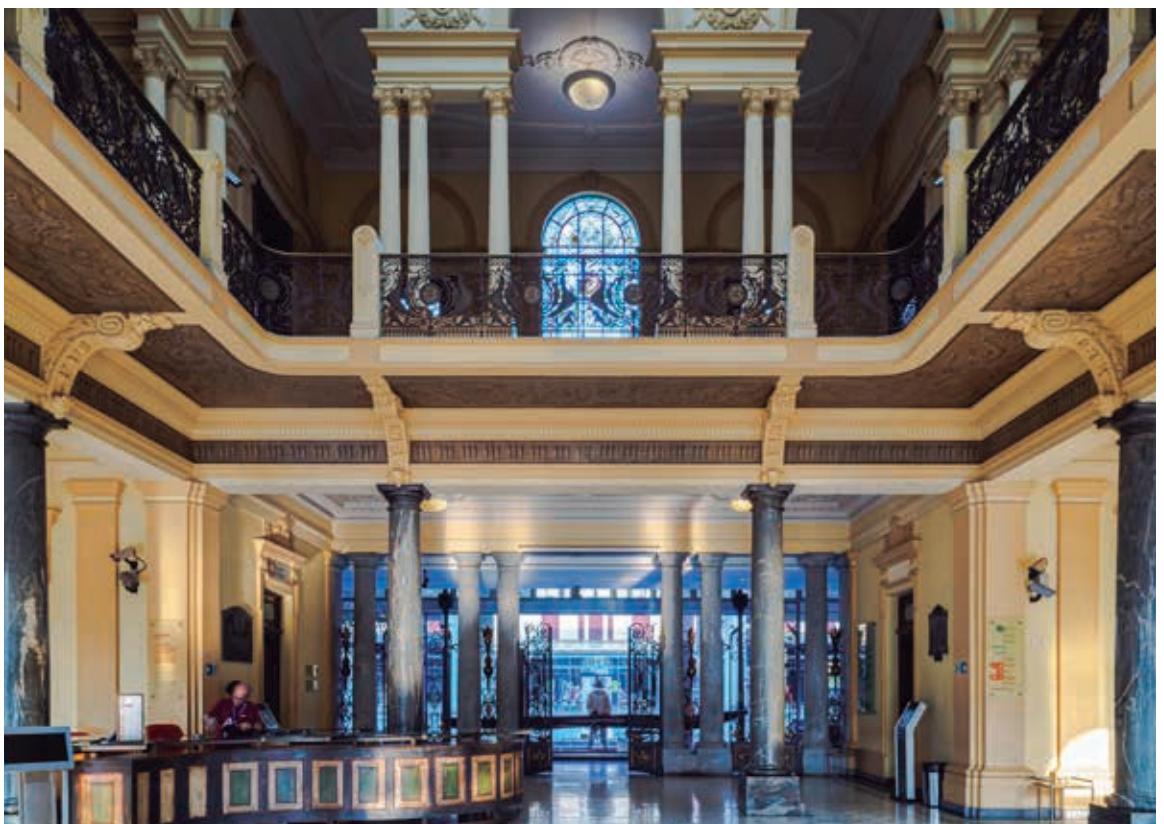
Complexos culturais

Muito além das belas arquiteturas dos edifícios — em variados estilos, do neoclássico e eclético passando pelo modernismo de Oscar Niemeyer até chegar ao pós-moderno do Rainha da Sucata, de Éolo Maia e Sylvio de Podestá — os atrativos dentro deles são múltiplos e surpreendentes: Palácio da Liberdade, Centro Cultural Banco do Brasil, MM Gerdau — Museu das Minas e do Metal, Espaço do Conhecimento UFMG, Biblioteca Pública Luís de Bessa e a Casa Fiat de Cultura. Há ainda o Memorial Minas Gerais Vale (fechado para reformas até 2026) e o Prédio Verde, também em reforma e restauração, que vai abrigar, a partir de 2026, a primeira pinacoteca de Minas Gerais.

O Circuito Liberdade foi criado em 2010, ano em que a sede oficial do governo de Minas Gerais deixou o Palácio da Liberdade — assim como algumas secretarias que funcionavam nos prédios da praça — e foi transferida para a Cidade Administrativa, projeto de Oscar Niemeyer, inaugurada no mesmo ano na região norte de BH. O



A bela arquitetura do saguão de entrada do Museu de Artes e Ofícios.



As peças do Museu são originais do século XVIII ao início do século XX.

conjunto da Praça da Liberdade, datado de 1898, marcou não só a história da cidade como a de Minas Gerais e do Brasil. Por isso mesmo, os prédios tornaram-se verdadeiros complexos vocacionados para a cultura, em todas as suas vertentes, e também se destacam como símbolos da conservação do patrimônio histórico.

Transversalidade entre a cultura e o turismo

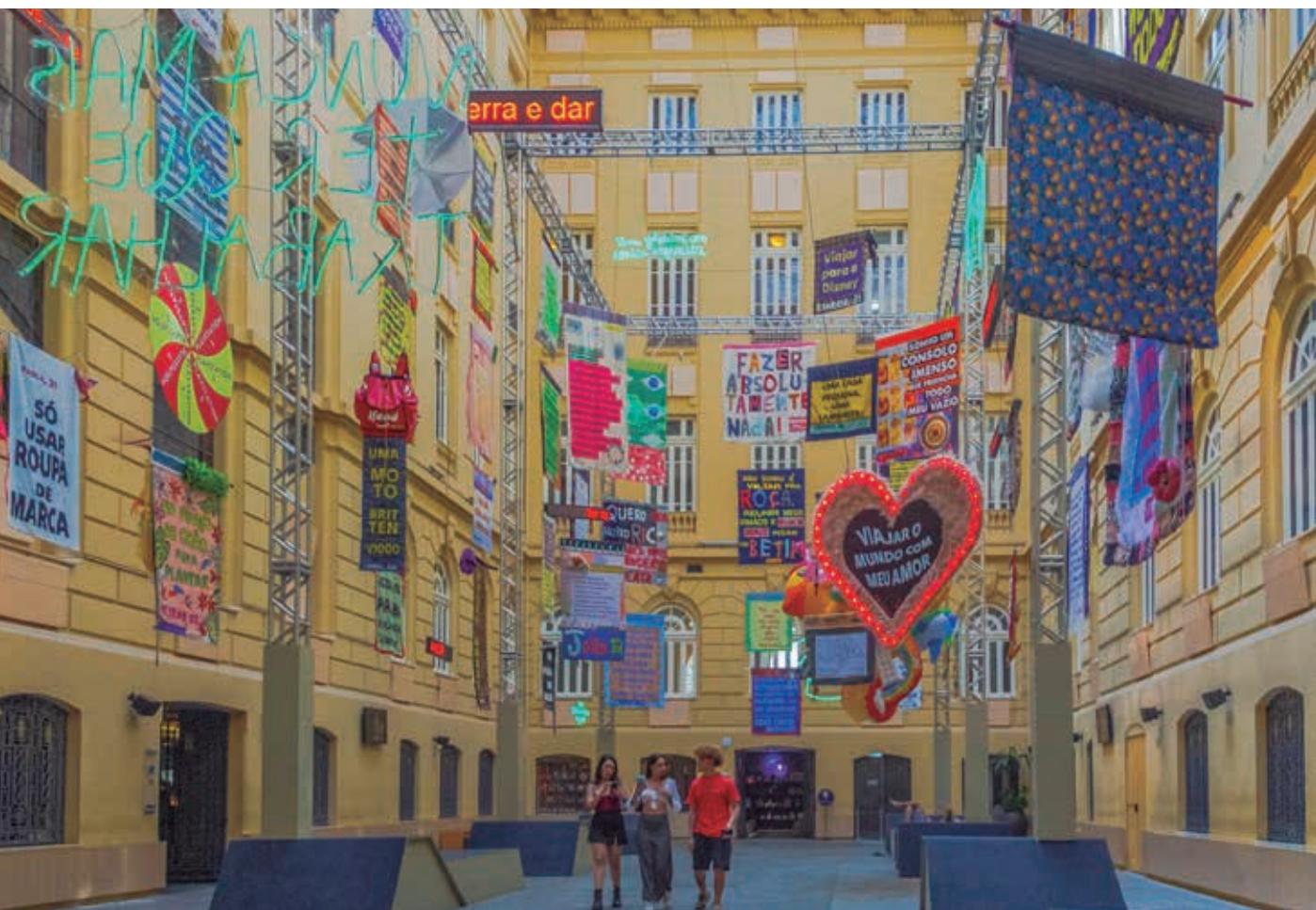
A Secretaria de Cultura e Turismo de Minas Gerais (Secult-MG), então comandada por Leônidas de Oliveira, passou a gerir o Circuito da Liberdade no ano de 2020 por meio de um decreto do governo de Minas Gerais. A Secult-MG explica que o Circuito Liberdade “é um conjunto de espaços culturais integrados, reconhecido e consolidado nacionalmente, voltado para a promoção da cultura e do turismo do estado, com foco na difusão do

conhecimento e na economia criativa. Desde então, a pasta tem investido na ampliação desse roteiro para integrar as potencialidades turísticas e culturais de Belo Horizonte”.

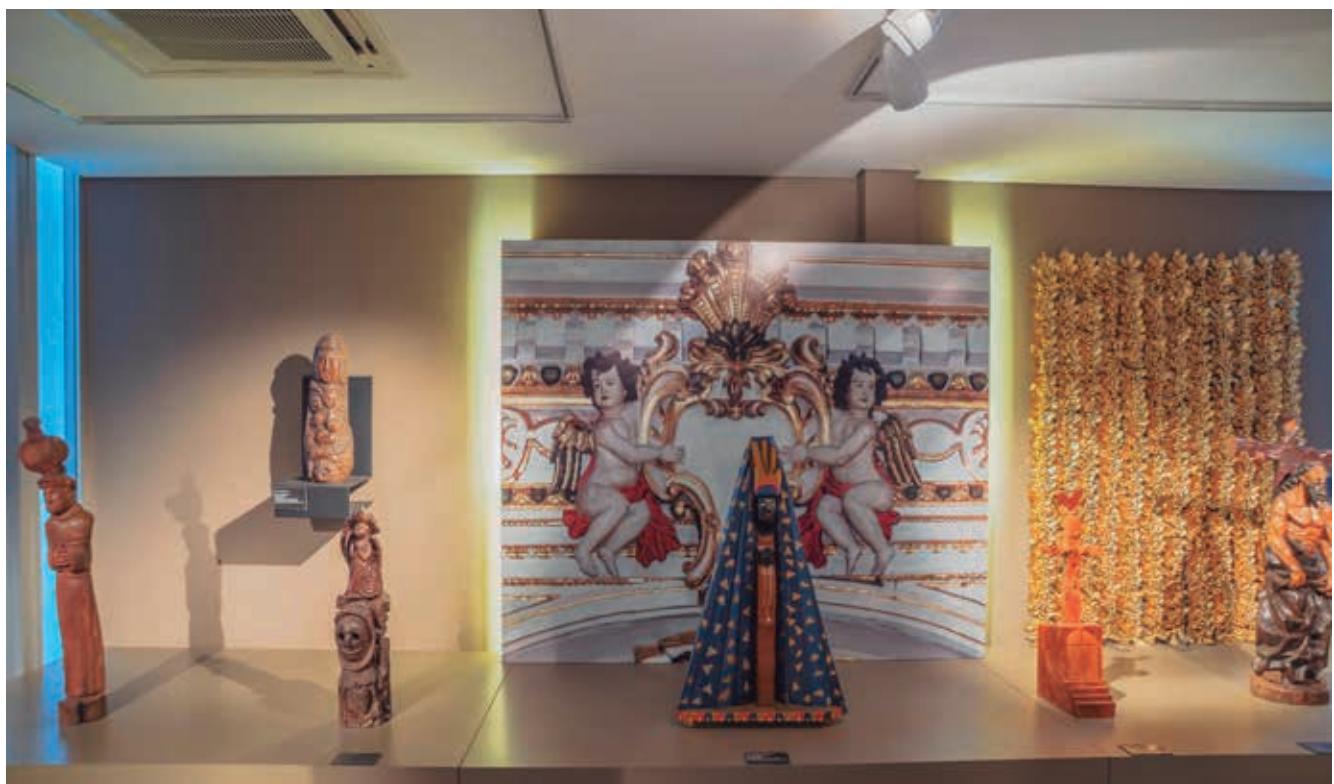
Após a primeira ampliação do Circuito, no ano de 2015 — quando surgiram os eixos da Rua da Bahia e da Avenida João Pinheiro —, houve uma nova ampliação em 2020. Conforme a Secult-MG esclarece, “o Circuito Liberdade passou a integrar equipamentos culturais do estado e de parceiros, localizados na área delimitada pela Avenida do Contorno, destacando o projeto original de Aarão Reis, de 1895, da cidade planejada”.

Expansão do circuito

Em fevereiro de 2023, houve uma significativa expansão do circuito que se tornou o Roteiro Turístico Circuito Liberdade, com a inclusão de equipamentos do porte do Mercado Central, Sesc Palladium e dos já citados Museu de Artes e Ofícios e Palácio da Liberdade.



CCBB-BH na exposição Arte Sub Desenvolvida.



O Centro de Arte Popular Cemig expõe obras de artistas de várias regiões de Minas Gerais, como o Vale do Jequitinhonha e das cidades históricas.

Rede colaborativa

Também em 2023, o Circuito Liberdade passou a ser gerido pela Fundação Clóvis Salgado (FCS), entidade vinculada à Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais. A partir desta configuração, a Secult-MG argumenta que “o Circuito Liberdade potencializa sua posição como o maior ecossistema de cultura, turismo e criatividade da América Latina. Atuando como uma rede colaborativa, os parceiros desenvolvem atividades próprias e articuladas em conjunto, buscando o desenvolvimento humano, cultural, turístico, social e econômico, com foco na economia criativa como mecanismo de geração de emprego e renda, além da democratização e ampliação do acesso da população às atividades propostas”.

Dos 35 espaços culturais, 14 são mantidos diretamente pelo Estado de Minas Gerais e 21 por parceiros privados ou instituições públicas federais. A gestão do complexo turístico, segundo a Secult-MG, é apoiada por quatro comitês temáticos: Comunicação, Patrimônio, Programação e Educação, além do Comitê Gestor. “Os comitês contam com representantes de todos os espaços que integram o Circuito e se reúnem uma vez por mês. Nesses encontros, são debatidos os projetos e ações em rede a serem realizados no Circuito Liberdade”.

Conexão, movimento e liberdade

A partir de outubro de 2024, o Circuito Liberdade ganhou mais força e abrangência quando houve um reposicionamento no sentido de “fortalecer o desenvolvimento desse complexo cultural, turístico e criativo”, como informa a Secult-MG. A secretaria e a Fundação Clóvis Salgado (FCS) lançaram então uma série de ações de promoção e divulgação: “a começar por uma linguagem visual inédita, moderna, ágil e direta, inspirada na cartografia da capital mineira e na vocação de conexão entre os equipamentos integrados”.

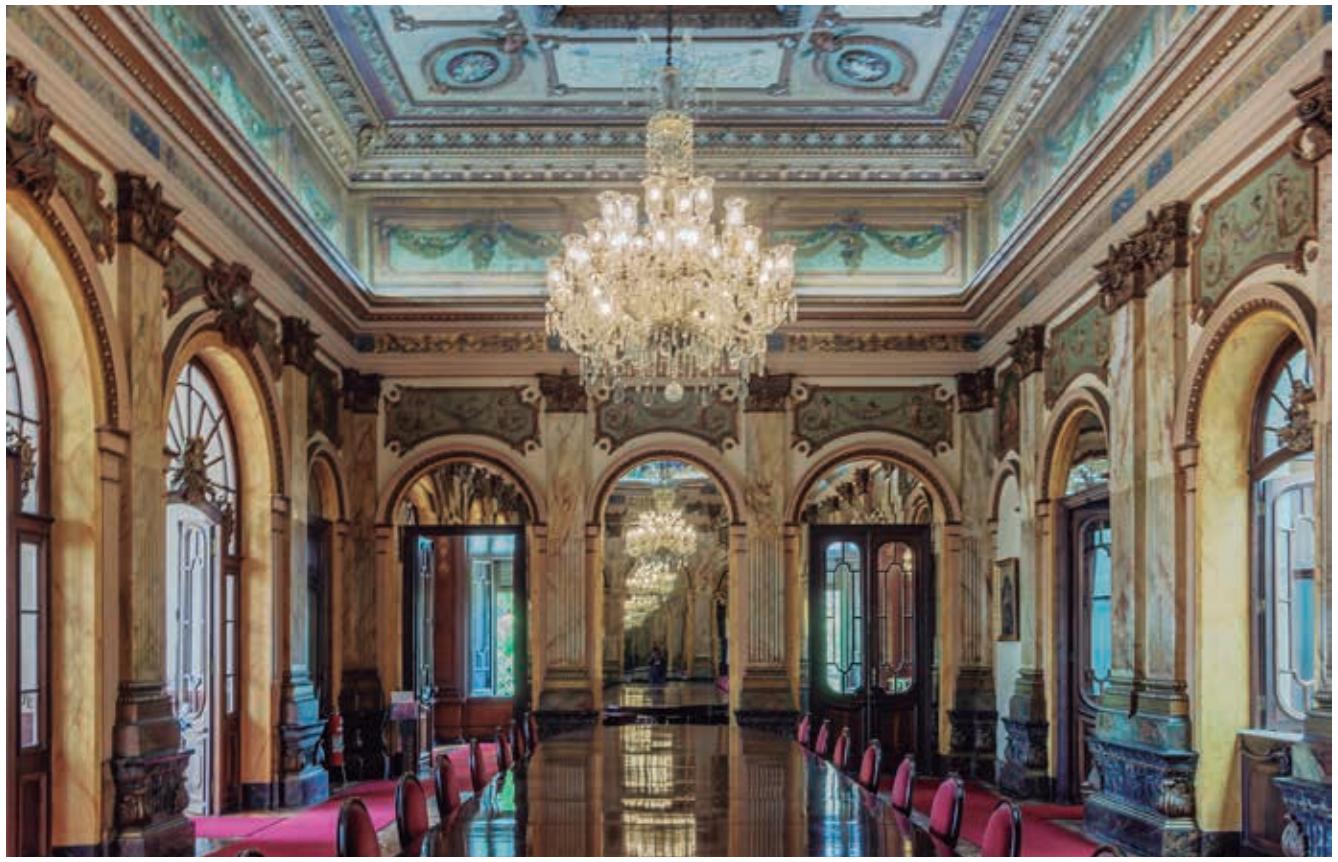
Para Natalie Oliffson, coordenadora executiva do Circuito Liberdade na FCS, a nova marca traduz a identidade visual com as ideias de conexão, movimento e liberdade, tão caras ao Circuito Liberdade. “A nova linguagem visual permite mostrar melhor esse crescimento e reforçar um reposicionamento do Circuito, que é esse lugar de acolhimento da diversidade das expressões artísticas, das pessoas; uma ideia de liberdade que vai muito além da Praça”, afirma.



Ensaio da Orquestra Filarmônica na Sala Minas Gerais.



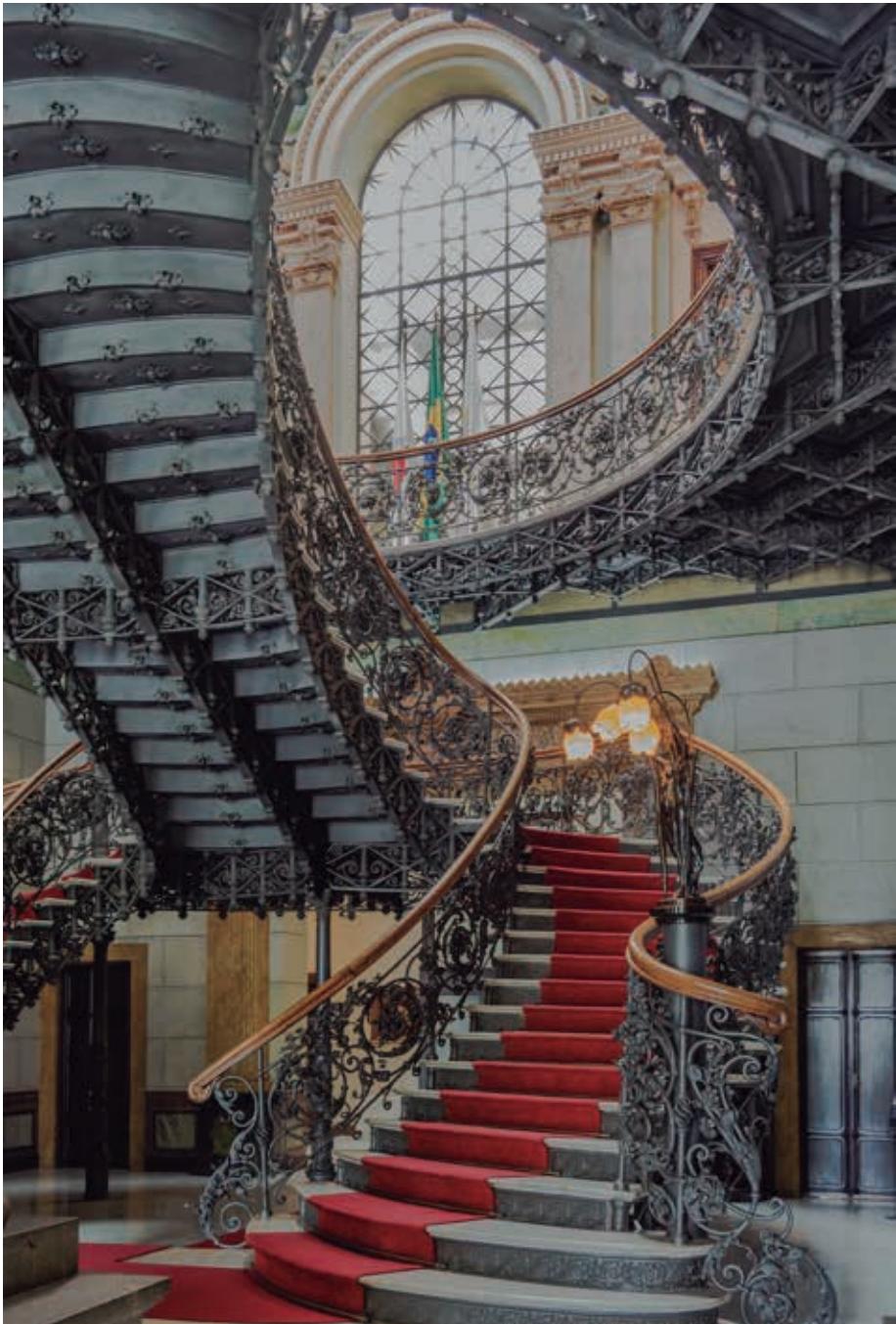
Museu Mineiro: mais de 3.500 peças, mais o acervo da Pinacoteca de Minas Gerais.



Salão de Banquetes do Palácio da Liberdade.



MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal, o prédio Rosa da Praça da Liberdade.



Detalhe da escadaria do Palácio da Liberdade.

Economia da criatividade

Também aconteceu o lançamento de um Edital de Chamamento para Integração de Empreendedores Criativos. A FCS explica que como parte das ações da entidade dentro do programa Minas Criativa, “este edital foi voltado aos estabelecimentos localizados dentro do território da Avenida do Contorno, em Belo Horizonte, que atuam na esfera da economia da criatividade e que poderão se integrar ao Circuito Liberdade por meio da chancela Circuito Criativo”.

Em seguida, como informam a Secult-MG e FCS, novos equipamentos foram integrados ao Circuito Liberdades: o Centro Cultural Idea, a Casa dos Quadrinhos, o Memorial do Judiciário e o edifício Rainha da Sucata. Esse último, vinculado ao Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), será sede da Orquestra Jovem e do Coral Infanto-juvenil do TJMG.



O coreto e o edício do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH).

Expansão econômica e criativa

A secretária Bárbara Botega afirma que “o Circuito Liberdade é a expressão viva da força criativa de Minas. Ao integrar cultura, turismo e negócios, conectamos arte, inovação e desenvolvimento econômico. Essa expansão mostra que a cultura é também um motor de prosperidade e liberdade empreendedora”. O presidente da Fundação Clóvis Salgado e coordenador-geral do Circuito Liberdade, Sérgio Rodrigo Reis, acrescenta que “nossa objetivo é que o Circuito sintonize o maior número de espaços de cultura, turismo e economia criativa dentro do perímetro da Avenida do Contorno. Queremos que a rede seja sinônimo da experiência cultural dos belo-horizontinos e de quem visita nossa cidade”.

Mais de 50 integrantes

No dia 5 de novembro de 2025, no ano em que o “ecossistema cultural” comemora 15 anos, a Secult-MG e a FCS anunciam “o marco histórico de expansão do Circuito Liberdade”. O Circuito Liberdade ultrapassou a marca de 50 integrantes, dentre museus, espaços de cultura e turismo “e, agora, empreendimentos de economia criativa”. “De abril até este mês, a rede cresceu 60%, com adição de 21 instituições novatas, consolidando-se como o maior complexo cultural, turístico, educativo e criativo da América Latina”.

A Secult-MG e a FCS salientam que “em 15 anos, o Circuito Liberdade se firmou como rede promotora de cultura, articulando programação e promovendo eventos construídos colaborativamente”.

Lucas Amorim, o coordenador-executivo do Circuito Liberdade, diz que conforme a proposta do Circuito Liberdade, de conectar arte, cultura, criatividade e desenvolvimento, “queremos que mais espaços e empreendimentos criativos se integrem”.

Segundo a Secult-MG, o Circuito Liberdade, “em constante expansão”, registrou um “expressivo aumento de público” no primeiro semestre de 2025: , “mais de 3,7 milhões de pessoas participaram de atividades da rede, um crescimento de cerca de 70% em relação ao mesmo período de 2024. O resultado consolida o Circuito como um dos principais destinos culturais e turísticos de Minas Gerais e do país”.

O Corpo transcendente

50 anos de dança



Mais do que uma companhia de dança contemporânea, o Grupo Corpo, fundado no ano de 1975, é uma referência mundial nesta sublime arte de coreografar movimentos do Corpo — que ousaria, no futuro, misturar o popular com erudito, o regional com o global, o passado com a contemporaneidade. O Corpo consagrou a sua universalidade, que parte do local em que nasceu, Belo Horizonte, mas persiste e parece estar ainda mais latente nos seus 50 anos de existência.

Reportagem Rita de Podestá/Cezar Félix

Fotos José Luiz Pederneiras



50 anos de
trajetória: o
Corpo fez da sua
mineiridade um
exemplo exímio de
brasilidade.



A imagem típica do povo mineiro é o do desconfiado, devorador de queijo, cachaça e café doce. Imaginário que não persiste à toa, pois muito se confirma. Mas há contradições. Afinal, estereótipos parecem existir para serem questionados. Em Minas, a cultura popular se reinventa. Em Belo Horizonte, a tradição esbarra na complexidade da metrópole. Com o andar do tempo o barroco fundiu-se ao modernismo, ao pós-modernismo, à contemporaneidade, criando um sincretismo cultural que nunca será estático.

Cenário perfeito para artistas que visam palcos maiores. Para mineiros que absorvem o passado transformando-o em novas estéticas. Uma coisa é certa, na arte só quem arrisca consegue ultrapassar as montanhas. Guimarães Rosa, num texto publicado na revista “O Cruzeiro”, de 1957, já vislumbrava esse saber da hora de aquietar-se e do momento certo de avançar: “mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. (...). Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.”

Palavras que sintetizam bem a história do já bastante conhecido Grupo Corpo: um grupo de dança contemporânea que, aos 50 anos da sua trajetória, relembra como fez da sua mineiridade um exemplo exímio de brasiliade.

Mais do que um grupo de dança contemporânea, é um coletivo de pessoas apaixonadas pela dança que, depois de pelejar um bocado, tornaram-se referência mundial no assunto.

É seguro falar que, dentre manifestações artísticas transformadoras, a força da dança se destaca (sem criar hierarquias) por expressar-se através do corpo e das sensações e sentidos. Mais seguro ainda é dizer que no cenário da dança contemporânea mineira, não há como não ter no Corpo um exemplo ambíguo, de audácia e inovação que mantém suas raízes e o respeito pela mineiridade astuta.

Pas de trois

Fundado em Belo Horizonte, em 1975, o Grupo Corpo é uma companhia de dança contemporânea, ao mesmo tempo em que é um grupo que festeja a música e o movimento. Não faltam histórias, marcos, conquistas. A trajetória, que completa 50 anos neste 2025, é extensa e por isso não permite compilações sem que haja lacunas.

O corpo (como o grupo, multidão, como aquilo que ocupa espaço e constitui, por fim, uma unidade) tem dentre seus principais realizadores os irmãos Rodrigo, Pedro Pederneiras e Miriam, e os amigos Carmen Purri e Cristina Castilho. Por ser assunto familiar, a primeira sede foi a própria casa onde os irmãos nasceram, no bairro da Serra, em Belo Horizonte. Os pais, Manuel de Carvalho Barbosa e Isabel Pederneiras Barbosa, acabaram por ceder o local, afinal, pesava ali o sonho não de um, mas de três filhos, como num pas de trois (dança de três).

Maria, Maria

O primeiro espetáculo foi “Maria Maria”, com estreia em primeiro de abril de 1976, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Porém, a trajetória começara muito antes. Rodrigo Pederneiras, que viria a ser o coreógrafo do grupo, conta no livro “Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo”, da Coleção Aplauso, como foi conquistado pelo balé após assistir a um espetáculo da sua irmã, a Mirinha. A certeza da paixão não deixava dúvidas: queria dançar. Difícil seria, nos anos 70, como homem, escolher a profissão de dançarino numa capital ainda muito conservadora. Mas isso não o parou. No dia seguinte à apresentação, procurou a academia de dança do Colégio Arnaldo. Conquistou uma bolsa de estudo e se encontrou. Depois, em Buenos Aires, era a vez de encontrar um grande parceiro, por quem desistiria do vestibular para dançar no grupo do argentino Oscar Araiz. Seus pais entenderiam o porquê alguns anos depois.



A primazia do movimento como delineador do tempo.

De Buenos Aires veio o aprendizado, a inspiração e também parte dos responsáveis pela criação de “Maria Maria”, todos da equipe do Oscar Araiz, responsável este pela coreografia. “A intenção para nossa estreia era criar um grande balé, uma superprodução que causasse impacto. Sabíamos que precisávamos de algo que marcasse a nossa chegada e decidimos convidar uma equipe de peso”, afirma Rodrigo. Assim fizeram: a mineiridade ficou por conta de Fernando Brant, criador do roteiro e dos textos e, é claro, de Milton Nascimento, que logo abraçou o projeto. Paulo é enfático ao falar sobre a importância de ter esse trio de peso logo na estreia do grupo: “A produção foi bem pretenciosa, já com música composta, mas gosto de frisar sempre que foi a generosidade de Fernando, Milton e Oscar que tornou isso possível, eles já eram conhecidos e nosso primeiro sucesso deve-se muito a eles.”

As canções compostas marcaram a música popular brasileira. Músicas que deram o pontapé para um balé que ousaria, no futuro, misturar o popular com erudito, o regional com o global, o passado com a contemporaneidade.

Fórmula de sucesso

O roteiro de “Maria, Maria” fala de uma menina de infância vivida nas margens do Jequitinhonha, que aos quatorze anos se casa com um homem que lhe dava doces em troca de filhos. Uma Maria como tantas Marias do Brasil, mas que enviuvou cedo e descobriu que existia um mundo além. Uma narrativa popular e contestadora que ganhou coreografia e som, num espetáculo cheio de vozes, movimentos e brasiliidades. Deu certo. Na estreia, teatro lotado. O sucesso veio representado em turnês internacionais e repercussões retumbantes.

Porém, apesar do excelente resultado, Rodrigo conta que por muito tempo a sua principal lembrança da estreia foi um grande tombo que levou no palco. Mal sabia que da queda daria um enorme salto.

Ocorre que estavam no começo de uma empreitada audaciosa e para sobreviver realizavam longas turnês com o grupo. Aconteceu que “Maria Maria” acabou por



A dança se mostra para além do tato e movimento.



O mineiro, o Brasil, o mundo passaram a dialogar entre si nas obras dos irmãos Pederneiras.

tornar-se um nome mais forte do que o do Grupo Corpo, e perceberam ser preciso um novo e marcante espetáculo, que encantasse públicos e atraísse empresários. A próxima produção de grande repercussão, novamente com a coreografia de Araiz, foi “O último Trem”, de 1980. A trilha sonora manteve a fórmula de sucesso — com composições inéditas de Milton Nascimento e Fernando Brant.

O momento era de supremacia do governo militar que decretou, em 1966, a desativação da estrada de ferro que ligava Minas Gerais ao porto, ao mar. Distritos e municípios que viviam em função da ferrovia foram abandonados. O espetáculo veio como um lírico e marcante protesto, além de um importante registro histórico.

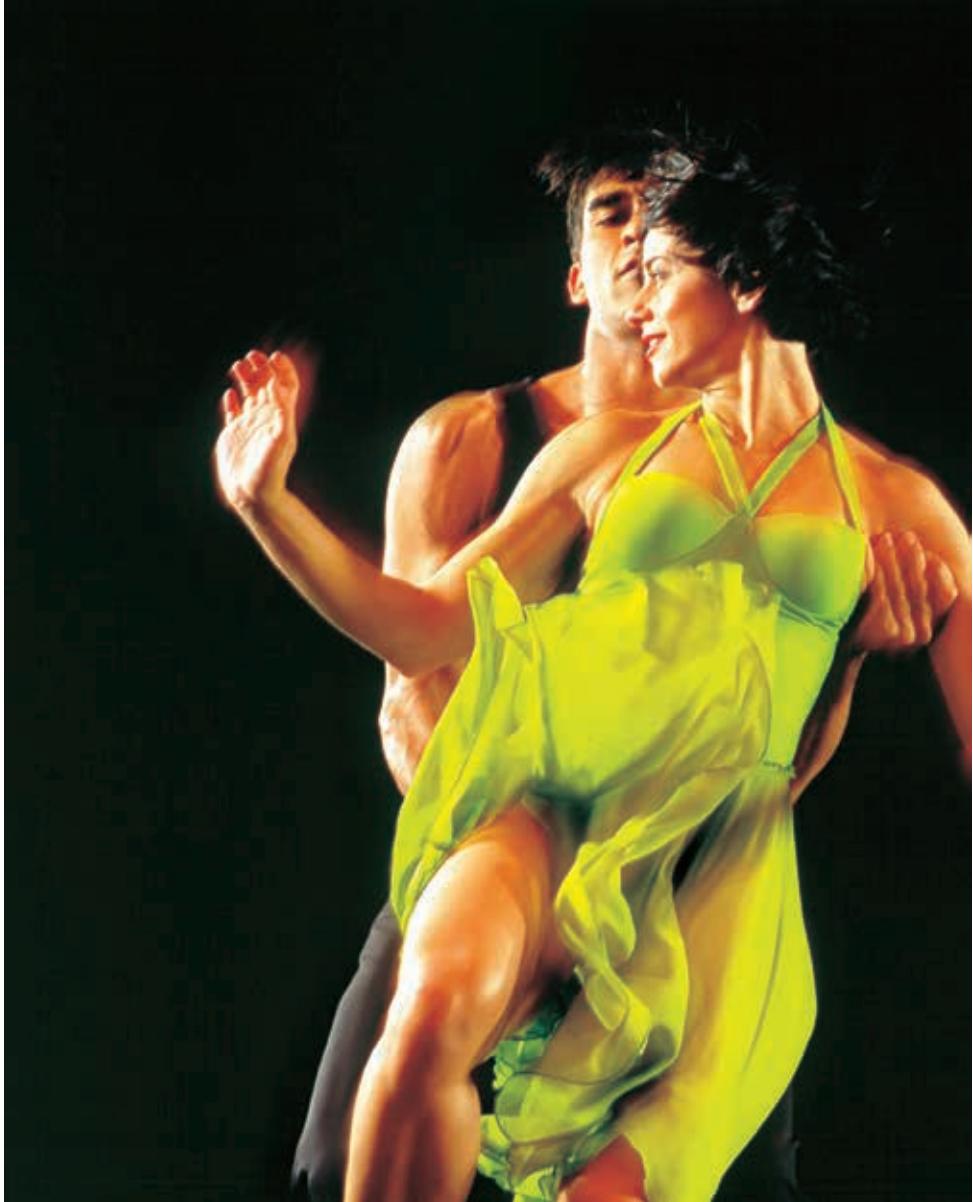
Ambos os espetáculos apresentavam uma tendência que seria, um dia, distante da estética explorada pelo Corpo. Todavia, já era nítida a preocupação com a originalidade, seja na relação da música com a coreografia, na cadência tão particular ou na força instigante dos pas de deux (dança de dois).

Caminhando por conta própria

A fase seguinte marca os primeiros passos de Rodrigo como coreógrafo. Certamente ele aprendeu a caminhar depressa. “Cantares”, de 1978, criado entre “Maria Maria” e “O Último Trem”, foi seu primeiro solo, ainda pouco conhecido. Em seguida, outras cinco coreografias: “Tríptico” e “Interânea” de 1981; “Noturno” e “Reflexos” de 1982; e “Sonata” de 1984. Mas seu grande salto foi dado com “Prelúdios”, quando o antes bailarino provou que o acidente no primeiro espetáculo era, na verdade, um prenúncio de novos e bem-sucedidos caminhos.

“Maria Maria” tornava-se um passado feliz. “Prelúdios” foi aplaudido de pé no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O balé, inspirado nos 24 prelúdios de Chopin, foi interpretado pelo pianista mineiro (como deveria ser) Nelson Freire. Era balé, era clássico, e era contemporâneo. Era universal, mas era brasileiro. Ao fim, a cortina fechou para abrir o novo futuro da companhia. Eles eram, mais do que nunca, o Grupo Corpo.

A sensualidade cubana apaixonante de “Lecuona” de 2004.



Nos anos seguintes começariam a desenvolver um idioma próprio. Uma nova sintaxe condicionada somente ao corpo que entrava para essa grande família. O clássico daria lugar ao samba, ao tango, às onomatopeias musicais, à percussão. O grupo mineiro passou a aventurar-se, cada vez mais, na abstração, deixando o enredo perder a linearidade e a cronologia da narrativa. A primazia era do movimento e do som como delineadores do tempo.

Todo ganho era investido na equipe e na sede. Foi preciso trabalho duro e muita, muita criatividade. O patrocínio da Shell, em 1989, possibilitou uma criação mais tranquila e estável. Em 2000, a Petrobras tornar-se-ia o grande apoiador cultural e financeiro do Corpo. Esses patrocínios permitiram ao grupo convidar artistas para compor canções exclusivas, tornando una a ligação coreografia e som.

Passos bem planejados

Em 1989 surgiu “Missa do Orfanato”, que teve como trilha sonora a Missa Solemnis k.139, de Mozart. Dentre as novidades, a estreia de Freusa Zechmeister como figurinista, em responsabilidade que não mais largaria e que executaria sempre de modo harmônico à luz, som, movimento e cenário. A linda arte de Freusa somente parou de brilhar após a partida dela, em dezembro de 2024.

O espetáculo pesa, comove. Os bailarinos em figurinos camuflam-se no palco com seus cabelos desgrenhados a caminho da missa, enquanto batem os pés no chão anunciando o peso da vida. Deus parece estar presente na luz branca que se mescla com a coloração do cenário, cor de terra, barro, pintado pelo artista plástico Fernando Velloso. Os braços e o olhar estão dirigidos ao alto, a algo maior, como se clamassem as divindades, mas fica



Rock and roll de Noites Brancas: enérgico, dinâmico, intenso.

a impressão de que alguma força opressora contrai os ombros dos bailarinos e os jogam ao chão, insistentemente. O contexto era aquele da ditadura militar. Sendo assim, a mineiridade barroca e religiosa atualizam-se ao retratarem uma opressão descarada.

O erudito e o popular

É em Nazareth, de 1993, que o erudito e o popular se unem com maior força. O trabalho resulta do entrelaçamento de características da obra de Machado de Assis (1839-1908) e de Ernesto Nazareth (1863-1934), grande colaborador da formação da música popular instrumental brasileira, que compunha, principalmente, ao piano. O desafio foi proposto — e cumprido — pelo também compositor, músico e crítico literário José Miguel Wisnik, outro grande representante da música popular.

O espetáculo “21”, cuja estreia foi em 92, anterior à “Nazareth” instaurou uma nova linguagem na coreografia do grupo, a qual perdura. A dança passou a se mostrar para além do tato e movimento. Assistir ao espetáculo é ouvir, ver, sentir, excitar-se e emocionar-se. As cores são das festas de rua, de São João, da chita do baião, do congado. São listras, flores, verde limão, rosa choque, vermelho batom. A presença do popular mineiro é evocada no figurino e cenário, entretanto, funde-se numa mistura que parece mais cosmopolita do que regional. Ali, os sentidos se exaltam e se unem num sentimento só, enquanto escutam o som envolvente, artesanal e único, da composição do músico Marco Antônio Guimarães, do grupo mineiro Uakiti — parceria que perduraria até a comemoração de 40 anos do Corpo. A quebra dos quadris, o entra e sai da cena, a comunhão som e corpo, a sensualidade aliada à música instrumental, são todos elementos estranhamente comuns e inovadores. Por fim, em “21”, há uma síntese de peso do que consiste a companhia desde então.



Dança Sinfônica: o passado e o presente conversam mais uma vez.

O clássico, o barroco, o religioso, o mineiro, o Brasil, o mundo passaram a dialogar entre si, cada vez mais, nas obras dos irmãos Pederneiras. Isso ajuda a explicar o desafio de falar sobre esse grupo, sem poder revisitar cada momento da sua trajetória. Não há passos em falso: o Corpo se move, ora com cautela, ora com ímpeto, mas sempre com precisão. Cada fase foi essencial para a construção do que a companhia se tornou.

cubana apaixonante de “Lecuona” de 2004; ou o ritmo de “Onqotô”, de 2005, que, apesar do título mineiro, ganhou brasiliidades diversas na voz e composição de Wisnik e Caetano.

Todavia, a história começa sempre muito antes da estreia e envolve pessoas, interessados, entusiastas e, é claro, bailarinos mais do que dedicados. Prontos, inclusive, para colaborar quando o coreógrafo rompe o menisco do joelho esquerdo, bem na preparação do que dizem ter sido o balé mais difícil dançado pela companhia. “Triz”, cuja música e coreografia inspiraram-se no mito grego de Dâmcocles (que por ordem de Dioniso tem sobre a cabeça uma espada suspensa por um tênuo fio). A trilha é do pernambucano Lenine — que fez sua primeira parceria com a companhia em 2007, no espetáculo “Breu” — e privilegia os instrumentos de corda, com destaque para a rabeca do violinista francês Nicolas Krassik. Entre fios e cordas, foi por pouco, mas esse pouco foi mais do que o suficiente para render muitos aplausos.

Por um triz

As grandes estreias e longas turnês viraram rotina. Tornou-se comum ao belorizontino aguardar o dia de ir ao Palácio das Artes, curioso sobre o novo espetáculo e ansioso para rever algum já aplaudido. Revisitá-los desperta sempre novas sensações, seja qual for a obra apresentada: “Bach”, de 1996, com a música de Marco Antonio Guimarães e um cenário quase futurista; a africanidade de “Benguelê”, na voz instrumento de João Bosco, de 1998; a sensualidade

O corpo muda com a vida, a vida muda com o corpo

Com a chegada dos 40 anos da companhia, novas mudanças. Depois de anos tendo Rodrigo como o condutor de todo o processo criativo das coreografias, Cassi Abranches, ex-bailarina, abriu os caminhos de uma nova década com o espetáculo “Suíte Branca”.

Para preencher a página foram escolhidas não as cores de “Prelúdios”, o escuro de “Breu”, ou terracota de “Missa do Orfanato”, mas o branco, a cor que reflete todas as outras. A trilha foi composta por Samuel Rosa e executada pelo Skank. Um grupo mineiro tradicional, de grande sucesso no cenário musical, mas que não deixou de trazer a inovação. A composição de Samuel para a peça é mais rock and roll, menos balé. O resultado é enérgico, dinâmico,

intenso. A resposta da trilha vem em movimentos iguais, numa angulação como a de um pêndulo que marca as horas, que anuncia um tempo que não para.

Porém, como é esperado, o passado e o presente conversam mais uma vez. A segunda coreografia desta data redonda é “Dança Sinfônica”, assinada por Rodrigo, o que evidencia ser esse momento não só uma transição, mas uma coexistência de épocas. Sua obra espia o passado, relembra todos que passaram pela companhia e tinge o palco de um vermelho barroco, sonorizado pela parceria sempre certeira com Marco Antônio Guimarães. O grupo musical Uakti, desta vez, gravou junto à Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. Mineiríssima parceria, como era a intenção. Por fim, a leveza e a força da obra ganharam seu máximo com a bailarina Silvia Gaspar, que permanece quase todo o tempo no ar — como se o futuro tirasse os pés do chão e lançasse voo para novos sonhos.



A dança que se mostra para além do movimento.



Gira: nos terreiros de umbanda o encantamento necessário para criar o balé.

A década 2015/2025

Neste ponto, aqui e agora, voltamos ao presente. Isso porque esta reportagem foi produzida no mês de agosto de 2025, especialmente para, modestamente, homenagear os 50 anos do Grupo Corpo.

Portanto, o próximo capítulo da saga da maior e mais importante companhia de dança contemporânea do Brasil se concentra nos balés que, literalmente, movimentaram os últimos 10 anos.

Gira

Em 2017, com a inquietude que lhe é peculiar — e sem se preocupar com a expectativa que ronda seus novos trabalhos —, a trupe belo-horizontina sacudiu o mundo da dança (inclusive o da própria companhia) com o emocionante espetáculo chamado Gira.

O Grupo Corpo foi buscar nos terreiros de umbanda o encantamento necessário para criar Gira, como explica o verbete de dicionário utilizado pela companhia em seu informe: “Gira, S.f.Bras [Do quimbundo njila, ‘giro’; do quicongonzila, ‘caminho’]. Nos candomblés angola-congo e na umbanda, roda de fiéis em que se cultuam com cânticos e danças rituais, ger. girando em círculo, as entidades (‘seres espirituais’) do terreiro ou centro. O mesmo que jira, enjira, canjira, corruptelas de Njila, Pambunzila, Bombojira, alguns dos nomes relacionados a Exu nos candomblés angola-congo.”

Assim, os ritos da umbanda inspiraram a estética cênica de Gira. Como pontua o Corpo, é Exu quem guia e atua como força propulsora do espetáculo. A partir daí, entraram em cena os onze temas musicais da trilha criada pela banda paulistana Metá Metá (“três ao mesmo tempo”, em iorubá), com a participação muito especial de Elza Soares.

Rodrigo Pederneiras esculpiu uma extraordinária coreografia, contando com a cenografia de Paulo Pederneiras (com quem assina a iluminação, a quatro mãos) e os figurinos de Freusa Zechneister.

Como explica a companhia, “riscadas por trios, duos ou solos brevíssimos, as formações de grupo (frequentemente em número de sete) serão recorrentes. Em uma trilha eminentemente rítmica, duas grandes respirações melódicas abrem espaço para a materialização de solos femininos imperiosos, dançados sobre a voz de instrumentos igualmente solitários”.

Desse modo, homenageando Exu – o mais humano dos orixás, o grande condutor dos cultos das religiões de matrizes africanas –, o Grupo Corpo encantou com sua Gira, alçando voos ainda mais consagradores ante as plateias do mundo.

Primavera

Nos tristes tempos passados sob o jugo da pandemia, enquanto os bailarinos faziam aulas remotas, o Corpo embarcou nas plataformas digitais, fazendo lives, disponibilizando gravações de balés e promovendo diversos eventos via internet.

Diante daquela implacável realidade, Rodrigo Pederneiras teve a ideia de criar peças curtas para as redes e chamou o compositor Paulo Tatit para discutir o projeto.

Tatit então mandou ao coreógrafo as músicas de Palavra Cantada, o consagrado espetáculo infantil criado por ele e por Sandra Peres — com quem forma a dupla que, àquela altura, completava 27 anos. Rodrigo selecionou 14 músicas e os dois compositores passaram a adaptá-las e remixá-las, com resultados que iam do jazz à percussão afro. A música infantil foi transportada para o universo adulto.

Nascido na pandemia, como ressalta o grupo, o balé Primavera incorporou — e, de certo modo, abraçou — as interdições do momento. “Houve somente três pas-de-deux”, disse Rodrigo Pederneiras. “Só se tocavam os bailarinos que são casais, e viviam juntos. O restante do espetáculo se desenvolveu em duos, trios, quartetos, e todos mantiveram distância entre si; houve somente uma cena com oito bailarinos”.

Apesar do distanciamento físico entre os bailarinos, na avaliação do grupo a sensação de proximidade ficou mais intensa — e os indivíduos ganharam maior destaque.

A ideia original de Rodrigo Pederneiras (criar peças curtas para a internet) acabou por moldar a construção

da cenografia. Paulo Pederneiras, diretor artístico e cenógrafo, explicou: “Quando vimos que havia ali um arco, um conceito, um espetáculo inteiro, eu já estava testando o uso de câmeras e decidi tirar partido dessa ideia”, esclareceu. “No espetáculo, posicionamos duas câmeras minúsculas à frente do palco, operadas da coxia, trabalhamos as projeções dos bailarinos em tempo real, projetadas numa tela de tule preto, atrás da cena”. Foi a primeira vez que a companhia usou o recurso em seus espetáculos.

No figurino, assinado por Freusa Zechmeiste, destacam-se as cores fortes — tons de amarelo, laranja, vermelho e verde — nos trajes das bailarinas e a vestimenta clássica e despojada dos homens, com suas calças pretas de corte social.

“Em Primavera, tivemos a chance de ver cada elemento da companhia de maneira mais focada, mais íntima”, resumiu Rodrigo. Na estreia do balé, em outubro de 2021, a compositora Sandra Peres declarou: “levar a nossa música para o universo adulto, com outro recorte, tem sido uma experiência fabulosa. É simplesmente um grande privilégio, é comovente ver o nosso trabalho vibrando, fisicamente, no balé do Grupo Corpo, onde passamos a enxergar a música. Ela se materializa”

Estância

Propulsionado por uma trajetória de grande sucesso, o Corpo já tinha experimentado as mais diversas formas de trabalhar, até que em 2023 viveu uma experiência inédita, quando a Los Angeles Philharmonic (por meio de seu regente titular e diretor artístico, o consagrado maestro venezuelano Gustavo Dudamel) lhe propôs um desafio.

Rodrigo Pederneiras criou a coreografia sobre a música de Estância, do compositor Alberto Ginastera (1916-1983), um dos compositores favoritos de Gustavo Dudamel, cuja obra está sempre presente nos concertos da Los Angeles Philharmonic.

Conforme explica a companhia, Rodrigo “engendrou uma coreografia que alterna conjuntos e grupos menores, transformando em desafio bem-sucedido a limitação de espaço no palco pela presença da orquestra. Toda a companhia dança, os 21 bailarinos, com cenas de tutti e também solos, pas-de-deux e grupos menores”. Assinados

por Janaina Castro, “os figurinos evocam as cores da terra e as formas emblemáticas da cultura dos Pampas, como os ponchos”.

Para Paulo Pederneiras, “é uma alegria constatar o reconhecimento do nosso trabalho por um dos mais importantes regentes da atualidade e uma das maiores orquestras do mundo”.

No Brasil, o balé foi apresentado com a Filarmônica de Minas Gerais, em três espetáculos na bela Sala Minas Gerais, em Belo Horizonte. Tratou-se do histórico primeiro encontro em palco entre a Filarmônica e o Corpo, que já tinham trabalhado juntos apenas em estúdio, quando a companhia comemorava 40 anos e foi gravada a Dança Sinfônica criada por Marco Antônio Guimarães.

Na época da apresentação de Estância, em agosto de 2023, o maestro Fábio Mechetti — diretor artístico e regente

titular — afirmou: “para exaltar ainda mais a celebração dos 15 anos da Filarmônica, nos unimos a um dos maiores patrimônios culturais mineiros, em matéria de seriedade, excelência e penetração, tanto em Minas quanto no exterior. A riqueza artística gerada pela soma de música e dança transforma positivamente nossa sociedade.”

Gil Refazendo

Depois de uma primeira trilha criada em 2019 por ninguém menos que o monstro sagrado Gilberto Gil — e que ganhou uma “primeira tradução cênica”, como disse a companhia, no balé Gil —, três anos depois), a parceria entre o compositor e a companhia de balé ressurgiu no palco.



Primavera: cada elemento da companhia visto de maneira mais focada e mais íntima.



Gil Refazendo: ideia de um renascimento, de um refazer, replantar, reconstruir.

Como explica o Corpo, a trilha voltou “em uma nova encarnação, no espírito de renovar, reconstruir, rever, reviver. Refazer”. O balé, todo reconstruído, não por acaso ganhou um novo nome, Gil Refazendo. Paulo Pederneiras então declarou: “não é somente uma nova coreografia: é um novo espetáculo. Embarcamos na ideia de um renascimento, de um refazer, replantar, reconstruir”.

Rodrigo Pederneiras disse que “a música é como um rio caudaloso, de correnteza forte”, e que disso resulta um espetáculo de alta intensidade. “Entrei nessa dinâmica, com grupos grandes em cena, em vez da prevalência de duos e trios. E não há chão — é uma energia que sobe”.

Vestidos de linho em tom cru, os bailarinos dançaram sob uma luz branca e desvelaram em cena variações “retrabalhadas” de canções clássicas como “Aquele Abraço”, “Realce”, “Tempo Rei”, “Andar com Fé”, “Toda Menina Baiana”, “Sítio do Pica-Pau Amarelo” e “Raça Humana”.

Gilberto Gil definiu quatro temáticas, ou quatro ambientes musicais: um choro instrumental; uma abordagem camerística (com inspiração “em Brahms ou Satie”, aponta ele); um terceiro momento de liberdade improvisadora e, finalmente, uma construção abstrata baseada em figuras geométricas: “círculo, triângulo, retângulo, pentágono, a volta ao círculo e finalmente a dissolução numa linha reta”, como explicou.

Paulo Pederneiras sintetizou o significado de Gil Refazendo: “embarcamos na ideia de um renascimento, de um refazer, replantar, reconstruir. Gilberto Gil, com sua metafísica, suas ideias e a fundamental militância em prol do meio ambiente se tornou uma perfeita tradução da necessidade de reconstruirmos o que foi arrasado, pôr de pé novamente o que desandou”. Além do mais, foi uma homenagem a Gil, por seus 80 anos de vida, completados justamente em 2022.



Estância: balé com a Los Angeles Philharmonic e com a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Maestros Gustavo Dudamel e Fábio Mechetti.

Piracema

A apresentação de Piracema em Belo Horizonte, entre os dias 27 e 31 de agosto no Palácio das Artes, arrebatou o público. Não é nenhuma novidade, muito pelo contrário, o público belo-horizontino sair extasiado do Grande Teatro do Palácio das Artes. A emoção proporcionada por Piracema teve como coadjuvante luxuoso o balé Parabolo, de 1997, com trilha de Tom Zé e Zé Miguel Wisnik.

A companhia lembra que a linda palavra que dá nome a esse balé comemorativo de seu meio século de existência nasceu das palavras tupis “pira” (peixe) e “cema” (subir). “Arriabação de peixes em grandes cardumes. Movimento migratório de peixes no sentido das nascentes dos rios, com fins de reprodução,” explica o dicionário.

Por fim, o Grupo arremata: “O peixe sobe a correnteza do rio, numa dura jornada, para chegar ao local da desova. Contra a força da corrente, contra os obstáculos, vence a urgência de criar e recomeçar o ciclo da vida. No ano de seu cinquentenário, o Grupo Corpo escolheu o fenômeno da piracema como símbolo de sua trajetória — uma viagem movida pelo irresistível desejo de criar, recriar e resistir, em sua brasiliade profunda e incontestável que deságua na linguagem universal da grande arte.”

Outra grande novidade é que a música foi concebida por Clarice Assad, a primeira mulher a compor para a companhia. “Foi minha primeira trilha, e logo com o gigantesco Grupo Corpo, do qual sou absolutamente fã”, disse ela. “Me sinto honrada e lisonjeada. Encaramos juntos um processo maravilhoso, que me ensinou muito”.

No embalo dessa trilha — que também contou com a participação do violonista Sérgio Assad, pai de Clarice — houve, segundo o Corpo, mais uma “inovação radical no método de trabalho dos dois criadores” (Rodrigo Pederneiras e Cassi Abranches coreógrafa residente da trupe). A partir de uma proposta do diretor artístico Paulo Pederneiras, a companhia foi dividida em dois grupos de onze bailarinos, e cada um dos coreógrafos criou e ensaiou independentemente todo o balé, para depois reunir e combinar as duas versões. Como um grupo não podia saber absolutamente nada que acontecia nos ensaios do outro, foram estabelecidos limites rígidos nos processos de trabalho. “Nossas duas visões se completam. Foi uma experiência riquíssima”, disse Rodrigo. “Deu um frio na barriga, mas topamos a proposta do Paulo e a dança cumpliu seu papel integrador”, completou Cassi.

A cenografia de Piracema é assinada por Paulo, que também cuidou da iluminação, com Gabriel Pederneiras. Novidades também nos figurinos, assinados pela dupla de designers Alva, formada pelos irmãos Susana Bastos, artista e estilista, e Marcelo Alvarenga, arquiteto.

O fato é que Piracema é mais uma obra de puro encantamento da companhia de Belo Horizonte, e certamente vai ganhar o mundo, emocionando diferentes pessoas e culturas.

Um depoimento de Clarice Assad resume o significado dessa obra que comemora os 50 anos da companhia: “no final das contas, foi um quebra-cabeças que o Corpo e eu montamos lado a lado, criando um panorama de evolução, mudança e revolução do mundo. E ainda não sabemos se caminhamos para uma utopia ou uma distopia. Mas o poder regenerativo da arte é real”.

Trabalho colaborativo

Os bailarinos suportam rotinas pesadas de ensaios, além de inúmeras viagens nacionais e internacionais, porém a leveza vem da união entre todos da companhia. O familiar existe, mas não apenas pautado por um sobrenome. O trabalho é colaborativo, não há solidão. Dança, música, luz, figurino, cenário, tudo se integra nas criações.

Em 50 anos de estrada, uma coisa é certa. A casa do Grupo Corpo é Belo Horizonte. Minas. O chão, a raiz de onde saem ideias que irão ganhar o mundo. “Não criamos quando estamos em turnês. O lugar da criação é em BH, em casa, onde podemos concentrar”, afirma Paulo.

Nesse sentido, eles terão sempre um pouco de “Maria Maria”, que acaba por descobrir que seu lugar é o mundo. Essa universalidade que parte do local persiste e parece estar ainda mais latente nos 50 anos de vida do grupo. Quando se evidencia o exemplo perfeito de mineiros que entenderam, atenderam, tomaram tento, avançaram, pelejaram, até que foram lá e fizeram, muito bem-feito, por sinal.



Piracema: no ano de seu cinquentenário, o Grupo Corpo escolheu o fenômeno da piracema como símbolo de sua trajetória.



Trabalhadora na lida no terreiro de café, em uma fazenda localizada na região do Alto Paranaíba.



O carro de boi
e o carreiro
que o conduz
pela estrada
do povoado de
Curimataí, no
norte de Minas
Gerais.

Nossa Senhora da Piedade, escultura barroca de Aleijadinho (datada de 1783), que está no Santuário Nossa Senhora da Piedade em Felixlândia (MG). É a única obra do gênio mineiro instalada na região dos Gerais.



Imagen de muitas cores do Viaduto de Santa Tereza, em Belo Horizonte.



Cézar Félix

Ser sertão e tão barroco nas Gerais

Por Euclides Guimarães

O nome composto do Estado de Minas Gerais ajuda a interpretar sua diversidade. A palavra “Minas” fala da mineração que, desde o século XVII, sem tréguas escava o chão em frentes exploratórias, abrindo estradas e cidades, definindo a vocação econômica principal de sua ocupação. Em “Gerais” pode-se incluir tudo o mais. Não há como falar de tudo, mas é necessário falar de mais.

Minas e Gerais não se excluem, completam-se. São partes de uma só coisa, mas não a mesma coisa. Nesse caso é como um mini Brasil, que também bem podia se chamar Brasis Gerais, formado em etapas, geografias e histórias diferentes, que se imiscuam numa (des)ordem complexa, um tipo de descontínuo em continuidade, feito em ondas, tempestades, calmarias, breves lembranças e longos esquecimentos, no balanço da terra remexida e dos ventos

modernizadores. Pujantes centros urbanos na civilização do ouro, tempo em que grandes cidades eram exceções, seguidos de tempos rurais magicamente escondidos em meio a intensos fluxos urbanizadores, efervescências culturais antes, depois ou mesmo concomitantes ao sossego de lugares onde o dia morre antes do anúncio crepuscular dos sinos, que ainda existem. As Gerais são por demais heterotópicas. Tinha muito sino, mas poucos ainda há; tinha ouro, água limpa, mata fechada, onça pintada, guará; tinha venda e vereda, buriti, pequi, curió, canarinho e sabiá — e de tudo o que tinha muito, resta pouco, mas ainda há.

Minas são da parte do que parte, daqui para o Rio, daqui para a Europa, daqui para a China, metalizando meio mundo, mas as Gerais, ensimesmadas, se agitam calmas sem sair do lugar, trazendo em vez de levar, experimentando o que aprendem e aprendendo com corriqueiras experimentações. São heranças do modo como se combinam as culturas e etnias que formam a experiência de ser

mineiro no mundo, cujas mais remotas origens estão no modo Macro-gê, dir-se-ia Macro-Gerais, de praticar a antropofagia: assimila-se o que vem de fora, deglute-se, internaliza-se, dá-se-lhe contornos sertanejos para diluir-se nos vales profundos ali de onde se erguem ora montes simétricos, ora picos pontiagudos. O sotaque e as interjeições do mineirêz, bem como a comida de influências incontáveis, são exemplos pulsantes dessa forma de aprender. Evidenciando a condição de lugar de escuta, denotam-se as influências das províncias fronteiriças, daí tem mineiro “abaianado”, tem mineiro capixaba, tem mineiro “apaulistado”, “agoianado” e “encariocado”. Tal mitemismo cultural é produto das gerais. E há aqueles que são só mineiros e nada mais? Uai, não sei não só, mas se tiver, é o das minas.

Eis, em suma, a real abissalidade dessa terra distante do mar: o mar é fundo, fundo pra saga de peixe; pra saga de gente, fundo mesmo é o sertão. De sertões e ex-sertões é que as Gerais se compõem. E sertões são profundezas cujos principais tesouros são as grandezas do ínfimo, invisíveis aos olhares varredores que contemplam superfícies. Nada contra as superfícies, que também delineiam belas paisagens, mas até nestas, há que se considerar o apelo da profundidade. O segredo ancestral do sertanejo se esconde num mundo de grotas e tocas, de bichos estranhos e de plantas retorcidas, terras de várias cores, beiras de rios, solos de pedras íngremes, córregos e cachoeiras, aos quais se soma uma névoa espiritual, de forma que o invisível se mostra, ao passo em que o visível, no mais das vezes, prefere se esconder. Nas palavras de seu maior menestrel “o sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena”.

O Guimarães de Riobaldo — ou seria o Riobaldo do Rosa? — é prova literária do caráter abissal do que se oculta nas entranhas das campinas e da alma sertaneja. O “Grande Sertão: Veredas” é o profuso relato monológico do fluxo de consciência de um vaqueiro sertanejo, personagem lapidar que, viajando pelo sertão, circula pela inquietude universal da condição humana, visitando com faminta serenidade o amor, a lealdade, a coragem, a bravura, o medo e a cautela, a religiosidade, a amizade, a vaidade, e outras vicissitudes que são as veredas das almas: “o sertão é dentro da gente”. Curioso é que sertão é o nome que os portugueses davam às grandes porções inexploradas de seu quinhão do novo mundo. Além do horizonte, existe o sertão. Nesse sentido, mesmo depois de pisado, de revirado e solapado, por exemplo, por processos predatórios de ocupação, o sertão permanece repleto de segredos. Nos cerrados e nas serras mora ainda uma biodiversidade que, espera-se, possa dar muito trabalho, além do que já vem dando, aos cientistas. E nos grotões perdidos do que ainda há, mora a gente que se projeta do ontem para propor jeitos mansos e sábios de viver o hoje e, quem sabe, o amanhã: estilos que se perderiam se de tudo não restasse o que, oxalá, ainda há.

É preciso o exercício barroco de inverter, dobrar e desdobrar para colher a atmosfera espiritual das Gerais, que são as minas e muito mais. Ser telúrico para universalizar, ser calado para expressar, ser sossego para agitar, ir ao velho para inovar. O barroco formador é também o que sustenta grande parte do que é peculiar à terra e à gente desta ‘cosmoprovíncia’.

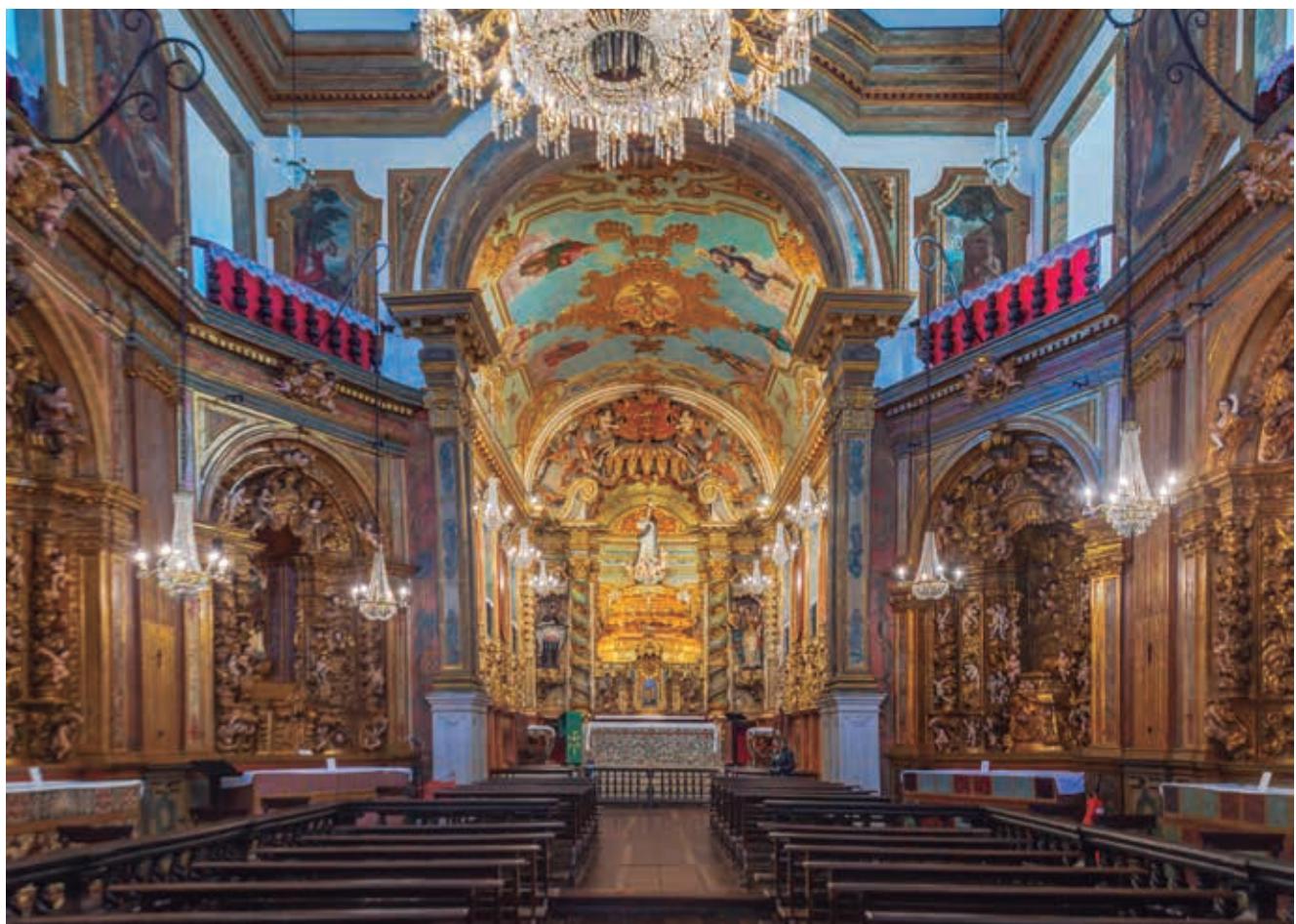
Há coisas que são arquetípicas, vêm de um passado distante que, mesmo quando radicalmente modificado, lega ao presente obscuras permanências. Acerca do Brasil, é o caso do clientelismo, herdado do sistema colonial, que há 500 anos mina instituições públicas brasileiras. É também o caso da carnavaлизação da vida, que remonta negras engraçadas imitando caricatamente as sinhás, travestidas temporariamente de seus algozes com seus podres poderes, na máscara, na fantasia, tirando largas risadas da gente oprimida que assim aprendeu a arte de rir da própria desgraça.

No caso de Minas, o sertão e o barroco são, a meu ver, forças arquetípicas que perpassam a experiência de ser mineiro no mundo.

Como o barroco é antigo, muitas vezes nos furtamos de perceber sua atualidade, por isso é perigoso só ver anjinhos e ornamentos rebuscados quando nele se pensa, mas barroco não é “estilo de época”, é um estado de espírito. E é isso o que ele foi desde o início, mas em algumas culturas, com forte poder de permanência. Nos longes do fim do século XVI, uma Europa enriquecida por ter colonizado meio mundo, mas ao mesmo tempo dividida por acirradas disputas entre os já instituídos Estados-Nacionais, é tomada pelas incertezas de um pensamento racionalista que começa a mostrar suas fragilidades. Compreender que o mundo é um cisco arredondado num universo infinito e que os sábios do passado, embora totalmente lógicos, estavam completamente equivocados, entre outros fatores, por julgar que éramos o centro, fez com que a ambiguidade tomasse o lugar da exatidão no pensamento, nas artes e na vida cotidiana. Nem mesmo a igreja era mais uma só, tudo começa a oscilar entre extremos e vem daí delicados contrapontos entre inquietudes e resignações. Produto de muitas culturas divididas e perdidas, o barroco é, tanto em essência, quanto no modo como se manifesta, multicultural. O barroco não é, ele “são”.

Num tal momento mental ouro e diamantes são encontrados no interior do Brasil e, em Minas, em meio ao tráfego de pedra e gente, também embarcam ideias e assim nasce mais um Barroco, destinado a ser arquétipo de uma nova cultura, que então se gestava. O signo da ambivalência cairia como uma luva àquela civilização cheia de contradições. Afinal de que outra forma servir tanto ao poder instituído, que incutia a obediência pelo medo, quanto às manifestações populares, que se criam na paródia e na conspiração?

Minas e Gerais não se excluem, completam-se. São partes de uma só coisa, mas não a mesma coisa.



Ir vindo, subir descendo, rebuscar para esconder vazios, prender e soltar, rezar pecando, pesquisar para confirmar, ou não, a eterna possibilidade do sim e do não, comichões mentais, abstrair para concretizar, esperar pelo inesperado, desesperar de fora pra dentro. Toda essa ‘barroquice’ foi reinventada na colônia desde a civilização do ouro, torneando assim os contornos próprios à experiência de ser mineiro no mundo.

Quem pode negar as dobras barrocas do relato existencial do sertanejo Riobaldo? O drama barroco com seu eterno medo e desejo de perder o foco, a “fuga” que, tomada por seu sentido musical, alimenta regatos de grande criatividade artística, além das mencionadas inquietudes da alma. A música mineira nunca se esquivou de seu compromisso barroco nem nos auditórios da velha Ouro Preto, nem nas seresteiras janelas de Diamantina, nem nas modas de viola que brotam de todos os cantos, nem nos acordes dissonantes do Clube da Esquina, nem nos contemporâneos, como o Baião Barroco de Juarez Moreira, ou os batuques harmônicos e contrapontos mágicos do Uakti, nem nas moçadas insurgentes do

barroco beat Graveola (para, continua, continua, para). Se saltássemos da música para outras artes também ouviríamos os ecos barrocos na dança, na arquitetura, nas artes cênicas e circenses, nas artes plásticas, no vídeo, no cinema, na cozinha, no grafite, no design, na fotografia e na moda. Para além das artes há uma criatividade amiúde nas atitudes, não nos festivais, mas na levada dos dias, especialmente nas cidades menores, nas microrregiões, na cultura do “causo” nas portas das vendas, mas também nos espaços boêmios das cidades maiores, como nos “desatinos da rapaziada” em alguns logradouros de Belo Horizonte. O carpe diem também é de essência barroca.

Por essas e por outras os ventos globais, sempre sujeitos a varrer sem dó as culturas regionais por onde sopram, quando chegam em Minas também fazem suas curvas, podendo assim ser contaminados por uma contemporaneidade dos séculos: o global e o local sempre se combinaram na complexa experiência de ser mineiro no mundo.

Euclides Guimarães é sociólogo e professor na PUCMinas.

No caso de Minas, o sertão e o barroco são forças arquetípicas que perpassam a experiência de ser mineiro no mundo.

A composite image featuring a woman with curly hair holding a smiling baby. In the upper left, there's a large, close-up view of a traditional woven basket made from green reeds or palm fronds, secured with red thread. In the bottom left corner, there's a smaller inset image showing two people in a laboratory setting, one wearing a white lab coat and mask, the other in a blue uniform.

Assembleia Legislativa
de Minas Gerais.

Orgulho de ser mineira, como você.

Minas é história e passado rico. Também é a terra de empresas inovadoras que transbordam fronteiras. É a força e o talento da sua gente, sempre maiores que as dificuldades. É congado e Grupo Corpo. É o artesanato do Jequitinhonha e a arte urbana no CURA. É vanguarda musical e roda de viola. São as cores de 853 municípios que espelham o Brasil. É Ouro Preto, Inhotim e belezas em todas as regiões do estado. É a agricultura familiar e o agronegócio que exporta para o mundo inteiro.

É disso que a gente tem orgulho. É esse lugar que a gente ama. E é esse povo, das Minas e das Gerais, que dá sentido ao trabalho dos deputados estaduais nos quatro cantos de Minas.

Acesse o QR Code



Confira o
trabalho dos
deputados
estaduais

almg.gov.br/final-de-ano



ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
DE MINAS GERAIS

Poder e voz do cidadão





CRT-MG

Conselho Regional dos Técnicos Industriais de Minas Gerais (CRT-MG)

Foto Divulgação/CRT-MG



Presidente Nilson Rocha: a atuação do técnico industrial é relevante em todas as áreas

Os técnicos industriais atuam nos mais variados segmentos econômicos, contribuindo para a execução, supervisão operacional, manutenção e detalhamento de projetos em áreas tão distintas como telecomunicações e metalurgia. E têm, também, papel fundamental no combate aos efeitos das mudanças climáticas e na preservação do patrimônio histórico e cultural.

- Leia a reportagem completa nessa edição especial e também no portal www.revistasagarana.com.br